

HOJE.

Jornal de domingo

José Siqueira:

Por um repertório brasileiro nos concertos musicais

EMAIS:

- João Pimentel Filho
A respeito de Herman Lima Pág. 2
- Luiz Silva Carvalho
Minha mercadoria é dinheiro Pág. 3
- Everaldo Vasconcelos
Caminhos do novo cinema nordestino Pág. 4
- Heronides Coelho Filho
O diabo e a psiquiatria Pág. 5
- Walter Galvão
A orgia dramática de Águia Mendes Pág. 6
- Reportagem
Os meninos de Mangabeira Pág. 7
- Ivonaldo Corrêa
Jangada recebe os clubes pesenses Pág. 8

□ □ □

Correio das Artes

O TRÁGICO EM JOSÉ LINS
Juares da Gama Batista - pag. 8

UM CRONISTA DO CANGAÇO

Fernando Melo - pag. 10

O ROMANCE POLÍTICO DO RECIFE

Virgínia da Gama e Melo - pag. 12

EM TORNO DE "BANGUÊ"

Olívio Montenegro - pag. 13

□ □ □

Revista NACIONAL

A PAIXÃO CAUSA INVEJA
Rubem Braga - pag. 3

O SONO DE JÂNIO

Sebastião Nery - pag. 5

AS URNAS NA ARGENTINA

Bartolomé Casas - pag. 7

JOANNA RECUSA O MITO

Jorge Martins - pag. 14

OPINIÃO

AURÉLIO, O BOM

Álvaro Ponzi - pag. 2

CRISTIANISMO PRÁTICO

Roberto P. de Mello - pag. 2

REPENSAR A EDUCAÇÃO

Júlio César Gonçalves - pag. 2

SUPERPOSIÇÃO DE FUNÇÕES

Carlos Chagas - pag. 2

Hotel desaba esmagando 110 pessoas



Foto de Orlan

As som de Foi Deus Quem Fez Você, milhares de pessoas sepultaram Luiz Ramalho

Povo canta músicas de Ramalho até cemitério

Três mil pessoas, aproximadamente, acompanharam, ontem ao final da tarde, o sepultamento do compositor paraibano Luiz Ramalho, que morreu no Hospital do I Grupamento de Engenharia, acometido de neureleucemia. O cortejo saiu da capela do Hospital Santa Isabel, onde o corpo foi velado durante todo o dia.

O féretro saiu às 17 horas, seguindo o trajeto até o cemitério Senhor da Boa Sentença, com centenas de pessoas acompanhando o cortejo a pé, chegando ao cemitério às 18:20 horas, onde um grande número de

pessoas esperava pelo corpo de Luiz Ramalho.

Durante o trajeto um serviço de alto-falante relembra momentos da vida do compositor e comunicava a hora do seu falecimento tendo como fundo musical comp. posições como *Foi Deus Quem Fez Você*, classificada em segundo lugar no MPB-80, da Rede Globo e *Veio Diáguas*, interpretada por Elba Ramalho.

No percurso até o cemitério novas pessoas se incorporavam ao cortejo enquanto outras, de suas janelas, viam-no passar. A medida em que o cortejo avançava o povo cantava acompa-

nhando o serviço de alto-falantes.

No cemitério, cerca de 500 pessoas já esperavam pela chegada do corpo do compositor, tornando difícil o acesso, até para os familiares, ao túmulo. Antes de descer à sepultura, o povo em coro pediu para que o caixão fosse aberto. Logo após, em coro novamente, o povo cantou versos de *Foi Deus Quem Fez Você*, seguidos de cânticos religiosos, que diziam: "Senhor, é impossível não crer em ti, é impossível não te encontrar, é impossível não fazer de ti meu ideal". (Tudo sobre Luiz Ramalho, na Página 5)

"Zona azul" implantada no comércio

A partir de amanhã, a Empresa Municipal de Urbanização - URBAN - estará implantando o estacionamento "Zona Azul" nas ruas Maciel Pinheiro, Barão do Titiú e Beatarepaire. A implantação deste novo estacionamento tem a finalidade de atender a solicitação do público e, sempre com o intuito de melhor servir a população.

Como se sabe, a implantação do estacionamento Zona Azul, realizada recentemente na Paraíba, mais particularmente em João Pessoa, vem recebendo os maiores elogios da população, a ponto de URBAN vir recebendo, diariamente, mensagens de agradecimento pela iniciativa do Estado.

Um dos setores mais beneficiados até o presente momento com o estacionamento Zona Azul, está sendo a Av. Duque de Caxias, no Centro da Cidade onde afli o maior número de veículos nesta capital, e os engarrafamentos eram constantes.

Terreiros fazem festa para Oxum

Será realizada hoje a partir das 14 horas, a Festa de Oxum, que reunirá terreiros da Paraíba e de outros Estados, totalizando 630, no Rio Gramame, ao lado da Ponte Velha. A festa será preparada pelo arquiencenário Carlos Lesa, da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba.

A festa, segundo explicou Carlos Lesa, será uma celebração religiosa invocando os poderes de Mamã Oxum, que é a Senhora do Amor, do perfume, da beleza e dominadora dos ros, ocasião em que são solicitados os poderes benéficos que são despendidos por Oxum. Deseja ainda que Oxum é filha predileta de Iemanjá, Senhora dos Mares, e de Ortilai.



O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, Luiz Sande, revelou sexta-feira em Sapé que a instituição recusa para a Paraíba em 1982 recursos compatíveis com suas necessidades, para que ocorra no Estado a descentralização do desenvolvimento econômico. No ocasião, o presidente do BNDE disse que o governador Tarcísio Burty é um dos maiores administradores revelados neste quadrinho. (Página 8)

Governador encerra a IV Convenção

"O problema do Nordeste não pode ser resolvido por um Governo, apenas e não foi provocado apenas por um determinado Governo. Nós vamos mostrar que há como que uma acumulação de erros que vem desde bastante tempo, que tem seu início por fim do século passado com o final do Império lido da República, quando o café se torna a principal fonte de divisas do Brasil".

Desta forma, o governador Tarcísio Burty levantou o ponto mestre da tese defendida durante a conferência de encerramento da IV Convenção de Lojistas do Nordeste, que se encerrou, ontem, a noite, no Hotel Taubaté, com um jantar de confraternização oferecido a todos os participantes.

Normalizada venda do gás de cozinha

Com um aumento de 11,3 por cento (de Cr\$ 334 para Cr\$ 400), na compra através de pontos revendedores, o gás de cozinha tornou a abastecer o mercado local desde ontem, depois ter escasseado durante mais de três dias, não somente em João Pessoa, mas também em todo o Estado.

Os pontos revendedores do produto foram reabastecidos ontem pela manhã. O navio cargueiro *Jatá* chegou a Cabedelo no final da tarde da sexta-feira passada, trazendo consigo um carregamento de 1.200 toneladas de gás botânico, o suficiente, segundo a distribuidora Nordeste Saneamento, para abastecer todo o Estado durante mais 15 dias. Depois de decorrido esse tempo, outro carregamento, nas mesmas proporções chegou a Cabedelo.

A falta de gás de cozinha na Paraíba, verificada nos últimos dias foi motivada pelo atropelamento do *Jatá*, que deveria ter descarregado o produto já há vários dias. O motivo do atropelamento, que saiu da cidade de Maritipe, na Bahia, não foi revelado pela transportadora.

Kansas City, - Dois gigantescos corredores suspensos sobre um salão do Hotel Hustt Regency desta cidade caíram ontem a noite ocasionando a morte de 110 pessoas.

Informou-se que ainda não foram determinadas as causas do acidente. Centenas de pessoas caíram com os escombros devido com o corredor do quarto andar, provocando a queda de outro corredor, caindo sobre a recepção do Hotel.

Um inspetor de edifícios da Prefeitura disse que os corredores podiam suportar a circulação normal de pessoas "mas talvez não de tanta gente parada ou dançando".

Ào anoitecer de ontem, cerca de 1.500 pessoas enchem o corredor do quarto andar, algumas delas dançando ao compasso de "Saltin Doll" de Duke Ellington, quando repentinamente a passarela de 75 metros de comprimento e 10 de largura despençou provocando a queda de outro corredor.

Testemunhas disseram que se ouviu um "estruído" antes do

colapso dos corredores atapetados, apoiados no ar por vigas suspensas por colunas. Quando caíram destruíram os encanamentos de água, que inundou a sala.

Algumas pessoas que estavam paradas no corredor inferior foram esmagadas. Na noite de recepção do Hotel, sobre a qual os corredores foram erguidos - havia nesse momento cerca de duas mil pessoas.

Dezenas de corpos foram tirados do local pela polícia de resgate e levados a rua e à entrada do Hotel. As ambulâncias, carros policiais e ônibus levaram as vítimas aos hospitais.

O Hotel de 40 andares e 733 apartamentos, que foi inaugurado no ano passado, foi esmagado imediatamente após o acidente enquanto as patrulhas de resgate trabalhavam. Durante toda a noite cerca de mil voluntários, bombeiros e enfermeiros procuraram limpar o local. Cerca de 10 pessoas foram resgatadas vivas ontem mas os últimos 31 corpos estavam cobertos esmagados pelo cimento, alguns mutilados.

Ubiratan nega denúncia contra agentes do Fisco

O Secretário das Finanças do Estado, Marcos Ubiratan, afirmou ontem que "não tem a mínima procedência a notícia publicada na edição de O Norte da última sexta-feira, onde diz que "Agentes do fisco amedrontam os comerciantes de Esperança".

"Confirmando, no entanto, disse Marcos Ubiratan, - que na última quarta-feira, os agentes do comando fiscal localizaram em um bar situado naquela cidade, mercadorias tais como cerveja e outras bebidas alcoólicas em estabelecimento comercial não inscrito na Coletoria (dandestino) e procuraram receber do seu proprietário, o tributo devido com a multa correspondente prevista em lei, no valor global de Cr\$ 6.400,00, tendo o proprietário informado que iria obter recursos para o pagamento, retirando-se do estabelecimento e não mais retornando", acrescentou.

"Diante do impasse surgido, os agentes fiscais não tiveram a alternativa senão fazer a apreensão das mercadorias, transportando-as para a Coletoria Estadual, como garantia do imposto", enfatizou o titular das Finanças, ao alegar que não se "registrou qualquer ação contra o proprietário do estabelecimento, visto que o estabelecimento não ocorrendo também qualquer dano ao carro oficial".

Segundo Marcos Ubiratan, o Fisco adotou um procedimento correto, exigindo o cumprimento da legislação tributária em vigor, inclusive, confirmado posteriormente pelo proprietário do estabelecimento, quando recorreu a Coletoria para regularizar o seu negócio, "sendo, portanto, inverídicas as notícias contidas no Jornal", esclareceu Ubiratan.

Com a celebração de uma missa e entrega de taças terminou ontem a Olimpíada Marista Brasil Norte, no Colégio da Lurdina, às 17 horas, com a participação de todas as equipes concorrentes.

Cerca de 1.300 estudantes vieram a João Pessoa participar da Olimpíada, durante a qual foram realizados jogos de Basquete, vôleibol, handebol, natação, futebol de salão, atletismo.

Paraí, Alagoas, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, foram os estados participantes, cujas equipes representantes possuíam componentes

idade de 9 a 18 anos.

O objetivo da premiação das Olimpíadas Maristas foi um espírito esportivo, e assim durante o período de 12 a 13 de julho, os atletas obedeceram a seguinte programação: por manhã horário para reflexão, à tarde competições esportivas e atividades culturais.

Durante a celebração da missa foi feita uma homenagem ao compositor Luiz Ramalho, que estava sendo enterrado naquele momento. A música "Foi Deus quem fez você" foi tocada e cantada pelos estudantes.

Pará, Alagoas, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, foram os estados participantes, cujas equipes representantes possuíam componentes

idade de 9 a 18 anos.

O objetivo da premiação das Olimpíadas Maristas foi um espírito esportivo, e assim durante o período de 12 a 13 de julho, os atletas obedeceram a seguinte programação: por manhã horário para reflexão, à tarde competições esportivas e atividades culturais.

Durante a celebração da missa foi feita uma homenagem ao compositor Luiz Ramalho, que estava sendo enterrado naquele momento. A música "Foi Deus quem fez você" foi tocada e cantada pelos estudantes.

Entrega de taças fecha olimpíada dos maristas

Com a celebração de uma missa e entrega de taças terminou ontem a Olimpíada Marista Brasil Norte, no Colégio da Lurdina, às 17 horas, com a participação de todas as equipes concorrentes.

Cerca de 1.300 estudantes vieram a João Pessoa participar da Olimpíada, durante a qual foram realizados jogos de Basquete, vôleibol, handebol, natação, futebol de salão, atletismo.

Paraí, Alagoas, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, foram os estados participantes, cujas equipes representantes possuíam componentes

idade de 9 a 18 anos.

O objetivo da premiação das Olimpíadas Maristas foi um espírito esportivo, e assim durante o período de 12 a 13 de julho, os atletas obedeceram a seguinte programação: por manhã horário para reflexão, à tarde competições esportivas e atividades culturais.

Durante a celebração da missa foi feita uma homenagem ao compositor Luiz Ramalho, que estava sendo enterrado naquele momento. A música "Foi Deus quem fez você" foi tocada e cantada pelos estudantes.

Pará, Alagoas, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, foram os estados participantes, cujas equipes representantes possuíam componentes

idade de 9 a 18 anos.

Entrega de taças fecha olimpíada dos maristas

NOTÍCIAS MILITARES

Maria de Oliveira

Sos

"A Polícia Militar da Paraíba, órgão de Segurança do Estado, teve desde o seu nascimento a finalidade de proporcionar a sociedade paraibana, aquela que ela mais necessita para o seu desenvolvimento, que é a sua segurança.

Por muito e muitos anos, essa Organização usou mais a força do que a lógica no desempenho de sua difícil missão. Com o decorrer do tempo e a evolução social também a organização policial procurou evoluir e a aperfeiçoar-se para uma melhor integração no seio da sociedade.

Apesar dos esforços enviados, pelo muito que tem conseguido a Polícia Militar, no campo da tecnologia e no selecionamento do seu material humano, essa organização tem sido por vezes mal compreendida, e a razão maior dessa incompreensão, é a infeliz herança do rastro nefasto, deixado por seus elementos que passaram por seus fileiras, muitos destes, expulsos ou licenciados a bem da disciplina; eles se vão mas a imagem negativa dos seus atos perante a sociedade, é o que resta para a organização, e a triste realidade com que se depara a Polícia Militar, qual a sua finalidade maior, que é prestar segurança a sociedade.

Se o presente pedido de socorro for atendido pelos pais e mestres teremos em breve uma sociedade que compreenderá a razão da existência da Polícia Militar, e certamente reconhecerá o papel desempenhado pelo policial-militar, e esse reconhecimento será realmente gratificante, como prêmio pelos esforços e pelo sacrifício desempenhado vinte e quatro horas do dia, em benefício da comunidade, particularmente no que diz respeito a Campina Grande, onde o SOS está sendo lançado pelo II Batalhão de Polícia Militar, "O GUARDIÃO DA BORBOREMA".

(2) Tenente Francisco Marcelino de Lucena - Transcrito de "Vanguarda" órgão do Serviço de Relações Públicas do II BPM - C. Grande)

Aciso

Comença na próxima terça-feira, dia 21, um exercício de adaptação da tropa do 15º Batalhão de Infantaria Motorizada, na Região de Gurugi, município de Conde, e, simultaneamente, uma Ação Cívico-Social (ACISO) para atendimento a população carente daquela localidade.

Desta feita, enjagados a esse meritório trabalho social do "Vital de Negreiros", técnicos do MORAL/PB, começam amanhã a mobilização da comunidade, a ser assistida por uma equipe de universitários da Área de Saúde da Universidade Federal da Paraíba, com a participação especial da Enfermeira Valkiria Costa Xavier, que fará palestras sobre higiene e saúde, cabendo a FUSEP o encargo do fornecimento dos medicamentos.

Um trabalho de integração social que une civis e militares em prol da comunidade mais carente.

Mensagem

"A vida do homem não consiste na abundância daquilo que possui, mas na abundância dos benefícios que espere e secria, atendendo aos desígnios do Supremo Senhor". (EMMANUEL).

Bingo

Com o sorteio de diversos veículos "zero quilômetro", inclusive um caminhão, o Clube dos Oficiais da Polícia Militar da Paraíba faz, a partir das 13:00 horas de hoje, no "Almeidão", um convidativo Bingo.

Vale a pena tentar. Vamos lá minha gente.

Uma data Nossa

Dia 1º de Agosto de 1981: 40 Anos do 15º Batalhão de Infantaria Motorizada. Uma festa do Exército; do reservista do "Vital de Negreiros", do povo, da Paraíba, de todos nós.

Marinha Mercante

A Capitania dos Portos do Estado da Paraíba, vai abrir no dia 3 de agosto próximo, inscrições para o Concurso de Oficial da Marinha Mercante.

Poderão se inscrever jovens que concluíram o segundo grau ou que estejam cursando o terceiro ano científico ou equivalente, na faixa etária de 16 a 24 anos incompletos. A primeira prova está prevista para o dia 14 de outubro (Matemática) na Escola Técnica Federal da Paraíba.

Melhores informações serão prestadas aos interessados, na Capitania dos Portos, nos horários normais de expediente.

Uma oportunidade excelente para os jovens que gostam da vida do mar, com bom salário e um bom futuro.



Secretário Aloysio Pereira assinando liberação dos recursos

Serra da Raiz vai ter hospital com 15 leitos

Serra da Raiz (A União) - O parlamentar Assis Camelo conseguiu junto ao Governo do Estado, através da Secretaria da Saúde, a liberação de recursos no valor de Cr\$ 5 milhões, destinados à transformação do Centro de Saúde num hospital com capacidade para 15 leitos.

A assinatura para a liberação dos recursos ocorreu no gabinete do secretário Aloysio Pereira, da Saúde, na presença do diretor executivo da Fundação, Romildo Domingues, prefeito José Almeida, deputado Assis Camelo, vereadores e demais lideranças políticas da comunidade.

Dentro de alguns meses os habitantes de Serra da Raiz e cidades circunvizinhas terão uma melhor assistência médica, em termos cirúrgico e hospitalar, sem precisar que os enfermos se deslocem para outras cidades para poderem ser atendidos e medicados.

Prefeito Antônio Alves é denunciado por candidato

Caicara (A União) - O candidato a prefeito dessa cidade nas próximas eleições, Luciano Cunha, enviou carta à redação de A UNIÃO denunciando as irregularidades que vêm ocorrendo no município. Segundo ele, o prefeito Antônio Alves quis entregar o cargo ao vice-prefeito Josemar Gomes, que não aceitou, inclusive a "Rádio Cultura de Guarabira foi assistir à transmissão do cargo e foi surpreendida com a afirmação de que seus irmãos não queriam que ele entregasse a Prefeitura".

Acrescentou que "todos sabem o motivo que o seu vice-prefeito não queria pegar esse barco". Na carta ele denuncia que o desprezo de Caicara "é tão grande que tem dois postos de saúde no município e vivem fechados, um é no distrito de Logradouro e outro no Braga". Segundo ele, o prefeito não quer reabrir os postos porque "os

citados distritos são região política do PDS".

"O que é mais gritante é uma professora do município ganhar a irrisória quantia de Cr\$ 230,00 por mês. Enquanto isso sua família é dona dos melhores cargos na Prefeitura: sua esposa é funcionária chefe, sua cunhada é tesoureira, seu primo é secretário geral da Prefeitura, sua irmã é supervisora do Moral, em resumo toda família do prefeito de Caicara está nos melhores cargos", adiantou.

Finalizando ele denunciou que o prefeito comprou mais uma Caravan e "até o presente momento os senhores vereadores não têm conhecimento desse carro. A Câmara de Vereadores funciona na casa do prefeito, eu culpo também os três vereadores do PDS que não protestam estes atos praticados pela administração do sr. prefeito Antônio Alves Sobrinho.

Associação Universitária promove semana em Catolé

Católe do Rocha (A União) - A Associação Universitária de Catolé do Rocha - AUCR -, que tem à frente o estudante de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, Filônio Ribeiro Filho, estará promovendo, no período de 25 de julho a 1ª de agosto, a 12ª Semana Universitária de Catolé do Rocha, cuja programação será constituída de palestras, apresentação de peças teatrais, grupos de dança e repentistas, shows com artistas paraibanos, feira artesanal, jogos, além de bailes.

A programação da 12ª Semana Universitária de Catolé do Rocha será a seguinte: palestras com Antonio Arciola, coordenador da Oficina Literária do Estado; e com os estudantes e doutorandos de Medicina; exposição dos quadros do artista plástico Chico Ferreira; apresentação das peças teatrais "Perdidos na Floresta Brasileira", dirigida por Ednaldo do Egito, e "O dia em deu elefante", de Marcos

Tavares, com o grupo do Teatro Santa Roza.

Ainda será apresentado o grupo Dança Livre, do Teatro Santa Roza, com o espetáculo "Raça", sob a direção de Zé Farias. Os artistas Chico César, Paulo Rê, Jaiel de Assis, Jorge Negão e Escurinho, além de Flávio Eduardo (Fuba), e Mozart, farão shows na praça central de Catolé do Rocha. Também será realizada a Feira Artesanal, com exibição dos trabalhos de artistas da cidade e da região, e shows com repentistas.

Além da parte de artes, a programação constará ainda de jogos universitários, olimpíadas estudantis, desfile e bailes, estes últimos serão realizados nos dias 25 e 31 de julho e 1º de agosto. Este ano, a 12ª Semana Universitária tem o apoio da Imal, DGC, Francisco Evangelista, Tipografia Dom Vital, Café Catolé, Fazenda Panorâmica, Revanche, Mercado das Malhas e Hotel Pedro Américo.

Renato e Seus Blue Caps fará show em Mamanguape

Mamanguape (A União) - Já está confirmada a presença do conjunto Renato e Seus Blue Caps - um dos grupos musicais mais antigos e solicitados do país - na festa da turma de concluinte da 8ª série do Instituto Moderno, de Mamanguape, no próximo dia 26. O baile começará às 21 horas e só terminará após as três da madrugada.

Tudo ficou acertado entre os organizadores da festa e o empresário do grupo no começo da semana, quando foram mantidos os últimos contatos. Renato e Seus Blue Caps to-

carão durante o baile músicas de seu repertório, incluindo músicas do tempo da Jovem Guarda e dos seus discos mais recentes.

Para maior descontração da festa, os organizadores decidiram estabelecer o traje esporte para rapazes e moças. Quem não tiver convite poderá adquirir o individual no próprio Colégio, onde o baile se realizará. Um serviço completo de bar já foi contratado e, para maior segurança dos participantes um contingente policial permanecerá no local do início ao fim da festa.

Juazeirinho inaugurará seu conjunto

Juazeirinho (A União) - Dentro de breves dias será oficialmente inaugurado nesta cidade um mini conjunto habitacional com 104 novas residências, ora em fase de conclusão, pela Companhia Estadual de Habitação Popular - Cehap, segundo informou o parlamentar Assis Camelo.

Por outro lado, o deputado Assis Camelo conseguiu junto ao Governo do Estado, através da Secretaria do Planejamento, a autorização para a eletrificação do populoso distrito de Barra do Juazeirinho, que desde gestões anteriores vem sendo uma velha aspiração dos habitantes daquela localidade.

Comunidade reclama da repitidora

Cajazeiras (A União) - Vários populares estão denunciando a má captação do sinal da repitidora de televisão nessa cidade. Segundo eles, o problema vem se agravando há mais de dois anos e até agora nada de concreto foi feito, "só medidas paliativas".

Um espécie de misantropia, de lassidão moral afasta às vezes, do resto da humanidade, os bons espíritos. É necessário reagir contra essa tendência para o insulamento; devemos considerar tudo que há de grande e belo no ser humano, devemos recordar-nos de todos os sinais de afeto, de todos os atos benéficos de que temos sido objeto. Quando um ser humano separado dos seus semelhantes, privado da família e da pátria? Um ente inútil e desgraçado. Suas faculdades se estiolam, suas forças se enfraquecem, a tristeza o invade. Não se pode progredir isoladamente. É imprescindível viver com os outros homens, ver neles companheiros necessários. O bom humor constitui a saúde da alma. Daxemos o nosso coração abrir-se às impressões sãs e fortes. Amemos para irmos amados.

Se nossa simpatia deve abranger a todos os que nos rodeiam, seres e coisas, a tudo que nos ajuda a viver e mesmo a todos os membros desconhecidos da grande família humana, que amor profundo, inalterável, não devemos aos nossos genitores: ao pai, cuja solicitude manteve a nossa infância, que por muito tempo trabalhou em apianar a rude verdade da nossa vida; a mãe que nos acalentou e nos reaqueceu em seu seio, que velou com ansiedade os nossos primeiros passos e as nossas primeiras dores! Com que carinhosa dedicação não deveremos rodear-lhes a velhice, reconhecer-lhes o afeto e os cuidados assistenciais.

A pátria também devemos o nosso concurso e o nosso sacrifício. Ela recolhe e transmite a herança de numerosas gerações que trabalharam e sofreram para edificar uma civilização de que recebemos os benefícios ao nascer. Como guarda dos tesouros intelectuais acumulados pelas idades, ela vela pela sua conservação, pelo seu desenvolvimento; e, como mãe generosa, os distribui por todos os seus filhos. Esse patrimônio sagrado, ciência e artes, leis, instituições, ordem e liberdade, todo esse acervo produzido pelo pensamento e pelas mãos dos homens, tudo o que constitui riqueza, a grandeza, o gênio da nação, é compartilhado por todos os filhos. Se não o nosso deveres para com a pátria na medida das vantagens que auferimos. Sem ela, sem essa civilização que ela nos lega, não seríamos mais que selvagens.

Entramos a memória desses que têm contribuído com suas vigilâncias e com seus esforços, para reunir e sustentar essa herança; veneremos a memória dos heróis que têm defendido a pátria nas ocasiões críticas, de todos esses que têm, até a hora da morte, proclamado a verdade, servido à justiça, e que agora gozamos.

O amor, profundo como o mar, infinito como o céu, abraça todas as criaturas. Deus é o seu foco. Assim como o sol se projeta, sem exclusões, sobre todas as coisas e reaquece a natureza inteira, assim também o amor divino vivifica todas as almas; seus raios, penetrando através das trevas do nosso egoísmo, vão iluminar com trêmulos clarões os reconditos de cada coração humano. Todos os seres se criaram para amar. As partículas da sua moral, os germes de bem que em si repousam, fecundados pelo fogo supremo, se expandem algum dia, florescerão até que todos sejam reunidos numa única comunhão do amor, numa só fraternidade universal.

Quem quer que sejais, nós que ledes estas páginas, sabe que nos encontraremos algum dia, quer neste mundo, nas existências vindouras, quer em outra terra, em outra vida, em outros dos espaços; sabe que somos destinados a nos influenciarmos no sentido do bem, a nos ajudarmos na ascensão comum. Filhos de Deus, membros da grande família dos espíritos, marcados na fronte com o sinal da imortalidade, todos somos irmãos e estamos destinados a nos conhecermos, a nos unirmos na santa harmonia de todas as coisas, longe das paixões e das grandezas luxuriantes da Terra. Enquanto esperamos esse dia, que meu pensamento se estenda sobre vós como testemunho de terna simpatia; que ele vos ampare nas dúvidas vos console nas dores, vos conforte nos desfalecimentos, e que se junte ao vosso próprio pensamento para pedir ao Pai comum que nos auxilie a conquistar um futuro melhor.

Segundo comentários no meio estudantil, existe um movimento da classe para lançar o nome de Irismar a uma vaga na Casa de Otacílio Jurema, dessa cidade, no próximo pleito, apesar deste ainda não ter se filiado a nenhuma sigla partidária, o que, segundo se comenta, deverá ocorrer nas próximas horas.

1981: ANO BRASILEIRO DE PREVENÇÃO DO GLAUCOMA

A Caminho da Luz

O Amor

León Denis

O amor é a celeste atração das almas e dos mundos, a potência divina que liga os Universos, os governa e fecunda; o amor é o olhar de Deus!

Não se designe com tal nome a ardente paixão que ataca os desejos carniais. Esta não passa de uma imagem, de um grosseiro simulacro do amor. O amor é o sentimento superior em que se fundem e se harmonizam todas as qualidades do coração; é o coroamento das virtudes humanas, da doçura, da caridade, da bondade; é a manifestação na alma de uma força que nos eleva acima da matéria, até alturas divinas, unindo todos os seres e desperdando em nós as felicidades íntimas que se afastam extraordinariamente de todas as voluptades terrestres.

Amar é sentir-se viver em todos e por todos; é consagrar-se ao sacrifício até a morte, em benefício de uma causa ou de um ser. Se quiserdes saber o que é o amor, considerai os grandes vultos da Humanidade e, acima de todos, o Cristo, o amor encarnado, o Cristo, para quem o amor era toda a moral e toda a religião. Não disse ele: "Não vos ameis uns aos outros?" Por essas palavras, o Cristo não exige da nossa parte uma afecção que nos seja impossível, mas sim a ausência de todo o ódio, de todo desejo de vingança, uma disposição sincera em ajudar nos momentos precisos aqueles que nos afligem, estendendo-lhes um pouco de auxílio.

Uma espécie de misantropia, de lassidão moral afasta às vezes, do resto da humanidade, os bons espíritos. É necessário reagir contra essa tendência para o insulamento; devemos considerar tudo que há de grande e belo no ser humano, devemos recordar-nos de todos os sinais de afeto, de todos os atos benéficos de que temos sido objeto. Quando um ser humano separado dos seus semelhantes, privado da família e da pátria? Um ente inútil e desgraçado. Suas faculdades se estiolam, suas forças se enfraquecem, a tristeza o invade. Não se pode progredir isoladamente. É imprescindível viver com os outros homens, ver neles companheiros necessários. O bom humor constitui a saúde da alma. Daxemos o nosso coração abrir-se às impressões sãs e fortes. Amemos para irmos amados.

Se nossa simpatia deve abranger a todos os que nos rodeiam, seres e coisas, a tudo que nos ajuda a viver e mesmo a todos os membros desconhecidos da grande família humana, que amor profundo, inalterável, não devemos aos nossos genitores: ao pai, cuja solicitude manteve a nossa infância, que por muito tempo trabalhou em apianar a rude verdade da nossa vida; a mãe que nos acalentou e nos reaqueceu em seu seio, que velou com ansiedade os nossos primeiros passos e as nossas primeiras dores! Com que carinhosa dedicação não deveremos rodear-lhes a velhice, reconhecer-lhes o afeto e os cuidados assistenciais.

A pátria também devemos o nosso concurso e o nosso sacrifício. Ela recolhe e transmite a herança de numerosas gerações que trabalharam e sofreram para edificar uma civilização de que recebemos os benefícios ao nascer. Como guarda dos tesouros intelectuais acumulados pelas idades, ela vela pela sua conservação, pelo seu desenvolvimento; e, como mãe generosa, os distribui por todos os seus filhos. Esse patrimônio sagrado, ciência e artes, leis, instituições, ordem e liberdade, todo esse acervo produzido pelo pensamento e pelas mãos dos homens, tudo o que constitui riqueza, a grandeza, o gênio da nação, é compartilhado por todos os filhos. Se não o nosso deveres para com a pátria na medida das vantagens que auferimos. Sem ela, sem essa civilização que ela nos lega, não seríamos mais que selvagens.

Entramos a memória desses que têm contribuído com suas vigilâncias e com seus esforços, para reunir e sustentar essa herança; veneremos a memória dos heróis que têm defendido a pátria nas ocasiões críticas, de todos esses que têm, até a hora da morte, proclamado a verdade, servido à justiça, e que agora gozamos.

O amor, profundo como o mar, infinito como o céu, abraça todas as criaturas. Deus é o seu foco. Assim como o sol se projeta, sem exclusões, sobre todas as coisas e reaquece a natureza inteira, assim também o amor divino vivifica todas as almas; seus raios, penetrando através das trevas do nosso egoísmo, vão iluminar com trêmulos clarões os reconditos de cada coração humano. Todos os seres se criaram para amar. As partículas da sua moral, os germes de bem que em si repousam, fecundados pelo fogo supremo, se expandem algum dia, florescerão até que todos sejam reunidos numa única comunhão do amor, numa só fraternidade universal.

Quem quer que sejais, nós que ledes estas páginas, sabe que nos encontraremos algum dia, quer neste mundo, nas existências vindouras, quer em outra terra, em outra vida, em outros dos espaços; sabe que somos destinados a nos influenciarmos no sentido do bem, a nos ajudarmos na ascensão comum. Filhos de Deus, membros da grande família dos espíritos, marcados na fronte com o sinal da imortalidade, todos somos irmãos e estamos destinados a nos conhecermos, a nos unirmos na santa harmonia de todas as coisas, longe das paixões e das grandezas luxuriantes da Terra. Enquanto esperamos esse dia, que meu pensamento se estenda sobre vós como testemunho de terna simpatia; que ele vos ampare nas dúvidas vos console nas dores, vos conforte nos desfalecimentos, e que se junte ao vosso próprio pensamento para pedir ao Pai comum que nos auxilie a conquistar um futuro melhor.



Médicos e dentistas do Exército e da Universidade Federal da Paraíba, estão a partir da próxima 3ª feira participando do ACISO do 15º Bf Mz. na área de Gurugi, município do Conde.

ESTADO DA PARAIBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE
CAHEDELO
GABINETE DO PREFEITO

CONVITE

Convidamos os Srs. RUBENS JOSÉ FRANCISCO, GILVAM DE BARROS e JOSÉ DOMINGOS DOS SANTOS, funcionários desta Prefeitura, para retornarem às suas atividades profissionais dentro de oito (8) dias, sob pena de serem demitidos em virtude de suas ausências por mais de trinta (30) dias consecutivos.

Cahedelo, 10 de julho de 1981

Mº do Socorro Fernandes Pereira
Chefe da Divisão do Pessoal



LOTERIA ESPORTIVA

Cartões que não concorreram de acordo com os relatórios dos computadores (Art. 1º, Parágrafo 1º da Norma Geral dos Concursos de Prognósticos Esportivos). Os apostadores, cujos números dos cartões constam da presente publicação e que não tenham sido substituídos por outros, devem solicitar, dos respectivos revendedores a devolução da importância paga.

Teste nº 556

PARAIBA

COD. REV. NO. CARTÃO NO. CARTÃO

Table with 4 columns: COD. REV. NO., CARTÃO NO., CARTÃO, and a blank column. Contains lottery results for Paraíba.

Câncer pode ser curado com cedo

Belô Horizonte - Há uma falsa impressão de que o câncer é sempre incurável, o que não é verdade. Muitos são curáveis e até mesmo autêntico o médico patologista Hugo Silvano Brandão, ao falar em Belô Horizonte, no XIX Congresso Brasileiro de Patologia, que será realizado nesta capital para debater as formas, causas e evolução das doenças.

Dentro do congresso haverá um ciclo de palestras em língua gen popular sobre as formas de câncer e sua prevenção. As manifestações mais comuns de doenças no país são o da mama, útero e colo, na mulher, e a do próstata e estômago, no homem.

Segundo o médico Hugo Silvano Brandão, logo o câncer pode ser curado, se descoberto no início.

Estas informações serão divulgadas à população durante o XIV Congresso Brasileiro de Patologia, em conferências abertas, na próxima segunda-feira, no auditório da secretaria de saúde. O congresso será aberto hoje e terminará na próxima sexta-feira.

Empresários terão feira de negócios

Recife - Abriu uma nova opção de mercado para os pequenos e médios empresários industriais e o principal objetivo da Feira Brasileira de Negócios, a ser realizada em Recife, no Centro de Convenções, de 23 a 28 de novembro próximo.

Segundo o diretor de Programas especiais do Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa - Cebrae - Paulo Malumam - "nela haverá um novo campo para negócios no mercado interno e de abertura de novos canais de acesso ao comércio exterior, já que deverão estar presentes a maioria das importantes importadoras estrangeiras".

Este sistema de feiras de subcontratação de negócios do Cebrae já foi testado com êxito em duas oportunidades, em Santa Catarina, reunindo as pequenas e médias empresas dos estados sulinos. Agora, o Cebrae pretende realizar esta mostra, também em âmbito nacional, tendo como base o Nordeste, através dos agentes do Cebrae que mantêm regularmente bolsas de negócios articuladas da região, levando as empresas a eia ligação.

É importante realçar as oportunidades que terão os pequenos e médios empresários do Nordeste com o comércio exterior. Para as grandes empresas, utilizam-se estas feiras para estabelecer relações com os quais se poderá estabelecer novos negócios.

Incra perde ação para prefeitos

Brasília - O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária perdeu a ação para os municípios em ação movida por prefeitos do Paraná, no 20 por cento da arrecadação de imposto territorial rural. A argumentação dos prefeitos é de inconstitucionalidade desta arrecadação, que é permitida somente por lei complementar.

O Sub-Procurador Geral da República, José Arnaldo Gonçalves de Oliveira, disse que gostaria de perder esta causa, "afinal, todos nós somos municipalistas".

O Incra já perdeu a ação na quarta turma do Tribunal Federal de Recursos e na votação em Tribunal Pleno o processo acabou por seus próprios fatos. Já que suas votações foram para a sua favor, suas ações foram para a sua favor.

Pasquali vê a Embrafilme privatizada

Brasília - O secretário geral do Ministério da Educação e Cultura, Sr. Sérgio Mário Pasquali, disse ontem que a Embrafilme só será privatizada se o futuro ministério cultural que a prende ao MEC, deixar de ser predominantemente econômico. Ele afirmou que, com base no decreto, assinado pelo presidente da República na última terça-feira, que determina a aceleração da privatização das estatais, o caso de Embrafilme será analisado pelo Ministério do Planejamento e do Orçamento. O MEC não tem obrigação de vender a Embrafilme, mas o MEC para produzir bens culturais, preservando, de certa forma, os livros e filmes culturais, muitas vezes de difícil comercialização. "O MEC tem por obrigação, em termos de cultura, de manter e os bons livros, já que as empresas de cinema e editoras particulares não se propõem, muitas vezes a custodiá-los".

Negou que a Embrafilme esteja em péssima situação financeira, como alegou o produtor Lula Carlos Barreto. "A situação da empresa não é das mais felizes, mas não é uma empresa falida, e a atual conjuntura, está com situação folgada", indagou.



Jarbas não acredita na vitória do PDS caso Alacid selique ao PMDB

Passarinho afirma que não teme Alacid Nunes

Belém - "Nem mil Alacid (governador) seriam capazes de me liquidar". Esta frase, em tom de desafio, foi pronunciada de quinta-feira à noite, na cidade de Breves, interior do Pará pelo senador Jarbas Passarinho, durante um debate de aproximadamente duas horas de duração pela emissora local de rádio. O senador acabou reunindo, que veio a fazer duras críticas aos seus antigos companheiros que deixaram o PDS no início deste ano, admitindo, mais uma vez, que aceitará uma recomposição no campo político, embora não no campo pessoal, entre o seu grupo e o grupo dirigido pelo governador Alacid Nunes, mas deixou claro que não vai se abalar se o seu atual adversário persistir no propósito de impedir o PMDB.

Afirmou Passarinho que a intenção do Sr. Alacid Nunes, conforme fraseo o próprio Governador quando esteve em Belém no início deste ano ao chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, gen. Danilo de Azevedo, é justamente alcançar uma possível solução para a crise do PDS, e liquidar com sua (de Jarbas) carreira política e, portanto, preferido a Sr. Só. Assim se explica, segundo o Senador, a obtenção do Sr. Alacid Nunes em relação a uma comissão, preferido a e esta união de vantagens duvidosas e questionáveis, para ele próprio e para seus seguidores, com o grupo liderado pelo deputado federal Jarbas Barbalho, do PMDB.

Ademais, conforme salientou Jarbas Passarinho, é difícil entender como podem pensar em aliança dois grupos de origens estranhas e de ideologias opostas: um criado e alimentado pela revolução de 1964, encarnando a própria essência do regime revolucionário, e o outro constituindo uma oposição radical e sistemática ao mesmo regime, numa atmosfera de hostilidades que perdurou durante 17 anos. Mas se for realmente essa a intenção do Governador - destituir da poder o PDS no Pará e, indiretamente, inviabilizar com isso uma possível candidatura dele, Jarbas, a Presidência da República, garante o Senador Passarinho que os planos do Sr. Alacid Nunes (maioritário fragmentarmente, porque nem o Governador e nem ninguém conseguirá impedir a sua eleição à Câmara Federal, se estiver sua candidatura em seus planos para o futuro).

Analisando, na mesma ocasião, as possibilidades do PDS no pleito de 1982, o senador Jarbas Passarinho afirmou que "se seria um completo passalhão se dissesse pensar o contrário", quando indagado se, pessoalmente, acreditava na vitória do partido nas eleições do próximo ano, caso se confirme o propalado ingresso dos alacidistas no PMDB.

putado federal Jarbas Barbalho, do PMDB.

Ademais, conforme salientou Jarbas Passarinho, é difícil entender como podem pensar em aliança dois grupos de origens estranhas e de ideologias opostas: um criado e alimentado pela revolução de 1964, encarnando a própria essência do regime revolucionário, e o outro constituindo uma oposição radical e sistemática ao mesmo regime, numa atmosfera de hostilidades que perdurou durante 17 anos. Mas se for realmente essa a intenção do Governador - destituir da poder o PDS no Pará e, indiretamente, inviabilizar com isso uma possível candidatura dele, Jarbas, a Presidência da República, garante o Senador Passarinho que os planos do Sr. Alacid Nunes (maioritário fragmentarmente, porque nem o Governador e nem ninguém conseguirá impedir a sua eleição à Câmara Federal, se estiver sua candidatura em seus planos para o futuro).

Analisando, na mesma ocasião, as possibilidades do PDS no pleito de 1982, o senador Jarbas Passarinho afirmou que "se seria um completo passalhão se dissesse pensar o contrário", quando indagado se, pessoalmente, acreditava na vitória do partido nas eleições do próximo ano, caso se confirme o propalado ingresso dos alacidistas no PMDB.

Alaísio não vê vinculação total como boa opção em 82

Belém - O senador Aloysio Neves (PDS-PA), que presidiu a comissão encarregada de estudar e reformar eleitoral, disse ontem que muito dificilmente poderá ser adotada no Brasil a vinculação total de votos para as eleições proporcionais e majoritárias do próximo ano, entendendo o sistema de votação a governar. Ele concordou com recentes declarações feitas à imprensa pelo gen. Golbery do Couto e Silva, considerando "anti-democrático" a vinculação total de votos mas negou que o governo possa autorizar um restrição do assunto. O restrição somente seria possível, conforme asseverou, se já existisse uma decisão tomada a respeito da reforma eleitoral, o que ainda não há. O que existe, portanto, são estudos com base nas sugestões apresentadas pela comissão que estudou a reforma.

Essa comissão, segundo Aloysio Neves, apresentou quatro alternativas para uma futura decisão a respeito do voto vinculado. A primeira prevendo a manutenção do vínculo apenas para deputados estaduais e federais, o que já existe na atual legislação eleitoral. A segunda ampliando o vínculo para as eleições proporcionais, entendendo o senador, além dos deputados estaduais e federais. A terceira estabelecendo o vínculo apenas para as eleições majoritárias - para prefeito, senador e governador. E a quarta eliminando a distinção entre eleições majoritárias e proporcionais, estabelecendo o vínculo total de votação a governar.

Das quatro opções, ele considera como mais viáveis as duas primeiras. O vínculo total, no entender de Aloysio Neves, não é conveniente a nenhuma agremiação política - nem para o PDS e nem para os partidos minoritários. As declarações do gen. Golbery do Couto e Silva refletem, portanto, segundo ele, um simples pensamento, mas não encerram sentença tomada de decisão. "Não se cogita de fazer ou não fazer a vinculação global. No momento, estamos examinando as várias opções levantadas, e o vínculo total apresenta, ademais, um inconveniente claro: se cercaria a livre opção do eleitor dentro de um quadro geral de eleição, como as que serão realizadas em 82, de governador a vereador, quando será traçado o perfil político do país", afirmou.

O Sr. Aloysio Neves disse também que a inclinação maior do partido, com base nas sugestões apresentadas à comissão da reforma eleitoral, mostra uma tendência positiva em favor da sublegenda para governador, o que responderia, em outras palavras, a extensão da sublegenda, que já existe por lei para prefeitos e senadores, à eleição de governadores de estado.

uma quarta eliminando a distinção entre eleições majoritárias e proporcionais, estabelecendo o vínculo total de votação a governar.

Das quatro opções, ele considera como mais viáveis as duas primeiras. O vínculo total, no entender de Aloysio Neves, não é conveniente a nenhuma agremiação política - nem para o PDS e nem para os partidos minoritários. As declarações do gen. Golbery do Couto e Silva refletem, portanto, segundo ele, um simples pensamento, mas não encerram sentença tomada de decisão. "Não se cogita de fazer ou não fazer a vinculação global. No momento, estamos examinando as várias opções levantadas, e o vínculo total apresenta, ademais, um inconveniente claro: se cercaria a livre opção do eleitor dentro de um quadro geral de eleição, como as que serão realizadas em 82, de governador a vereador, quando será traçado o perfil político do país", afirmou.

O Sr. Aloysio Neves disse também que a inclinação maior do partido, com base nas sugestões apresentadas à comissão da reforma eleitoral, mostra uma tendência positiva em favor da sublegenda para governador, o que responderia, em outras palavras, a extensão da sublegenda, que já existe por lei para prefeitos e senadores, à eleição de governadores de estado.

O Sr. Aloysio Neves disse também que a inclinação maior do partido, com base nas sugestões apresentadas à comissão da reforma eleitoral, mostra uma tendência positiva em favor da sublegenda para governador, o que responderia, em outras palavras, a extensão da sublegenda, que já existe por lei para prefeitos e senadores, à eleição de governadores de estado.

OLP assume reinício de bombardeios com foguetes em Israel

Beirute - A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) se responsabilizou ontem pelo reinício dos bombardeios com foguetes no norte de Israel, poucos horas depois que o Conselho de Segurança da ONU exortou o cessar fogo iniciado há um dia de trégua entre Israel e a OLP após a devolução israelense de dois prisioneiros de guerra capturados em 1970. O presidente da OLP, Yasser Arafat, disse que o ataque foi planejado por ele e seus guerrilheiros palestinos em estrinchados no Líbano, Israel, Israel prometeu colaborar com Habib mas também tinha advertido que atacaria alguns palestinos mesmo que Arafat não o fizesse. Espera-se que Habib, que está fazendo gestões diplomáticas nas capitais do Oriente Médio há dois meses e meio, se reúna no fim de semana com o primeiro-ministro Ezer Weizman.

Enquanto isso, grupos extremistas muçulmanos pediram a instalação de baterias antiaéreas com foguetes "SAM-2" de fabricação israelense em Beirute, para se defender de uma possível repetição de ataques israelenses a capital libanesa.

Uma série de foguetes "Katyusha" caiu sobre a cidade de Beirute, na parte setentrional de Israel em direção a Beirute, e causou seis feridos e três mortos, segundo respondeu ao fogo dos guerrilheiros palestinos, o originado no sul de Beirute.

O delegado libanês na ONU, Fakhr Saghiyyer afirmou que o Conselho de Segurança não deve permitir que 800 ficaram feridos no bombardeio israelense de Beirute durante os últimos dois dias, durante os quais rajadas de foguetes demoliram seis edifícios de apartamento pertencentes à sede do comando supremo da OLP, encabeçado por Yasser Arafat.

Beirute com bombardeios em paralelo, o Movimento Nacionalista saíu que o ataque foi planejado por ele e seus guerrilheiros palestinos em estrinchados no Líbano, Israel, Israel prometeu colaborar com Habib mas também tinha advertido que atacaria alguns palestinos mesmo que Arafat não o fizesse. Espera-se que Habib, que está fazendo gestões diplomáticas nas capitais do Oriente Médio há dois meses e meio, se reúna no fim de semana com o primeiro-ministro Ezer Weizman.

Beirute com bombardeios em paralelo, o Movimento Nacionalista saíu que o ataque foi planejado por ele e seus guerrilheiros palestinos em estrinchados no Líbano, Israel, Israel prometeu colaborar com Habib mas também tinha advertido que atacaria alguns palestinos mesmo que Arafat não o fizesse. Espera-se que Habib, que está fazendo gestões diplomáticas nas capitais do Oriente Médio há dois meses e meio, se reúna no fim de semana com o primeiro-ministro Ezer Weizman.

Beirute com bombardeios em paralelo, o Movimento Nacionalista saíu que o ataque foi planejado por ele e seus guerrilheiros palestinos em estrinchados no Líbano, Israel, Israel prometeu colaborar com Habib mas também tinha advertido que atacaria alguns palestinos mesmo que Arafat não o fizesse. Espera-se que Habib, que está fazendo gestões diplomáticas nas capitais do Oriente Médio há dois meses e meio, se reúna no fim de semana com o primeiro-ministro Ezer Weizman.

Papa melhora e pode receber alta do hospital esta semana

Roma - O Papa João Paulo II está se reabilitando lentamente da infecção viral de que padecia e poderá receber alta do hospital durante os próximos dias, segundo informou ontem um médico. "O quadro clínico em análise do laboratório demonstram que a enfermidade está melhorando e o Papa poderá receber alta em alguns dias", afirmou o doutor Emilio Tressali, chefe do médico da Pontificia Gemelli, disse aos jornalistas que o Pontífice não foi ferido nos últimos dias. "O bom estado de saúde do Pontífice assim", disse Tressali. "O Papa como normalmente está com excelente estado de ânimo".

Ataceteu que João Paulo II cuida de assuntos eclesiais durante várias horas por dia, e se estuda documentos, além de receber visitas. Este boletim médico é o mais otimista sobre o estado do Papa divulgado desde que foi internado depois de sofrer de um derrame de 13 de maio.

O Pontífice sofre de uma doença de origem infecciosa mononuclear que se desenvolveu hospitalizado por três semanas após ser ferido em uma explosão de São Paulo e voltou ao hospital dia 30 de junho, afetado por uma pneumonia. Segundo as memórias que cercam os pulmões.

Tressali disse que as atividades diárias do Papa voltaram a um ritmo quase normal e que ele poderia receber alta provavelmente em poucos dias. O Pontífice ainda deve ser submetido a uma segunda operação para corrigir um intestinal que lhe foi feito durante a cirurgia de urgência em maio. Tressali se negou a comentar informações sobre sua segunda operação.

Prevista originalmente para este mês, espera-se que o Papa seja recebido em setembro. Enquanto isso, Média Ali Agnew, esposa do Papa, e as mulheres americanas e britânicas que foram libertadas em um julgamento hospital amanhã.

Stanislaw Kania será reeleito pelo Partido Comunista da Polónia

Varsóvia - Os comunistas poloneses garantiram ontem a reeleição do primeiro-secretário Stanislaw Kania, fazendo indicação apenas após a mais um conselho moderado Kazimierz Borucki, para o mesmo cargo. A agência noticiosa oficial "PA P" informou que o novo Comitê Central de 200 membros do partido comunista nomeou apenas Kazimierz Borucki, membro de ministério da políburro e partido 10 meses do primeiro-secretário.

Dito representou uma vitória para a política moderada de Kania, que tenta aplicar as exigências reformistas dos poloneses e as intenções soviéticas de manter um equilíbrio de controle sobre o partido comunista.

O novo Comitê Central foi eleito anteriormente pelo Partido em votação secreta que elijiu em vitória os membros mais inflexíveis criando a possibilidade de Kania reter o cargo de primeiro-secretário.

Horas depois da votação, o Sindicato Independente solidariamente anunciou que 40 mil trabalhadores da indústria de Kania, que tenta aplicar as exigências reformistas dos poloneses e as intenções soviéticas de manter um equilíbrio de controle sobre o partido comunista.

Advertisement for 'A Loja do Desconto' featuring a list of products and prices, including Fogio Alverada Kit (1.990), Fogio Alveradinha (4.800), Fogio Alverada Ouro (6.800), Fogio Tropicana Ipanema (9.600), Fogio Eletronic Line Inox (15.000), Dormitório Bergamo casal (28.000), Conjunto Estofado Real (8.200), Sala de Copa Real (10.900). Includes a 'ponto 510' logo and address: Rua Barão do Triunfo, 510 - Centro, Fone: 221-4561.

REINO INFANTIL

Escolinha Maternal Jardim da Infância e Alfabetização MATRICULAS ABERTAS PARA O 2º SEMESTRE Rua Borja Pergrino, 298 - Fone: 222-0151 CENTRO - JOAO PESSOA

PANIFICADORA MANAIRA

Pães, biscoitos, bolos, rosas, empadas, salgadinhos e queijos MERCADINHO MANAIRA Gêneros alimentícios Rua Major Pergrino, 470 Fone: 226-1600 Centro - João Pessoa - PB

Obs: Esta relação e todas as demais que são publicadas neste Jornal nos domingos, a título de "Cartões que não concorreram", são efetuadas desde o dia anterior (sábado) no prédio da Casa Econômica Federal, sito na Avenida Camilo de Holanda nº 110 - João Pessoa/PB.

Botafogo pode contratar Zé Eduardo

Trêze também quer trazer Zé Eduardo de volta a Paraíba, mas ele prefere o "Botinha"



Zé Eduardo - o maestro poderá voltar para ditar a sua arte. Jôia!

O atacante Zé Eduardo pode voltar ao futebol paraibano nos próximos dias, pois existe interesse do Trêze e do Botafogo pelo seu retorno, apesar do craque basiano ser, atualmente, uma das grandes estrelas do Ceará Sporting.

De repente, o Botafogo também entrou na jogada e já manteve contato, por telefone, com o jogador, sentindo o seu interesse pelo time da capital.

Estamos contando com a ajuda do nosso presidente do Conselho Deliberativo, João Bosco dos Santos, para tentar trazer Zé Eduardo de volta. Bosco é compadre de Zé Eduardo e, por telefone, já soube que, entre Trêze e Botafogo, o jogador prefere o seu clube. Vamos em frente, pois Zé Eduardo

seria um excelente reforço, sobretudo pela capacidade de liderança, para as disputas do segundo turno do Campeonato Paraibano (afirmou o diretor de futebol Juvêncio Andrade).

Zé Eduardo ganha aproximadamente 90 mil cruzeiros por mês no Ceará Sporting. Mas não esconde o seu desejo de voltar ao futebol da Paraíba, devendo definir tudo na próxima semana, pois seria necessária a rescisão do seu contrato com o time cearense, que só termina em novembro.



Gozando com a cara do povo!

A questão já foi discutida diversas vezes. Qual seria a solução para se ter um futebol rentável, alegre e bonito como um dia prometeu em sonhos o presidente da Federação Paraibana de Futebol, Juracy Pedro Gomes? Não se sabe ao certo como está o campeonato, no engodo nabucodonosiano, camuflado entre as gavetas amordaçadas da entidade.

Recordo que durante anos muita gente tentou derrubar a administração anterior, falando de irregularidades que existiam. Mas nunca conseguiram provar. O atual presidente, na verdade conseguiu quebrar o silêncio das urnas, que perdurava há cerca de vinte anos. Para driblar desconcertantemente os clubes amadores - pobres por essência - não seria apenas a figura juracina. Ali, dança a sinfonia maquiavélica das escândalos, quem naturalmente, faz o maior investimento.

É isso como o cálice precioso da última gota de vida. No jogo da política, por esse mundo afora, não seria mera coincidência se encontrar um anão como presidente de Câmara de Vereadores ou de Assembleias Legislativas. Até porque, para ser político, basta ter dinheiro suficiente para cobrir suas deficiências. Já dizia voôô Juliana que o pai rico - e aqui, tem muitos falava ao filho.

Não quero você trabalhando por ninguém. Meu sonho sempre foi ser político. Mas não liguei muito. Então, farei de você um vereador.

É à custa de muito dinheiro, o analfabeto, que uma cadeira para ser representante do povo.

O outro perguntava para o filho mais esperto - um gineasiano torto de colégio particular -

Meu filho, você quer ser o quê?

Deputado, papai! Dinheiro falando alto, lá vai o anarquista para a Assembleia Legislativa. Mas tudo bem. Afinal, ele foi eleito pelo voto do povo, basta, na insignificância de sua origem. Não trocar o voto pelo fato do candidato ter tirado o seu título de eleitor e por lhe patrocinar na roda dos seus compatriotas, uma grade de cocho.

E ainda discutem o voto do analfabeto...

Em quais condições poderia estar agasalhado hoje o futebol paraibano? Qual o nível de um líder (!) que foi formado por uma Faculdade, que segundo suas próprias palavras lhe deu um título de "bacharel"?

Não existe - essa é a pura realidade - um plano de moralizar o futebol, de levá-lo a sério, de respeitá-lo. Até porque, qual seria o interesse de prestigiá-lo, se ele é manobrado pela classe mais favorecida financeiramente, mas é vitado pela esmagadora pobreza sadomasoquista!

Então, bolas para engarrafar nos paus de meninos buchados, que se escondem nos casabes das vargens e que se agasalham nos dias de jogos, no cimento frio da arguição-barrada sol. O ufanismo fica na arquibancada cadêstrica, onde os algebras do futebol se ergalam ironicamente com a desgraça dos outros.

Ah, o importante não é o voto do povo. É fazê-lo instrumento de gozo, e gozarmos a cara dele!

Quem canta o refrão?

Campinense joga com Santa Cruz e é o favorito

Campina Grande (Sucursal) - Na sua segunda apresentação no segundo turno do Campeonato Paraibano de 81, o Campinense é considerado franco favorito diante do Santa Cruz de Santa Rita, hoje em Campina Grande, embora a equipe viva momentos de indecisão, com ameaça de queda do técnico Hélio Jacaré.

Pela tabela, o Santa Cruz é dono do mando de campo, mas, a exemplo do Nacional de Patos, o seu Estádio não foi aprovado pela PFF e o time tricolor é obrigado a cumprir todos os seus compromissos fora de casa.

EQUIPES

CAMPINENSE - Jorge Luiz, Sales, Zé Carlos I, Timbó e Sérgio; Jorge Reis, Zé Carlos II e Hélio; Gabriel, Guedes e Berg.

SANTA CRUZ - Geraldo, Café, Mimi, Val e Beto; Vavé, Eloneide e Bola; Adé, Ailton II e Nau.

Bota reinicia os treinos pensando no Santa Cruz

O Botafogo reinicia suas atividades normais amanhã, visando o compromisso de quarta-feira, diante do Santa Cruz de Santa Rita, no Estádio José Américo de Almeida Filho, na sequência do segundo turno do Campeonato Estadual da presente temporada.

Zezinho Ibiapino vai pedir mais empenho do elenco botafoguense, pois, apesar da vitória de 5 x 0 sobre o Santos, ele viu muitas falhas na equipe, esperando corrigi-las o quanto antes.

A vitória - disse o treinador - foi justa, não resta dúvida. Mas o Botafogo ainda está errando muito nas finalizações. Um time que quer ser campeão tem de ter um índice de aproveitamento bom, principalmente nos momentos decisivos.

Os jogadores estão de folga hoje e deverão se apresentar ao técnico amanhã, às 9 horas, na Maravilha do Contorno, para o reinício das atividades. O jogo com o Santa Cruz é encarado com seriedade, pois, no primeiro turno, o Botafogo venceu o time santarritense por 1 x 0, encontrando muitas dificuldades.

Apoiador Neto não acertou ainda seu contrato no Auto

O meio campista Neto ainda não chegou a um acordo para assinar contrato com o Auto Esporte, apesar de já ser conhecido do técnico José Lima e de toda a diretoria do time automobilista.

Neto chegou semana passada em João Pessoa e iniciou entendimentos com a diretoria, faltando apenas um acordo financeiro para que o clube do povo o tenha como reforço para as disputas do segundo turno do Campeonato Paraibano da presente temporada.

CAMPINENSE

O próximo adversário do Auto Esporte na competição será o Campinense, domingos, aqui em João Pessoa, no Estádio José Américo de Almeida Filho. O técnico José Lima, temporariamente, uma semana para preparar seus jogadores, no sentido de conseguir um resultado



Auto treina; amanhã

positivo diante da apresentação cartola que, sem dúvida seria de grande importância para a classificação.

Vamos intensificar os treinamentos físicos para melhorar cada vez mais a preparação do nosso elenco. Um time bem preparado fisicamente tem tudo para conseguir os seus objetivos (afirmou o professor Leonel).

Grêmio jogará amistosos nos Estados Unidos

Porto Alegre - Ao retornar dos Estados Unidos, o vice-presidente de futebol do Grêmio Rafael Bandeira dos Santos, anunciou o roteiro da excursão do Clube Gaúcho, pelo México, Europa e Estados Unidos, num total de 10 jogos, que começa no próximo dia 4, em El Salvador e termina dia 30 de agosto, em Nova Iorque, contra o Cosmos.

Para a concretização da excursão, o Grêmio foi contratado pela agência Dewald Travel Interglobal Sports Service, de Nova Iorque, que tratará de todos os detalhes da viagem. Para os 10 jogos, o Grêmio receberá, em média, uma cota de 20 mil dólares por partida, o que representará um total de 200 mil dólares. Vinte e cinco pessoas, entre jogadores, dirigentes e comissão técnica, comporão a delegação, que só será definida depois do encerramento do primeiro turno do campeonato gaúcho, no próximo dia 26.

LOTERIA

Quem arriscou esta semana na loteria Esportiva pode ser muito recompensado. O teste 556 bateu um novo recorde mundial, com o prêmio de 292 milhões 349 mil cruzeiros, já descontado o imposto de renda. O cálculo extra-oficial da arrecadação é de 929 milhões 824 mil cruzeiros com a venda de 12 milhões 279 mil 458 cartões. A média de apostas chegou a 75 cruzeiros e 72 centavos.

Rocha renovou seu contrato com o Botafogo

Rocha assinou seu novo contrato que o prenderá ao clube por mais anos enquanto os dirigentes iniciaram conversações com o Olaria para a compra de Ricardo, jogador que está também nas cogitações do Vasco. O time para o jogo de hoje contra o Camp Grande está assim escalado: Luis Peres, Perivaldo (Gilmar), Zé Eduardo, Gauchão e Gaúcho Lima, Rocha, Ademir Lobo e Mendonça, Edson, Jaizirinho e Jerson.

Os dirigentes do América marcaram para segunda-feira uma reunião com Marinho Peres para tentar convencê-lo a permanecer à frente da equipe pelo menos até o final do campeonato. Também os jogadores pediram ao zagueiro que fique e Marinho está propenso a aceitar definitivamente sua carreira de jogador e iniciar a de técnico. Com um treino coletivo em Vila Isabel, Marinho definiu o time que enfrenta o Americano. Ernani, Zé Paulo, Oscar, Rinaldo e Alcir, Pires, João Luis e Manuel, João Carlos, Luisinho e Jurandir. A situação de Louinho, que continua treinando entre os reservas, poderá ter sua situação definida até amanhã, quando a Federação Jabá deverá enviar sua liberação pelo El Helia.

Em Paris, o Vasco, jogando para uma plateia de 30 mil pessoas, venceu o Santi Etienne de 2 a 0, conquistando o terceiro lugar do torneio de Paris.

Galo é atração no jogo de hoje com o Guarabira

O jogo de hoje, entre Guarabira e Trêze, no Estádio Sívio Porto, pode ter recorde de renda e público na cidade de Guarabira, pois a motivação é muito grande entre os torcedores do time alvissulino, sobretudo depois da vitória de 1 x 0 sobre o Nacional de Patos, semana passada, quebrando um tabu de 16 anos.

O Trêze tem um grande número de torcedores em Guarabira e, o fato de ter conquistado o título do primeiro turno do certame estadual, constitui uma grande atração para os torcedores brejeiros.

Edésio Leitão, treinador do time

guarabirense, espera que a sua equipe repita a mesma atuação da estreia do Campeonato, pois o objetivo principal do Guarabira é assegurar uma vaga para o quadrangular decisivo.

EQUIPES

GUARABIRA - Lula, Zé Preto, Lilito, Guri e Adilson; Sandoval, Vanzinho e Nenem; Gilson, Pedrinho, Cançula e França.

TRÊZE - Hélio Show, Levi, Jobabê, Hermes e Helimmar; Wilson, Lula e Zé Augusto; Puma, Joãozinho Paulista e Hélio Alagoano.



Trêzeanos têm compromisso difícil, hoje, diante do Guarabira

Guarabirenses querem novo recorde no Sívio Porto

Guarabira, (Sucursal) - Somente um jogo com Trêze, Campinense, Botafogo ou um bom amistoso interestadual - poderia fazer o torcedor brejeiro abrir mão de uma movimentada vaquejada nas cercanias desta cidade, para tentar quebrar mais um recorde de renda, no acanhado estádio Sívio Porto, palco do jogo de hoje, entre Guarabira e Trêze, esse, campeão do primeiro turno do campeonato.

E pensando desta forma que os torcedores guarabirenses vão superlotar esta tarde, o pequeno campo do Guarabira, para incentivar a sua equi-

pe, na tentativa de obter pelo menos o empate - porque mesmo jogando fora de casa, teoricamente o Galo é o favorito do jogo.

Como sempre tem acontecido nos jogos importantes do alvi-azulino do Brejo, o prefeito Roberto Paulino vem dando apoio necessário para que o jogo seja disputado num clima de tranquilidade. E isso é reforçado pelo delegado José Maria da Silva, que vem realizando o bom trabalho disciplinar na cidade: "tenho certeza que não haverá problema neste jogo" - garantiu.

Pedrinho adverte seu time para não ser surpreendido

Campina Grande, (Sucursal) - Mesmo sabendo que sua equipe é infinitamente superior a do Guarabira, e sentindo o clima de favoritismo motivado por parte de sua torcida - o Trêze vai hoje para jogar no Sívio Porto, tomando as precauções necessárias para não deixar ser surpreendido pelo adversário, e para isso o treinador Pedrinho Rodrigues advertiu seus atletas.

- Na verdade vamos enfrentar um adversário de nível inferior ao nosso. Mas é preciso lembrar que futebol é disputado em campo, e todo mundo está sujeito a ganhar, empatar ou perder

isso é evidente. Portanto, vamos tomar cuidado porque o Guarabira vai jogar retrancado, explorando os contra-ataques, e isso é muito perigoso - ressaltou.

O artilheiro do campeonato, Joãozinho Paulista, sabe que será muito bem marcado pelos becos do Guarabira, mas disse que "isso não é problema, pois todos sabem que o centro-avante sempre recebe um policiamento rigoroso por parte dos zagueiros. Como artilheiro, estarei para conficir - porque, é para isso que trabalho durante o jogo".

Carvalho, gerente do Banerj, afirma: - Minha mercadoria é dinheiro.

Arlindo Almeida

Segundo o mesmo caminho dos nordestinos que ao sul, o arriano carioca Silva Carvalho, o atual gerente do Banco do Estado do Rio de Janeiro, Banerj, em João Pessoa, de posse de muita vontade de vencer, sem pulas e, e o diploma de Humanidades na mão, o caminho ficou mais curto, menos doloroso, entre a Paraíba e o antigo Estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro, lugar escolhido por Carvalho para atingir uma posição de importância - 20 anos depois - no lugar do Nordeste, com a missão de "lutar pra frente a agência do Banerj de João Pessoa".

"Mas não foi fácil", diz ele enquanto atende o telefone. De fato, Carvalho quando saiu de João Pessoa, em 1963, para assumir o cargo de secretário, escrivão e funcionário da Membrão "Não foi fácil" - retorna a conversa - "porque sempre fui uma pessoa desprovida de recursos, isto é, que não tinha nada de recursos, isto é, que não tinha nada de recursos". E, citando o Ministro José Américo de Almeida, "o maior filho desta terra", reconhece que ninguém se perdo na vida.

Por obra e graça de um concurso público, em 1965, Carvalho ingressou no Banerj, no Rio de Janeiro, época em que cursava Direito na Sociedade Universitária de Ensino Superior e Cultura (Sociesp), não demorou muito para conquistar um cargo em comissão, transformando-se em funcionário em instrutor de Relações Humanas e Grafoscopia. "É claro que segui o mesmo caminho que um bancário percorre. Foi escrivão, auxiliar administrativo, passando por todos os setores do banco, até ser nomeado gerente da agência de João Pessoa".

Depois de atender com muita cordialidade um cliente, pelo telefone, o filho do maestro Neto, da banda de música de Uiraúna, responde minha pergunta: "Para ser um bom gerente, diz ele, a pessoa tem que ter bastante criatividade, dedicação intensa ao cargo e acompanhar sempre através dos meios de comunicação o que acontece no mundo financeiro. Uma medida gerencial, por mais adequada que seja, dirigida ao setor financeiro do país deve ser do conhecimento do gerente, do contrário como ele irá administrar, por exemplo, um super-mercado financeiro?".

"Além disso", continua, "o gerente deve conhecer de perto o lugar, a praça em que trabalha, os hábitos, os costumes, porque a falta de contas o Brasil, na verdade, são várias finais com suas regras distintas". "Eu vivo a sorte de voltar à Paraíba, a minha terra, lá há muita coisa a reestudar a cidade e o que mais importa, os recursos".

Carvalho, que a diferença em ser gerente de banco em João Pessoa para São Paulo? "O 'na verdade nenhuma", responde-me. "Considere, por exemplo, o sistema financeiro Banerj, cuja matriz no Rio de Janeiro, planeja todas as ações do banco, sua política, seus objetivos. Da mesma forma que eu recebo uma instrução sobre determinado assunto - crédito rural - o gerente da agência da cidade de São Paulo também a recebe. Quer dizer, não há muita diferença. A importância do gerente está exatamente em conhecer a cidade, compreender o tipo de cliente, em suas atividades e o que mais importa, os recursos".

Auxiliado por mais dois gerentes, o mineiro José Vicente, gerente operacional, e Adilson Ferreira, gerente administrativo, o Sr. Luiz Silva Carvalho não se limita a ficar sentado em sua confortá-

vel cadeira de gerente: orienta um ou outro funcionário, e não raro ele mesmo preenche um formulário, e a administração do banco em seus minutos de lazer, o Banerj, de sua agência. Carvalho volta a ser o antigo instrutor, demonstrando profundo conhecimento do Banco do Estado do Rio de Janeiro, o único banco que, sozinho, construiu um estádio de futebol, o Maracanã.

A agência do Banerj em João Pessoa, que completou no último dia dez anos de instalação, já tem razoável número de clientes, em torno de cinco mil clientes, "um número ainda pequeno levando-se em consideração as potencialidades da praça de João Pessoa". O Supermercado Financeiro que está transformando o hoje Banerj, segundo Carvalho, onde existe uma agência Banerj há um sistema financeiro trabalhando, com aproximadamente seis empresas, desde o empréstimo pessoal até o crédito rural.

E é justamente o crédito rural que o banco, pelo menos no Nordeste, quer mais desenvolver. Na semana passada, na reunião regional dos gerentes da área do NE, realizada em Salvador, a tónica da reunião, conforme afirma Carvalho, foi a agricultura. "O banco está preocupado em fomentar maiores incentivos ao crédito rural, sendo necessário o trabalho mais próximo e mais agido".

Depois de destacar que o índice de inadimplência é "pequeno", dentro o índice de liquidez e o "bom", a agência do Banerj em João Pessoa está desenvolvendo um trabalho de atendimento imediato, primordial ao sucesso do banco, junto a sua clientela, com a finalidade de preparar mais serviços a comunidade, "principal objetivo do Banerj, por se constituir num banco voltado para o aspecto social". Carvalho disse que o Banerj aplica três vezes mais o que é captado pelo banco. "Não se pode negar que atravessamos momentos difíceis na economia do país", diz ele, "mas no que o dinheiro não está difícil, pois investimos bastante no Nordeste. Dinheiro existe, o que falta é competência, criatividade".

Carvalho, você não acha que os gerentes que trabalham no interior do país não excessivamente controlados pelas matrizes?

"Deves considerar dois aspectos", afirma, "o operacional e o administrativo. Nessas duas áreas temos poderes que circulam dentro de duas esferas, isso é necessário. O diâmetro da esfera maior deve limitar os poderes dos gerentes locais, deixando espaço para a atuação de um gerente local, o que me compete, sem prejudicar qualquer cliente, porque tudo não passa de uma questão de propor ao banco, à matriz". Certamente, "além funcionários de um determinado banco estudam e aplicam a política de decisão de um gerente local. A tendência é dar mais atribuições ao gerente local, mas não devemos esquecer que o banco como um todo tem sua política, seus planos de investimento, de crescimento, nos quais obviamente nos pautamos".

Para Carvalho, o fundamental é a informação correta, um bom serviço de atendimento e uma seleção perfeita dos clientes. Para o cliente do Banerj, o ex-deputado federal Teófilo Neto, é necessário o poder de limitação da aplicação a varejo, pelo gerente: é claro que a política geral de um banco limita a capacidade de aplicação de um gerente local, de cada agência. Dentro desse contexto, o gerente tem liberdade para trabalhar, considerando também a capacidade de endividamento de cada cliente. Quando isso ultrapassa - lembra Teófilo Neto - a direção geral, é luz do parecer da

gerência, atende ou não atende, já inflando na decisão e poder de empréstimo do banco como um todo, porque, afinal, o banco presta contas ao Governo. O importante é saber se o dinheiro aplicado vai gerar um bem social e uma reprodução efetiva para cada agência".

Carvalho, fale um pouco do Banerj, de sua fundação.

"O Banerj nasceu em 1945, quando prefeito do antigo Distrito Federal, teve o Dr. Henrique Dalsworth a iniciativa de criar o Banco da Prefeitura do Distrito Federal. Sob a forma de uma Sociedade Anônima de economia mista, decreto assinado em vigor, assinado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, tornou-se uma realidade".

Noticiava a imprensa da época que "no novo estabelecimento bancário da cidade, pelo seu programa de atividades e pelo seu elevado plano de financiamento, que de iniciativas públicas como particulares, de empréstimos aos serviços municipais e de outros serviços de maior importância e interesse para o público, ingressava nos círculos financeiros sob a égide vitoriosa, fadado a colher os melhores louros. Salientava-se o fato de, ao ser lançada a subscrição de ações, ter sido a imediata cobertura e até disputada, graças ao entusiasmo que seu plano oferecia, resultando ainda que a grande maioria de subscritores de ações do banco pertencia aos quadros da prefeitura".

Para Carvalho, o Banerj teve o privilégio de lançar várias idéias e iniciativas pioneiras. Uma delas foi o cheque verde. Segundo Carvalho, foi o primeiro cheque guardado lançado no mercado e, depois, copiado por diversos bancos, até ao exterior. Quando de seu lançamento, em 1962, o cheque verde foi objeto de reportagem e comentários elogiosos, por suas características criativas e inovadoras.

O antigo BEG, hoje transformado no Banco do Estado do Rio de Janeiro, Banerj, considerado um dos maiores bancos e segundo administrado pelo Poder Público (o primeiro é o Banespa), financiou e construiu sozinho, em dois anos, o Maracanã, hoje com trinta e mundialmente conhecido. Segundo o histórico do Banerj, ao longo de sua existência, o banco assumiu o equipamento de água da cidade do Rio de Janeiro, implantou escolas rurais, financiou construção de casas populares, sendo precursor das atuais cooperativas habitacionais, na erradicação de favelas.

Participa também a fundação do Museu da Matemática e do Som, Rio, e financiar a urbanização do Aterro do Flamengo. "O maior parque urbano do mundo", o Banerj também incentivou a produção leiteira, a produção hortigrálica, participação de reimplantação da cafeicultura no Estado do Rio, financiando o plantio de 1.800.000 covas de café".

Carvalho lê o histórico do banco com enorme satisfação, apesar de ser interrompido a todo instante, ora por um funcionário ou por um cliente, refere-se a João Pessoa com muito respeito, elogiando o espontaneísmo da pessoa Ze Vicente, gerente operacional, considera João Pessoa a "melhor cidade do Brasil para viver e educar do filho". Carvalho, um executivo típico, ajuda o argumento do colega: "Aqui não há poluição, a vida é mansa, vívida em paz". Já assistindo, despojo-me de Carvalho e do ex-deputado Teófilo Neto que me pede "faça uma reportagem com cuidado, não se deixe levar a última pergunta ao Sr. Luiz Silva Carvalho".

Que é o que o Banerj tem a oferecer a João Pessoa? Carvalho, rapidamente, responde: "Dinheiro, muito dinheiro".



Carvalho (ao telefone) e Ze Vicente atende uma cliente



Carvalho, de Uiraúna, voltou a Paraíba 20 anos depois, gerente do Banerj



Ze Vicente, mineiro, já foi gerente operacional em S. Paulo

MANIFESTO SECRETARIAL

Todos os Executivos realizam seus objetivos de maneira eficaz e eficiente. De fato, a administração está sempre julgando o desempenho do Executivo com base em como ele consegue motivar e liderar suas subordinadas. Mas, infelizmente, em muitas atividades diárias, geralmente tendentes a esquecer nos assistentes mais valiosas: a Secretária.

As funções das Secretárias têm um impacto fundamental na eficácia dos trabalhos. Nessas funções, idéias e programas passam por ela antes que alguém tenha chance de comentar sobre os mesmos. Conseqüentemente, desde que detém uma posição tão estratégica, o seu desempenho tem relação direta com sua avaliação tanto pelo Executivo como também pelos subordinados. Frente à sensibilidade do relacionamento Secretária-Executivo, parece ser lógico que o Executivo veja a sua própria situação e descubra como desenvolver a eficácia da assistente mais valiosa.

Nossa especialização não desenvolvimento. O treinamento de Secretárias foram-nos constantemente a ouvir reclamações relativas ao comportamento e postura. Como Secretárias, como resultado direto, muitas Secretárias reatendem o fato de que os mesmos não entendem e nem apreciam o tempo que elas consomem e nem as contribuições para que o trabalho flua de forma lógica.

Uma das causas deste problema baseia-se no fato de que como as Secretárias são acessórios fixos e permanentes em um escritório, os Executivos tendem a esquecer o comportamento e a postura que automaticamente dispõem a outros. Infelizmente, estas omissões causam frustrações e desencorajamento às Secretárias, resultando em um relacionamento tenso e insatisfatório para ambas as partes.

Os problemas de uma Secretária parecem ser significativos e generalizados no mundo dos negócios e, provavelmente, poderiam ser os causadores de prejuízos de horas-homem perdidas quando os Executivos se recusam a estabelecer um trabalho que poderiam ser feito por ela, originando assim uma perda de tempo e talento. Mas o que é o relacionamento tenso e insatisfatório para ambas as partes.

Se a situação DEVE melhorar, o Executivo terá que assumir a responsabilidade de informar a quanto ao propósito dos serviços do departamento, dentro da empresa e sua responsabilidade importante que o ajudariam enormemente. Em verdade, a maioria das queixas em relação às Secretárias podem ter suas origens na falta de comunicação, assim como relação as operações e objetivos da empresa.

Se a situação DEVE melhorar, o Executivo terá que assumir a responsabilidade de informar a quanto ao propósito dos serviços do departamento, dentro da empresa e sua responsabilidade importante que o ajudariam enormemente. Em verdade, a maioria das queixas em relação às Secretárias podem ter suas origens na falta de comunicação, assim como relação as operações e objetivos da empresa.

slogia da vitória e a agonia da derrota". Tenta encontrar oportunidades para dialogar sobre o que faz e sente comunicar com suas atividades e encorajando o poder de decisão de um gerente local. A tendência é dar mais atribuições ao gerente local, mas não devemos esquecer que o banco como um todo tem sua política, seus planos de investimento, de crescimento, nos quais obviamente nos pautamos.

Para Carvalho, o fundamental é a informação correta, um bom serviço de atendimento e uma seleção perfeita dos clientes. Para o cliente do Banerj, o ex-deputado federal Teófilo Neto, é necessário o poder de limitação da aplicação a varejo, pelo gerente: é claro que a política geral de um banco limita a capacidade de aplicação de um gerente local, de cada agência. Dentro desse contexto, o gerente tem liberdade para trabalhar, considerando também a capacidade de endividamento de cada cliente. Quando isso ultrapassa - lembra Teófilo Neto - a direção geral, é luz do parecer da

gestão da vitória e a agonia da derrota". Tenta encontrar oportunidades para dialogar sobre o que faz e sente comunicar com suas atividades e encorajando o poder de decisão de um gerente local. A tendência é dar mais atribuições ao gerente local, mas não devemos esquecer que o banco como um todo tem sua política, seus planos de investimento, de crescimento, nos quais obviamente nos pautamos.

Para Carvalho, o fundamental é a informação correta, um bom serviço de atendimento e uma seleção perfeita dos clientes. Para o cliente do Banerj, o ex-deputado federal Teófilo Neto, é necessário o poder de limitação da aplicação a varejo, pelo gerente: é claro que a política geral de um banco limita a capacidade de aplicação de um gerente local, de cada agência. Dentro desse contexto, o gerente tem liberdade para trabalhar, considerando também a capacidade de endividamento de cada cliente. Quando isso ultrapassa - lembra Teófilo Neto - a direção geral, é luz do parecer da

gestão da vitória e a agonia da derrota". Tenta encontrar oportunidades para dialogar sobre o que faz e sente comunicar com suas atividades e encorajando o poder de decisão de um gerente local. A tendência é dar mais atribuições ao gerente local, mas não devemos esquecer que o banco como um todo tem sua política, seus planos de investimento, de crescimento, nos quais obviamente nos pautamos.

Para Carvalho, o fundamental é a informação correta, um bom serviço de atendimento e uma seleção perfeita dos clientes. Para o cliente do Banerj, o ex-deputado federal Teófilo Neto, é necessário o poder de limitação da aplicação a varejo, pelo gerente: é claro que a política geral de um banco limita a capacidade de aplicação de um gerente local, de cada agência. Dentro desse contexto, o gerente tem liberdade para trabalhar, considerando também a capacidade de endividamento de cada cliente. Quando isso ultrapassa - lembra Teófilo Neto - a direção geral, é luz do parecer da

Na maioria das vezes, uma Secretária fica frustrada com o seu trabalho, pois não lhe confere um sentimento, as atividades amargas que, na maioria das vezes, temos nos anos de uma carreira em "ranzinas" pelo poder, passando a "uma pessoa muito mais com coração de ouro".

CONCLUSÃO

O objetivo final do binômio Executivo-Secretária é desenvolver um relacionamento eficaz, que permita a condução rápida e eficiente da empresa. Existem muitos obstáculos e impedimentos que dificultam o pleno funcionamento na sua capacidade máxima. Muitos Executivos estão bem atentos e sabem quando o grau de eficácia de sua Secretária é afetado, mas talvez não entendam as muitas causas que estão por trás deste problema.

O Executivo, por definição, tem a autoridade e a responsabilidade final de liderança na empresa, assumindo total responsabilidade com tudo que acontecer, seja isto bom ou mal. Se o seu pessoal está trabalhando a contento e a Secretária obedecendo o máximo, então não temos problemas. O que observamos neste trabalho é detectar algumas áreas onde o comportamento do Executivo pode estar ocasionando um efeito direto e negativo no desempenho de sua Secretária.

Antes de comprometer um cargo, pesquisamos sobre as diferentes marcas e modelos. Análisis em nossas necessidades. Se não soubermos dirigir, vamos a auto-mecia. A Secretária é uma empregada importante de nossa vida profissional, sem esquecer que também é um ser humano.

Por que não lhe dar a mesma atenção?

Na maioria das vezes, uma Secretária fica frustrada com o seu trabalho, pois não lhe confere um sentimento, as atividades amargas que, na maioria das vezes, temos nos anos de uma carreira em "ranzinas" pelo poder, passando a "uma pessoa muito mais com coração de ouro".

CONCLUSÃO

O objetivo final do binômio Executivo-Secretária é desenvolver um relacionamento eficaz, que permita a condução rápida e eficiente da empresa. Existem muitos obstáculos e impedimentos que dificultam o pleno funcionamento na sua capacidade máxima. Muitos Executivos estão bem atentos e sabem quando o grau de eficácia de sua Secretária é afetado, mas talvez não entendam as muitas causas que estão por trás deste problema.

O Executivo, por definição, tem a autoridade e a responsabilidade final de liderança na empresa, assumindo total responsabilidade com tudo que acontecer, seja isto bom ou mal. Se o seu pessoal está trabalhando a contento e a Secretária obedecendo o máximo, então não temos problemas. O que observamos neste trabalho é detectar algumas áreas onde o comportamento do Executivo pode estar ocasionando um efeito direto e negativo no desempenho de sua Secretária.

Antes de comprometer um cargo, pesquisamos sobre as diferentes marcas e modelos. Análisis em nossas necessidades. Se não soubermos dirigir, vamos a auto-mecia. A Secretária é uma empregada importante de nossa vida profissional, sem esquecer que também é um ser humano.

Por que não lhe dar a mesma atenção?

Na maioria das vezes, uma Secretária fica frustrada com o seu trabalho, pois não lhe confere um sentimento, as atividades amargas que, na maioria das vezes, temos nos anos de uma carreira em "ranzinas" pelo poder, passando a "uma pessoa muito mais com coração de ouro".

CONCLUSÃO

O objetivo final do binômio Executivo-Secretária é desenvolver um relacionamento eficaz, que permita a condução rápida e eficiente da empresa. Existem muitos obstáculos e impedimentos que dificultam o pleno funcionamento na sua capacidade máxima. Muitos Executivos estão bem atentos e sabem quando o grau de eficácia de sua Secretária é afetado, mas talvez não entendam as muitas causas que estão por trás deste problema.

O Executivo, por definição, tem a autoridade e a responsabilidade final de liderança na empresa, assumindo total responsabilidade com tudo que acontecer, seja isto bom ou mal. Se o seu pessoal está trabalhando a contento e a Secretária obedecendo o máximo, então não temos problemas. O que observamos neste trabalho é detectar algumas áreas onde o comportamento do Executivo pode estar ocasionando um efeito direto e negativo no desempenho de sua Secretária.

Antes de comprometer um cargo, pesquisamos sobre as diferentes marcas e modelos. Análisis em nossas necessidades. Se não soubermos dirigir, vamos a auto-mecia. A Secretária é uma empregada importante de nossa vida profissional, sem esquecer que também é um ser humano.

Por que não lhe dar a mesma atenção?

PERMITIDA A REPRODUÇÃO, SOMENTE COM AUTORIZAÇÃO DA AUTORA.

LÚCIA CASMIRRO

Diretora

COTERP - Coordenadoria Técnica de Registro Profissional S/C Ltda av. Brigadeiro Luís Antônio 2387 - 12 01-001 SÃO PAULO SP

Telefones: 288-0884 - 287-0770 - 287-0809 (111)



Gozando com a cara do povo!

A questão já foi discutida diversas vezes. Qual seria a solução para se ter um futebol rentável, alegre e bonito como um dia prometeu em sonhos o presidente da Federação Paraibana de Futebol, Juracy Pedro Gomes? Não se sabe ao certo como está o campeonato, no engodo nabucodonosiano, camuflado entre as gozadas amadoras da entidade.

Recordo que durante anos muita gente tentou derrubar a administração anterior, falando de irregularidades que existiam. Mas nunca conseguiram provar. O atual presidente, na verdade conseguiu quebrar o silêncio das urnas, que perdurava há cerca de vinte anos. Para driblar desconcertantemente os clubes amadores - pobres por essência -, não seria apenas a figura juracina. Ali, dança a sinfonia maquiavélica de esconder, quem naturalmente, faz o maior investimento.

É isso como o cálice precioso da última gota de vida. No jogo da política, por esse mundo afora, não seria mera coincidência se encontrar um malfado como presidente de Câmara de Vereadores ou de Assembléias Legislativas. Até porque, para ser político, basta ter dinheiro suficiente para cobrir suas deficiências. Já dizia vodú Juliana que o pai rico - e aqui, tem muitos falava ao filho.

Não quero você trabalhando pra ninguém. Meu sonho sempre foi ser político. Mas não liguei muito. Então, farei de você um vereador.

E à custa de muito dinheiro, o analfabeto ocupava uma cadeira para ser representante do povo.

Outro perguntava para o filho mais esperto - um gineasiano torto de colégio particular.

Meu filho, você quer ser o quê?

Deputado, papai! Dinheiro falando alto, lá vai o anarquista para a Assembléia Legislativa. Mas tudo bem. Afinal, ele foi eleito pelo voto do povo, basta, na significância de sua origem. Tipo trocar o voto pelo fato do candidato ter tirado o seu título de eleitor e por lhe patrocinaram na roda dos seus compatriotas, uma grade de coação.

E ainda discutem o voto do analfabeto. Em quais condições poderia estar agasalhado hoje o futebol paraibano? Qual o nível de um líder (?) que foi formado por uma Faculdade, que segundo suas próprias palavras lhe deu um título de "bacharel"?

Não existe - essa é a pura realidade - um plano de modernizar o futebol, de levá-lo a sério, de respeitá-lo. Até porque, qual seria o interesse de prestígio, se ele é manobrado pela classe mais favorecida financeiramente, mas é vivida pela esmagadora pobreza subassistida?

Então, bolas para enganar estes pais de meninos bichudos, que se escondem nos caseres das vargens e que se agasalham nos dias de jogos, no cimento frio da arquibancada sol. O ufaniação fica na arquibancada cadaverista, onde as algas do futebol se torçalam ironicamente com o desgrata dos outros.

Ah, o importante não é o rozo do povo. É fazê-lo instrumento de gozo, e gozar com a cara dele! Quem canta o refrão?

Botafogo pode contratar Zé Eduardo

Trêze também quer trazer Zé Eduardo de volta a Paraíba, mas ele prefere o "Botinha"



Zé Eduardo - o maestro poderá voltar para ditar a sua arte... Jôia!

O atacante Zé Eduardo pode voltar ao futebol paraibano nos próximos dias, pois existe interesse do Trêze e do Botafogo pelo seu retorno, apesar do craque basiano ser, atualmente, uma das grandes estrelas do Ceará Sporting.

José Santos, supervisor do Trêze, viajou para Fortaleza com o objetivo de contratar Zé Eduardo e Getúlio, mas não conseguiu concretizar o sonho da diretoria trezeana, deixando os entendimentos bem encaminhados.

De repente, o Botafogo também entrou na jogada e já manteve contato, por telefone, com o jogador, sentindo o seu interesse pelo time da capital.

Estamos contando com a ajuda do nosso presidente do Conselho Deliberativo, João Bosco dos Santos, para tentar trazer Zé Eduardo de volta. Bosco é compadre de Zé Eduardo e, por telefone, já soube que, entre Trêze e Botafogo, o jogador prefere o nosso clube. Vamos enfrentar, pois Zé Eduardo

seria um excelente reforço, sobretudo pela capacidade de liderança, para as disputas do segundo turno do Campeonato Paraibano (afirmou o diretor de futebol Juvêncio Andrade).

Zé Eduardo ganha aproximadamente 90 mil cruzeiros por mês no Ceará Sporting, mas não esconde o seu desejo de voltar ao futebol da Paraíba, devendo definir tudo na próxima semana, pois seria necessária a rescisão do seu contrato com o time cearense, que só termina em novembro.

Campinense joga com Santa Cruz e é o favorito

Campina Grande (Sucursal) - Na sua segunda apresentação no segundo turno do Campeonato Paraibano de 81, o Campinense é considerado franco favorito diante do Santa Cruz de Santa Rita, hoje em Campina Grande, embora a equipe viva momentos de indecisão, com ameaça de queda do técnico Hélio Jacaré.

Pela tabela, o Santa Cruz é dono do mando de campo, mas, a exemplo do Nacional de Patos, o seu Estádio não foi aprovado pela PFF e o time tricolor é obrigado a cumprir todos os seus compromissos fora de casa.

EQUIPES

CAMPINENSE - Jorge Luiz, Sales, Zé Carlos I, Timbó e Sérgio; Jorge Reis, Zé Carlos II e Hélio; Gabriel, Guedes e Berg.

SANTA CRUZ - Geraldo, Cafá, Mimi, Val e Beto; Vavá, Eloneide e Bola; Adé, Ailton II e Nau.

Bota reinicia os treinos pensando no Santa Cruz

O Botafogo reinicia suas atividades normais amanhã, visando o compromisso de quarta-feira, diante do Santa Cruz de Santa Rita, no Estádio José Américo de Almeida Filho, na sequência do segundo turno do Campeonato Estadual da presente temporada. Zezinho Bispino vai pedir mais empenho do elenco botafoguense, pois, apesar da vitória de 5 x 0 sobre o Santos, ele viu muitas falhas na equipe, esperando corrigi-las o quanto antes.

A vitória - disse o treinador - foi justa, não resta dúvida. Mas o Botafogo ainda está errando muito nas finalizações. Um time que quer ser campeão tem de ter um índice de aproveitamento bom, principalmente nos momentos decisivos.

Os jogadores estão de folga hoje e deverão se apresentar ao técnico amanhã, às 9 horas, na Maravilha do Contorno, para o reinício das atividades. O jogo com o Santa Cruz é encarado com seriedade, pois, no primeiro turno, o Botafogo venceu o time santarritense por 1 x 0, encontrando muitas dificuldades.

Apoiador Neto não acertou ainda seu contrato no Auto

O meio campista Neto ainda não chegou a um acordo para assinar contrato com o Auto Esporte, apesar de já ser conhecido do técnico José Lima e de toda a diretoria do time automobilista.

Neto chegou semana passada em João Pessoa e iniciou entendimentos com a diretoria, faltando apenas um acordo financeiro para que o clube do povo o tenha como reforço para as disputas do segundo turno do Campeonato Paraibano da presente temporada.

CAMPINENSE

O próximo adversário do Auto Esporte na competição será o Campinense, domingos, aqui em João Pessoa, no Estádio José Américo de Almeida Filho. O técnico José Lima, portanto, uma semana para preparar seus jogadores, no sentido de conseguir um resultado



Auto treina, amanhã

positivo diante da representação cartola que, sem dúvida seria de grande importância para a classificação.

Vamos intensificar os treinamentos físicos para melhorar cada vez mais a preparação do nosso elenco. Um time bem preparado fisicamente tem tudo para conseguir os seus objetivos (afirmou o professor Leonel).

Grêmio jogará amistosos nos Estados Unidos

Porto Alegre - Ao retornar dos Estados Unidos, o vice-presidente de futebol do Grêmio Rafael Bandeira dos Santos, anunciou o roteiro da excursão do Clube Gaúcho, pelo México, Europa e Estados Unidos, num total de 10 jogos, que começa no próximo dia 4, em El Salvador e termina dia 30 de agosto, em Nova Iorque, contra o Cosmos.

Para a concretização da excursão, o Grêmio foi contratado pela agência Isewald Integral Sports Service, de Nova Iorque, que tratará de todos os detalhes da viagem. Para os 10 jogos, o Grêmio receberá, em média, uma cota de 20 mil dólares por partida, o que representará um total de 200 mil dólares. Vinte e cinco pessoas, entre jogadores, dirigentes e comissão técnica, comporão a delegação, que só será definida depois do encerramento do primeiro turno do campeonato gaúcho, no próximo dia 26.

LOTERIA

Quem arriscou esta semana na loteria Esportiva pode ser muito recompensado. O teste 566 bateu um novo recorde mundial, com o prêmio de 292 milhões 349 mil cruzeiros, já descontado o imposto de renda. O cálculo extra-oficial da arrecadação é de 929 milhões 824 mil cruzeiros com a venda de 12 milhões 279 mil 458 cartões. A média de apostas chegou a 75 cruzeiros e 72 centavos.

Rocha renovou seu contrato com o Botafogo

Rocha assinou seu novo contrato que o prenderá ao clube por mais anos enquanto os times estiverem em conversações com o Olaria para a compra de Ricardo, jogador que está também nas cogitações do Vasco. O time para o jogo de hoje contra o Campinense está assim escalado: Luis Carlos, Perivaldo (Gilmar), Zé Eduardo, Gaúcho e Gaúcho Lima. Rocha, Ademir Lobo e Mendonça, Edson, Jairzinho e Jerson.

Os dirigentes do América marcaram para segunda-feira uma reunião com Marinho e Peres para tentar convencê-lo a permanecer à frente da equipe pelo menos até o final do campeonato. Também os jogadores pediram ao zagueiro que figue e Marinho está disposto a encerrar definitivamente sua carreira de jogador e iniciar a de técnico. Com um treino coletivo em Vila Isabel, Marinho definiu o time que enfrenta o Americano. Ernani, Zé Paulo, Oscar, Eraldo e Alcir. Pires, João Luis e Manuel, João Carlos, Luisinho e Jurandir. A situação de Itoninho, que continua treinando entre os reservas, poderá ter sua situação definida até amanhã, quando a Federação Ambrótera envia sua liberação pelo El Hela.

Em Paris, o Vasco, jogando para uma plateia de 30 mil pessoas, venceu o Santi Etienne de 2 a 0, conquistando o terceiro lugar do torneio de Paris.

Galo é atração no jogo de hoje com o Guarabira

O jogo de hoje, entre Guarabira e Trêze, no Estádio Sílvio Porto, pode ter recorde de renda e público na cidade de Guarabira, pois a motivação é muito grande entre os torcedores do time alvazulino, sobretudo depois da vitória de 1 x 0 sobre o Nacional de Patos, semana passada, quebrando um tabu de 16 anos.

O Trêze tem um grande número de torcedores em Guarabira e, o fato de ter conquistado o título do primeiro turno do certame estadual, constitui uma grande atração para os torcedores brejeiros.

Edéio Leitão, treinador do time

guarabirense, espera que a sua equipe repita a mesma situação da estreia do Campeonato, pois o objetivo principal do Guarabira é assegurar uma vaga para o quadrangular decisivo.

EQUIPES

GUARABIRA - Lula, Zé Preto, Lilito, Guri e Adilson; Sandoval, Vandinho e Nenem; Gilson, Pedrinho Cangula e França.

TRÊZE - Hélio Show, Levi, Jota-bé, Hermes e Helomar; Wilson, Lula e Zé Augusto; Puma, Joãozinho Paulista e Hélio Alagano.



Trêzeanos têm compromisso difícil, hoje, diante do Guarabira

Guarabirenses querem novo recorde no Sílvio Porto

Guarabira, (Sucursal) - Somente um jogo com Trêze, Campinense, Botafogo ou um bom amistoso interestadual - poderia fazer o torcedor brejeiro abrir mão de uma movimentada vaquejada nas cercanias desta cidade, para tentar quebrar mais um recorde de renda, no acanhado estádio Sílvio Porto, palco do jogo de hoje, entre Guarabira e Trêze, esse, campeão do primeiro turno do campeonato.

E pensando desta forma que os torcedores guarabirenses vão superlotar esta tarde, o pequeno campo do Guarabira, para incentivar a sua equi-

pe, na tentativa de obter pelo menos o empate - porque mesmo jogando fora de casa, teoricamente o Galo é o favorito do jogo.

Como sempre tem acontecido nos jogos importantes do alvi-azulino do Brejo, o jogador Roberto Paulino vem dando apoio necessário para que o jogo seja disputado num clima de tranquilidade. E isso é reforçado pelo delegado José Maria da Silva, que vem realizando um bom trabalho disciplinar na cidade: "tenho certeza que não haverá problema neste jogo" - garantiu.

Pedrinho adverte seu time para não ser surpreendido

Campina Grande, (Sucursal) - Mesmo sabendo que sua equipe é infinitamente superior a do Guarabira, e sentindo o clima de favoritismo motivado por parte de sua torcida - o Trêze vai hoje para jogar no Sílvio Porto, tomando as precauções necessárias para não deixar ser surpreendido pelo adversário, e para isso o treinador Pedrinho Rodrigues advertiu seus atletas.

Na verdade vamos enfrentar um adversário de nível inferior ao nosso. Mas é preciso lembrar que futebol é disputado em campo, e todo mundo está sujeito a ganhar, empatar ou perder

isso é evidente. Portanto, vamos tomar cuidado porque o Guarabira vai jogar retrancado, explorando os contra-ataques, e isso é muito perigoso - ressaltou.

O artilheiro do campeonato, Joãozinho Paulista, sabe que será muito bem marcado pelos beques do Guarabira, mas disse que "isso não é problema, pois todos sabem que o centro-avante sempre recebe um policiamento rigoroso por parte dos zagueiros. Como artilheiro, estarei para confundir - porque, para isso - que trabalho durante o jogo".

RUBEM BRAGA

A paixão às vezes causa inveja

Página 3

SEBASTIÃO NERY

No sono de Jânio há também quebra-quebra

Página 5



Maranhão oferece trabalho

Em dois anos, o Maranhão— sob o governo João Castelo— deixou de exportar mão de obra. Agora está importando.

Castelo

Página 11

NASSARA

Aluguéis aumentam 77,53 por cento



Agora só me resta deixar o apartamento!



Foto: Florentino Carneiro

Joanna recusa o mito

Cantora antiga e profissional recente, Joanna já é uma realidade na música popular brasileira, mas nem por isso ela deixa de ser a mulher simples que é. "Não sou nem quero ser mito", afirma, com a convicção de quem sabe o que quer. Joanna acaba de lançar mais um LP, "Chama", e diz que cada música que canta "contém um pedaço de mim, um momento vivido ou imaginado".

Revista NACIONAL

Director-Editor-Chefe

Mauritônio Meira

Diretores

José Aylor Rocha

Oswaldo A. Vasconcelos

Publicidade: Elias Vilanova, Redação - Atirador Rôdrigues - Editor Executivo, Carlos Felício - Editor Adjunto, Ana Walter, "Zévilor", Machado - Diretor, Azeite, Franco e Rogério, Design: Fotografia: Florentino Carneiro; Sobres: Ayl Vasconcelos; Marcos Werhli; Matar: Eoo, Regina Coelho e Rubem Braga.

Conselho de Redação

Adriana Filho
Antônio Houaiss
Aurelio Buarque de Holanda
Guilherme Figueiredo
João Silveira

Colaboradores: Abelardo Jurema, Adilson de Barros, Alberto Nunes, Antônio Gilio Barroso, Beneditina Cavalcanti, Carlos Casper, Carlos Nogueira, Carlos de Farias, Érika Rôdrigues, Everaldo Gilio, Everton Schneider, Fernando Luiz Casado, Fred Ayres, Homero Ham, Venilida Tavares, João Condi, Jorge Roberto Martini, Lago Burnett, Marcelo Faria, Mário Pereira, Neufrieda Gêmina de Faria, Nelson Diniz Filho, Natan Macedo, Oliveira Bastos, Paulo Roberto Pires, Raul Giudicelli, Rivaldo José de Souza, Carlos Pires, Roberto Paulino, Sandra Martins e Sebastião Nery.

São Luís - Admon Vasconcelos; Teresina - Jesus Trubido; Fortaleza - Venâncio Xavier; Natal - Agnelo Alves e Wodes Madruga; João Pessoa - Patrônio Vinícius de Sousa; Recife - Eramogildo Marroquim; Aracaju - Leão Filho; Salvador - José Lopes da Cunha; Campos-RJ - Alcyono Cardoso; Santos - Meira; Rio de Janeiro - A. Borges de Melo; Volta Redonda-RJ - Geraldo Penedras; Barra Mansa-RJ - João Penardos; Curitiba - J. Nunes Cortez; Cuiabá - Dirio Nunes de Oliveira; Canoas-RS - José Fontes; Goiânia - Elton da Costa Campos e Camilo Grande - Bernardo de Faria. Correspondente no Exterior: Jacira Domingos (Mito-Itália); Fotocorrespondente: Henrique Pinheiro (Rio de Janeiro); Sérgio Silva e Jorge José Ribeiro da Fonseca; Fortaleza: Jovani da Cunha Ferreira e Rivaldo Fimoz; Salvador: Carlos Jorge Paes; Luis da Silva Henrique; Recife: E. Irene Kantor.

REVISTA NACIONAL (*)

é uma publicação de

Grupos Jornalísticos Ltda.

Director-Gerente
Mauritônio Meira
Gerente Administrativo
Herculano de Carvalho

Administração, Redação, publicidade e Ofícios: Rua Santa Luzia, 799 - 6º andar, Tel. (PABX) - 240-8430 - 226-6400. Telex: 01211 21013 - COD. 20.978145 (R00142) - Itacaré, Edifício Fontalva, Caixa de Janelas - CEP 20.030 - Sucessor: Caixa 61 de Oliveira s/n. - Diretor: Ayl. Santos; Redação: 4081 - Alameda - Fortaleza; Sucessor: Pernambuco: Murilo Marroquim - Diretor: Alagoas - Jansen Costa - Representante: Av. Pará, 410 - Tel. 223-8004 - Maceió.

A Gradua. Jornalismo se responsabiliza pelas matérias da REVISTA NACIONAL, com exceção das que estejam a ser merced de pelos jornais filiados.

(*) Circula aos domingos com exclusividade regional, pelo sistema de franquias; com as seguintes jornais brasileiros aos quais são fornecidos os filmes fotográficos para impressão:

O IMPARCIAL - São Luís, O DIA - Teresina, O ESTADO - Fortaleza, TRIBUNA DO NORTE - Natal, O DIÁRIO - João Pessoa, JORNAL DO COMÉRCIO - Recife, JORNAL DA CIDADE - Aracaju, JORNAL DA BAHIA - Salvador, JORNAL DO COMÉRCIO - Rio de Janeiro, FOLHA DA MANHÃ - Campos-RJ, SEMANA Ilustrada - Nova Iguaçu, INTEGRAL - Barra de São-João, A VOZ DA CIDADE - Volta Redonda-RJ, TRIBUNA DO COMÉRCIO - Recife, VOZ - Salvador, Integração-RJ, JORNAL DO SUL - Angra dos Reis-RJ, O ESTADO DO PARANÁ - Curitiba, CORRADI - Curitiba, O CRUZEIRO, JORNAL DA CIDADE - Cuiabá, O COMÉRCIO - Goiânia, O COMÉRCIO - João Pessoa, O ESTADO DO RIO GROSSO DO SUL - Campo Grande-MS.

Ponto de vista

Vamos às urnas

No discurso do Presidente Figueiredo, na cidade gaúcha de Esteio, abrindo oficialmente a campanha eleitoral do PSD, mereceu análise por vários analistas. Mas, particularmente, há dois aspectos importantes: o primeiro refere-se à afirmativa de que as eleições de 82 não podem ser encaradas como um julgamento da Revolução de 64; e o segundo, mais importante ainda, traduz-se na reafirmação do compromisso de realização do pleito, primeiro passo realmente concreto na caminhada do aprimoramento de opção democrática do País.

Quando a afirmativa do Presidente Figueiredo de que as eleições podem ser encaradas como um julgamento da Revolução de 64, não há porque discordar. Pró ou contra o Movimento de 64, ninguém pôde em hipótese alguma, por motivos que inspiraram a derrota de Jango; havia um temor de que se instalasse no País uma República sindicalista, nitidamente de coloração vermelha, mal em União Soviética. Portanto, o objetivo maior era afastar o perigo de uma ditadura sindical, sem contar o imperativo de uma varredura na corrupção que dominava o Governo, em todos os escalões. Desta forma, a realização do pleito de 82, embora se tenha o objetivo maior de sanar o quadro político da Nação, fazer o País voltar à normalidade e devolver-lhe, como um todo, a prática democrática.

Podemos argumentar, alguns, ou até muitos, que o processo de transição do Estado revolucionário para o Estado democrático está longe de ser alcançado e, mais ainda, que não se justificam tanto tempo para a renovação de expectativas; é importante, mas não vem ao caso. As eleições de 82, como enfatizou o



Figueiredo

Presidente Figueiredo, não vão julgar a Revolução, mesmo porque essa é uma tarefa da História, da qual - Revolução e eleições - são partes integrantes, cada uma com seu conceito. As eleições de 82 servem, mais que tudo, para permitir o julgamento do Presidente Figueiredo na História do Brasil, como o primeiro Presidente revolucionário a cumprir integralmente uma promessa feita ainda candidato. É um julgamento mais para o Presidente. Honroso, por sinal.

No que se refere à reafirmação, feita mais uma dentre tantas vezes, de que o calendário eleitoral não será cumprido rigorosamente, há Nôgato deve receber uma pá de cal nos extremismos de direita e de esquerda, destinados a tumultuar um processo de abertura política que se iniciou com a Anistia, prosseguiu com o arbrandamento da censura à imprensa e terá sua expressão natural com as eleições de 82.

As regras do jogo eleitoral, a serem definidas em breve, poderão desagradar a alguns segmentos políticos, principalmente da Oposição. Mas não há como se duvidar de que haverá eleições e com um dado a ser devidamente considerado: os componentes da classe política, casados com o advento do Movimento do pleito, como cidadãos iguais a quaisquer outros.

É natural que a Oposição reclame uma Lei Eleitoral que lhe dê igualdade de condições na disputa; e também é natural que a Oposição reivindique uma transição para a vida democrática, cuja resguardar suas liberdades para o prosseguimento de uma política estratégica que evite um retorno ao passado.

Mas, e isso é realmente o que deve contar, existe um dado novo para funcionar como lição da balança: o voto popular. Porque, sejam quais forem as regras, a decisão será do PVO. E disso o Presidente Figueiredo já garantiu. Quem pensar o contrário, que o enfrente.

PROBLEMAS URBANOS

"Recibo todos os domingos através de matutino local Folha da Manhã RN. Sou leitor assíduo e aproveito a ocasião para parabenizar todo este equip. desejando-lhes meus maiores votos de sucesso. O aspecto que me faz vir a esta coluna refere-se a "desenvolvimento urbano". Recentemente li trabalhos publicados pelo RN, retratando problemas do Recife e de Salvador através de seus prefeitos. Pois muito bem, ambas as cidades vivendo sob dilexio os mesmos problemas de saneamento básico (diferente, educação e habitação em ritmos de caos, transporte em péssimas condições sem se falar em urbanização que para o administrador nada pode se fazer de vultoso no momento em que o governo pede para apertar os cintos e por aí sucedem os problemas de todas as cidades deste país e que se formos amontoados uns em cima dos outros teríamos o maior polo do mundo. Mas, e Campos? Campos é uma cidade de aproximadamente 500 mil habitantes, considerada a capital do Norte Fluminense engajada num estado poliquitico mal administrado, que não tem condições de ser suas feridas áridas. Seu maior defeito é a falta de empregos para sustentar sua população. A economia do município é basicamente a cultura da cana-de-açúcar e as empresas, em grande parte de sua população perambulam pela cidade a mendigar; oolia triste mas real, embora estejamos no sudeste do país, éres, como declarou o Sr. Tarcísio Burty (goz da PB), desenvolvida. Se geograficamente estivessemos no Nordeste o quadro estaria devidamente correto. Para o Sr. gov. de Recife, equi no RN não há de tratar de rosas como pensam vozes. Voltando a Campos, reafirmo que aqui se tem um distrito industrial que mais parece ser loteamento sem construções, pois, há apenas 2 indústrias se instalaram, nada mais de que isto. O Governador do Estado admitiu recentemente em sua visita a reunião do azar para se eleger Governador se, inclusive em Campos, que precisamos criar neste país 1 milhão de empregos anualmente e ele não faz criar 1/2 milhão de empregos em todo o Brasil. Nesta região. Para finalizar peço que uma reportagem e exemplo do que



se fez, com Salvador e Recife fosse feito com esta cidade, mostrar a este país nossos problemas em repercussão nacional, pois nosso mar não é de rosas e sim de penides cobertos de espinhos.

Eduardo Ribeiro dos Santos

Campos - RJ

Toda razão para a bronca positiva. Eduardo. Os municípios são as células vivas da Nação - diremos nós, sem demagogia e sem querer exibir presunção. A Prefeitura é a ponta final dos Governos perante o povo. Delas, tudo se pede, delas tudo se exige e a elas quase nunca se dá. Daí, a atenção que estamos dando às Prefeituras, sobretudo as dos municípios mais populosos do país. Já fizemos com Jaime Leal (Cuitibá), Gustavo Krause (Recife) e Mário Kreutz (Salvador). O que está sendo programado. E destacamos para esse trabalho o mais famoso e conceituado repórter brasileiro, Joel Silveira, como voç - e os demais leitores, não se esqueçam de nos enviar a dívida, chegar a vez de Campos, a bela cidade que é mesmo a capital do Norte do Estado, onde a RN está obtendo um êxito invejável, circulando através do melhor jornal do interior fluminense, a Folha da Manhã.

GUSTAVO VAI BEM

"Quero parabenizar a REVISTA NACIONAL pela bela reportagem feita com o Prefeito Gustavo Krause, aqui de nossa cidade. Uma frase quero destacar de toda a entrevista-reportagem de Joel Silveira, pois ela retrata a filosofia de comportamento de nosso alcaide. É a frase de legenda da primeira página que disse "o prefeito está onde o pobre está. Não é demagogia, não, é verdade. Ele se sente bem junto do povo pobre. E a frase, sem dúvida, vai servir de slogan para a campanha que o município do azar para se eleger Governador de Pernambuco, inclusive o voto dos pernambucanos, inclusive o meu. Essa matéria, senhor redator, me encheu as medidas. Até que então as publicações do Suá no país, uma verdade de nós, porque normalmente só se lembram do

Nordeste para falar desgraças - chelas, secas e misérrimas. A matéria do Joel Silveira é real, objetiva, destacando as dificuldades de nossa capital e a maneira como o Prefeito está se saindo da situação. Parabéns mais uma vez. Agora, outro assunto. No número passado, voçs responderam a uma carta elogiando as charges do Nássara. Está bem, gosto muito dele. Mas acho as charges do Ape muito bem sacadas, também. Um viva para ele.

Alfredo Cavalcanti Jr.

Recife - PE

PREFEITO FAZ COISAS

"Destaco nesta carta, a bela reportagem de Joel Silveira sobre o Prefeito de Salvador, Mário Kreutz. Muito bem feita. O que acontece é que a população não gosta de obratamento ali estão sendo feitas. E o que está ocorrendo aqui. E obra para todo lado. Mas logo que elas ficaram prontas, a população vai dar vivas e parabéns ao Prefeito, pelo desafogo que as obras vão dar à cidade. Uma coisa que o Prefeito disse que é real, objetiva, destacando as dificuldades de nossa capital e a maneira como o Prefeito está se saindo da situação. Parabéns mais uma vez. Agora, outro assunto. No número passado, voçs responderam a uma carta elogiando as charges do Nássara. Está bem, gosto muito dele. Mas acho as charges do Ape muito bem sacadas, também. Um viva para ele.

Mauritônio Meira

Barroquinha - Salvador - BA

Cartas: Rua Santa Luzia, 799 - 6º andar

Rio de Janeiro - CEP 20.030

RIBEIRO
BRAGAEu senti
pena, mas
inveja
também

Meu amigo está apaixonado, e bebe, e me agarra na mesa do bar. Fala monotonamente, e com veemência, da carta que recebeu e dos telegramas que passou em resposta — três ou quatro ou cinco telegramas grandes, sucessivos, uma fortuna em telegramas.

Pergunto por que não telefonou para a moça. Não tivera coragem, não sabia falar, tivera medo do interurbano não estar bom, de moça não poder falar direito porque haveria gente escutando, e então ele acharia que ela achasse ridícula; preferia escrever em telegramas frases que, pelo menos, enquanto não tivessem resposta, ficariam vibrando; e não tinha certeza se até aquele momento ela já teria chegado em casa, quem sabe, talvez naquele instante mesmo estivesse abrindo os telegramas, talvez ainda de pé, na sala, ainda com a bolsa e o raticolo, vindo da rua, um pouco espantada de receber tantos telegramas urgentes.

Com certeza sentaria no sofá, sentiria que alguém da família a interrogava, cuidadosamente, sobre aqueles telegramas, e diria alguma coisa vaga para afastar o curioso, e quem sabe começaria a procurar entre aqueles números que vêm em cima do telegrama a hora da expedição, para saber qual tinha sido mandado primeiro, e a diferença de tempo de um para outro.

Ou não teria saído de casa alguma dia e os telegramas teriam chegado ao longo da tarde, o primeiro devia ter sido entregue pelo meio-dia e meia, o segundo pelas três horas, e empregada da casa, com certeza teria rido achando graça de vierem assim tantos telegramas para a dona Maria.

Ou talvez tivesse saído cedo e telefonado da cidade dizendo que ia jantar fora, e então sua irmã, por exemplo, teria ficado aqui em quatro ou cinco minutos para voz? "Ficaria indecisa se mandava ir ou não, perguntaria de onde eram, "meu Deus, que será isso?" Talvez pensasse em alguma notícia ruim, alguma desgraça que alguém procurava lhe anunciar com urgência, "bem, vou dar um pulo aí em casa". E então teria tomado um taxi e, ao abrir os telegramas, teria ficado aliviada, mas ao mesmo tempo também um pouco desapontada — "que idílica!" — entretanto sorrindo.

Meu amigo está apaixonado, e bebe mais; e imagina coisas, agora é tarde demais para telefonar, além disso, seria terrível saber que a essa hora ela não está em casa — não estar em casa no dia em que recebeu aqueles telegramas tão apaixonados! Estar com aquele casal amigo e aquele sujeito em uma buete dançando, sorrindo, talvez gostando um pouco demais da companhia daquele sujeito só porque é um sujeito que dança bem e tem esse traquejo de buete e senhoras, essa bobagem que afinal qualquer idiota pode ter, so passo que uma paixão assim tão profunda ninguém no mundo nunca teve.

"Você nem pode imaginar, ela é uma coisa! Quanto mais a gente conhece mais adora, e acha mais linda, e além disso a maneira de sentir as coisas, é uma criatura como não existe no mundo, eu não sei não, tenho até medo, nunca na minha vida senti uma paixão assim, também só uma mulher como aquela poderia me fazer sentir isso".

Meu amigo está apaixonado. Está um pouco bêbado. Tira do bolso o envelope, e tem de fazer um esforço violento, sinto que faz esse esforço de cavalheirismo para não me mostrar a carta, mas pede que eu olhe o sobrescrito, como se achasse a coisa mais maravilhosa do mundo o nome dele escrito pela mão daquele anjo. Pode haver coisa mais excelente e mais suprema? Aliás a carta não tem nada de mais, mas o jeito dela dizer as coisas, "você nem pode imaginar, é uma cartinha pequena, eu já li cinquenta vezes". E guarda aquele envelope escrito a tinta azul como se fosse o único original da única mensagem divina autêntica jamais enviada a um ser humano — e esse ser humano sentiu precisamente ele.

Meu amigo está apaixonado. Está bastante bêbado. Já bebeu um pouco demais; tira do bolso a passagem do avião para o dia seguinte para ter certeza de que vai mesmo, de que amanhã poderá rever aqueles cabelos, aqueles olhos, e o sorriso lindo do, ouvir aquela voz dizendo coisas amigas, coisas para ele, coisas de sonho, de sonho... Meu amigo está apaixonado. Está muito bêbado. É possível também que esteja chato. Mas de repente, no bar que avança pela madrugada como um velho barco meio velho, sinto uma grande pena e uma grande inveja de meu amigo.

A poesia é necessária

A FLORENÇA

Domingos Carvalho da Silva

Bela te fizeram os homens
que montaram, pedra sobre pedra,
a torre do Campanile.

Aita te fizeram os poetas
e os arquitetos te sonharam
imponente e triste.

Eterna te fizeram os que deram a imortalidade
do mármore
a Moisés e David.

Mas há ainda terrivelmente em ti
as coloridas sombras que passaram
o Ponte Vecchio
— Beatriz, Petrarca, Catarina de Médicis —
e que deixaram o rosto
na água de verde-plátano do teu rio.

(Do livro "À Margem do Tempo",
Ed. Clube de Poesia e Crítica, Brasília)



Leia livros

Todo o Proust em português — A Editora Globo relançou "Em Busca do Tempo Perdido" em 7 volumes. Traduções feitas por Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Lucia Miguel Pereira. Não se pode pedir melhor. Formato elegante e ômodo, capas coloridas com reproduções de Renoir, Lautrec, Monet. Conselho: compra o primeiro volume — "O Caminho de Swann" — e leia. Se gostar, então, meta os outros.

Os Buddenbrook — A Nova Fronteira também está tornando coragem e editando ou reedi-

tando livros de qualidade. Agora saiu "Os Buddenbrook", o primeiro romance de Thomas Mann, em que ele conta a história da decadência de uma família burguesa. É um tijo de 700 páginas — mas seja homem: leia, que vale a pena.

Roleta Chilena — Mas se você preferir literatura de momento, sobre fatos atuais ou recentes, leia Alfredo Sirkis — carolista, 30 anos, exilado político. Ele é autor de "Os Carbonários", e agora de "Roleta Chilena". Coisa que você lê sem parar. Edição Record.

Segurança - Liquidez - Confiança.



Letras de Câmbio COROA

Contrariando previsões oficiais que pregavam como prioridade para o período 70/80 a fixação do homem à terra, a descentralização de atividades econômicas, a ocupação da fronteira agrícola e o desenvolvimento regional equilibrado, o censo demográfico de 1980 realizado pelo IBGE, embora ainda não separados a nível de domicílio urbano/rural, revela que a maior parte do aumento populacional do País durante a última década concentrou-se nas cidades.

Segundo George Martine, coordenador brasileiro da Organização Internacional do Trabalho junto ao Centro Nacional de Recursos Humanos do Instituto de Planejamento e Estudos Aplicados (Ipeal) da Secretaria do Planejamento, tais dados referentes à evolução do crescimento vegetativo no País mostram "a dificuldade e a morosidade inerente dos esforços dirigidos a modificar a inércia das tendências de distribuição espacial da população brasileira através da canalização de recursos e fluxos migratórios para regiões menos densamente povoadas".

"Esta concentração populacional em áreas já congestionadas, revela que o Brasil obteve mais de 95 por cento do seu Produto Interno Bruto (PIB) gerado em áreas urbanas e 35 milhões de pessoas residindo em cidades com mais de 1 milhão de pessoas", acrescenta George Martine, explicando que "somente São Paulo foi responsável por mais da metade do aumento populacional ocorrida na região Sudeste, contrastando com a reduzida taxa de crescimento de empregos em grandes estabelecimentos da área metropolitana do Estado - 2,46 por cento entre 77/80".

As regiões Sudeste e Nordeste concentraram 72 por cento do crescimento populacional do País e, apesar de as taxas de crescimento terem-se acelerado mais no Norte e Centro-Oeste, a distribuição relativa por região não sofreu alterações significativas no período 70/80, salienta George Martine. "O Sudeste absorveu 46 por cento do aumento total da população e, somente São Paulo teve mais da metade (28 por cento), contra 40 e 22 por cento, respectivamente, da década anterior. O Nordeste contribuiu com mais de 25 por cento do total, significando, que sua participação no aumento populacional foi maior que no decênio 60/70. Já a região Sul, embora com crescimento inferior, absorveu mais pessoas que o Norte e o Centro-Oeste".

Devido a forte atração exercida sobre a população interiorana, São Paulo recebeu uma migração superior a 35 milhões de pessoas, equivalendo a quase quatro vezes a mesma quantidade de residentes durante toda a década pela região Norte e cinco vezes pela Centro-Oeste. O se-



ASSIS

O homem brasileiro continua fugindo do campo

PAULO ROBERTO PERES

gundo maior pólo de atração foi o Rio de Janeiro, que recebeu aproximadamente 700 mil pessoas, face ao poder atrativo de sua própria área metropolitana, sustenta George Martine.

Segundo o especialista, a atração desempenhada pelas regiões Norte e Centro-Oeste também teve sua importância. "O Norte recebeu, mais de 900 mil migrantes nos últimos dez anos, quase a metade concentrada no Pará (440 mil) e em Rondônia (1340 mil). Em Roraima, a população dobrou em relação ao início da década passada, enquanto a região Centro-Oeste continuou exercendo forte poder de atração sobre migrantes nacionais, ao contrário dos períodos anteriores. Todavia, o principal pólo durante o período 70/80 não foi a fronteira agrícola, mas o centro urbano administrativo do Distrito Federal, para onde migraram quase meio milhão de pessoas".

Não que ocorresse a emigração, Martine diz que a maior surpresa foi o Paraná, 1.570

pessoas saíram do Estado durante a década, contrariando o período 40/60 em que o Paraná era considerado uma área de atração, agora só comprou a Minas Gerais, Estado que, além de ser tradicionalmente o maior fornecedor de mão-de-obra para o resto do País, tem uma população quase duas vezes superior a paranaense".

Situação semelhante, ocorreu a nível mais modesto, embora com o Estado de Goiás, que desde a década de 40 constituiu-se como uma das maiores áreas de atração nacional, mas no período 70/80 perdeu 80 mil pessoas. A emigração constatada no Rio Grande do Sul - 580 mil pessoas - já era esperada por Martine, "tendo em vista o histórico emigratório do Estado nos últimos anos". O Nordeste perdeu nestes dez anos 2,2 milhões de pessoas, quantidade proporcionalmente bastante inferior àquela sofrida por Minas ou Paraná. O Maranhão foi o único Estado nordestino a apresentar um saldo migratório positivo durante o decênio, enquanto as

maiores perdas na região registraram-se em Pernambuco (620 mil) e Bahia (580 mil). Já o Estado da Paraíba foi "o mais afetado pela emigração", perdendo 350 mil pessoas entre 70/80, conforme análise de George Martine.

Confirmando conclusões anteriores, mais de dois quintos do aumento populacional do País, concentra-se nas nove áreas metropolitanas que, junto com o Distrito Federal receberam 5,7 milhões de pessoas, sendo responsáveis por 43,9 por cento do crescimento de população brasileira, processando-se um ritmo de 3.800 por cento ao ano. Embora 29,5 por cento da população brasileira já residisse numa das dez maiores cidades do País em 1980 contra 26,1 por cento, há dez anos atrás, George Martine, lembra que "78,3 por cento deste crescimento ocorreu em apenas três áreas metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais".

O Distrito Federal foi a cidade que apresentou a maior taxa

de crescimento populacional anual (8,13 por cento) entre as cidades com mais de 1 milhão de habitantes em 1980. Seguidos Curitiba (5,8 por cento), Belo Horizonte (4,67 por cento), São Paulo (4,45 por cento), Salvador (4,39 por cento), Belém e Fortaleza (4,3 por cento). Rio de Janeiro (com 2,47 por cento ao ano), Recife (2,73 por cento) e Porto Alegre (3,84 por cento) são as áreas de menor crescimento anual relativo.

Sobre a participação das áreas metropolitanas no fluxo migratório de cada Estado, George Martine acentua que "em São Paulo, por exemplo as migrações para as áreas metropolitanas equivaleram a quase 80 por cento dos 4.440 migrantes líquidos estimados para todo o Estado, enquanto no Rio de Janeiro a migração que se evoluiu equivaleria a 99 por cento da do Estado, apesar da baixa taxa de crescimento existente na cidade".

Na maioria dos demais Estados, que contém uma área metropolitana, a migração não "distanciou uma perda líquida muito maior do que a sofrida pelo resto do Estado". Destarte afirma George Martine, a atração exercida por Curitiba, cidade que recebeu no decênio 300 mil migrantes líquidos, atenuou a perda populacional verificada no restante do Paraná. "Presumindo-se que a grande maioria dos migrantes entre 70/80 encontrados no Estado em 1980 sejam provenientes do próprio Estado".

Este pressuposto justificado pelo técnico em função de tabulações especiais do censo de 1970, levaria a evasão de população paranaense a mais de 2 milhões, em vez dos estimados 1.570. O mesmo se aplica, a guisa de Martine, a Minas, onde a migração atingiria 2,1 milhões, em vez de 580 mil, Ceará - 650 mil, e em 420 mil, Bahia - 550 mil, em vez de 580 mil; e o Rio Grande do Sul quase dobraria o fluxo migratório, passando de 450 para 850 mil. "Apenas Recife teve um impacto migratório praticamente nulo, além da migração para Belém que sofreu menos de um quarto do influxo verificado no Pará".

Diante desse forte impacto migratório em todas as áreas metropolitanas, com exceção do Recife, esse impacto chamou a atenção que o crescimento vegetativo dessas grandes cidades tem produzido um acréscimo populacional quase tão significativo quanto a própria migração". Segundo ele, nas cidades de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, esse impacto chegou a ser mais importante que a migração líquida sobre o aumento populacional, restando São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e o Distrito Federal, onde a migração ultrapassou o crescimento natural.

SEBASTIÃO CERF



O senador

No avião, encontro desolado, arrasado, o velho dirigente do PDS nordestino. Vai dizendo coisas pensadas, amarguradas nas últimas 24 horas:

1. — Desde 64 que o governo não levava duas pancadas tão horríveis em um dia só. O aumento de 7% das prestações do BNH e o IPM do Riocentro já nos derrotaram. Agora não vai ter jêlo, perdemos mesmo as eleições do ano que vem. O bolso e a alma do povo brasileiro não vão nos perdoar essas duas tragédias.

2. — Você se lembra daquele joguinho da infância, que dizia assim: — "Es-cru-vos de jo-gam cachena-gã, tira, bota, desta eia ficar, ia-lá, Guerreiro com guerreiro fazem zigue-zigue-zã." Pois é, o Riocentro acabou em um zigue-zigue-zã.

3. — Antonio Carlos diz que tudo pode acontecer, menos o governo perder as eleições. O Nêo Coelho diz que o PDS precisa perder o poder para ganhar as eleições. Eramos um partido, agora, agora querem fazer dele uma caverna de bandoleiros.

Calado eu estava, calado eu fiquei. Podia haver uma bombinha ao lado da cadeira puna, de espuma da Vart.

Jari-Babá

Em 1961, o deputado Benedito Monteiro, o mais votado do Pará, hoje presidente estadual do PDT, era secretário de Terras do governador Aurélio do Carmo.

Uma tarde, desceu no aeroporto de Santarém, encontrou tudo tomado por seis aviões americanos, seis helicópteros e um punhado de gringos. Voltou a Belém e pediu ao governador um pelotão da Polícia Militar para prendê-los. O governador não deu.

Benedito demitiu-se, voltou para a Assembleia, fez uma Comissão Especial de Inquérito, gravou tudo de depoimento de vários dos Estados Unidos no Pará, confirmando tudo.

Os americanos, sem qualquer autorização brasileira, nem estadual, nem federal, estavam locando, detendo e cubando todas as minas do Estado, a serviço de "American Geodesic Service". Semanas depois, sumiram.

Veio o 1.º de abril de 1964. Benedito Monteiro foi o primeiro político do Pará preso, cassado. Passou meses no fundo de um porão, incomunicável e nu. E preso exatamente pelo comandante da Aeronáutica no Pará, quando os americanos ocuparam o aeroporto de Santarém.

No ano passado, Benedito entrou com uma ação popular na Justiça Federal contra a Alcoa, que estava querendo ficar com toda a bauxita da Amazônia.

Agora, está em cima de uma máquina. Ele é o escritor (romancista, poeta e historiador) mais popular do Pará. Val Jorgem na rua um livro contando toda a história das terras e dos minérios da Amazônia, desde o registro de assentimento do Projeto Jari. Título: "Jari-Babá e os 600 ladrões".

Desestabilizado

Werner Wanderer, deputado do PDS do Paraná, é líder agrícola no oeste do Estado (Cascavel, Foz do Iguaçu etc.). Na grande crise da soja, pouco antes das eleições de 1978, ele desafiou o governo e ganhou.

De Brasília, havia chegado a recomendação oficial, via Ministério da Agricultura e Secretaria do Planejamento, para que toda a soja do Paraná fosse vendida logo. Os preços estavam baixos. Werner Wanderer reuniu os agricultores e gritou:

— Ninguém vender nada. Quem vender se arrepende. Estou em contato diário com a bolsa de Chicago, os preços da soja calaram artificialmente e vão subir. Vender agora é um suicídio. O governo quer vender porque quer doar. Mas nós não podemos ter prejuízo porque o governo é incompetente.

Não venderam, a soja subiu, os agricultores ganharam dinheiro. Werner Wanderer elegeu-se deputado. Semanas atrás, Wanderer foi à Brasília, liderando uma comissão de agricultores paranaenses, discutir com o ministro Amauri Stabile, da Agricultura, os problemas agrícolas do Estado. A cada pergunta, Stabile coçava a cabeça:

— Esse problema não é meu. Quem decide é o Delim.

Dai a pouco, Wanderer ficou nervoso: — Ministro, todos os problemas que levamos aqui não puderam ser encaminhados porque, segundo o senhor diz, quem decide é o Delim. Então é o Delim quem dá a última palavra sobre a agricultura?

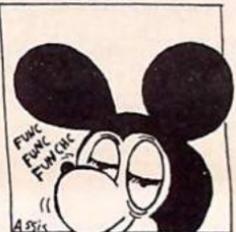
— E... Wanderer voltou para o grupo: — Se é o Delim quem decide, o que estamos fazendo aqui? Vamos falar com o Delim.

Stabile ficou "desestabilizadamente" só.

Curto - Circuito

"Bal Masqué"

REINALDO PAES BARRETO



Vejam vocês: fulana, amiga minha, trinta e alguns trocados, coisa bonita, casada mas sem paixão, ganhou uma viagem aos States. Não, não pensam mal — ainda. Ganhou na medida em que a passagem e os passado foram trançados a preço de bacalhau, como dizem lá os transmontanos. O que fez, ali, com que ela mais do que depressa sentasse e alma nuca Air Marrocos dessas da vida e fosse acordar do outro lado da água.

Aí se, tudo bem. Chegou, foi aqui, foi ali, visitou a Fladellia e ao saíto soube há duzentos e cinco anos aquilo e seis cavalheiros gritaram o *ipiranga* deles, e mais não sei o quê e, afinal, estacionou em Miami; lá, hotel daqueles de filme, programação intensa o dia inteiro, mar parando pastilha de hortelã, etc.

De volta, nos contou toda essa história e exibiu a respectiva documentação: fotos e mais fotos. Isso durante um jantar com gente por burro, menos o marido dela. De repente, alguém oestila a primeira gota de veneno:

— Ô fulana, e não pintou ninguém fazendo o modelito carente afetivo, mendigando a capela de teus braços?

Ela reagiu: não, o que é isso pessoal, vocês só pensam em envelopo, para quando as fotografias e dá com um negativo em que aparece ela, sendo beijada pelo Rato Mickey. Sim, senhores! Com rabo, orhlinha, jeito de sono mas lá, beijando a moça.

Ái voltamos a observar os positivos e não deu outra: lá atrás, despiadado, só dava o ração do banhado... Apertamos o cerco e ela confessou: era verdade! O bicho tanto correu que perdou!

E por isso que eu fico sempre na encolha, quando vejo rato querendo pegar o gato. Ou a gata.



O sono

Campanha eleitoral de 1960 para a Presidência da República. João Quadros foi a Muraiá, perto de Governador Valadares, fazer comício. Toda a UDN mineira na comitiva: Milton Campos, Magalhães Pinto, Pedro Aleixo, José Aparecido de Oliveira, Osvaldo Piereucci, Oscar Dias Correia. Grande festa na cidade.

Fazia um calor desesperador, chegaram ao meio-dia, multidão na rua, o comício começaria às 2 para terminar às 5 da tarde. João e a comitiva foram alocar na casa do presidente da UDN. Com eles, os jornalistas.

Depois do almoço, o comício. Primeiro, vereador, depois prefeito, depois deputado estadual, federal. O comício ia andando e João, cansado, bebido, ficou tirando um sono de uma hora. Às 4 horas, chegou à casa do presidente da UDN o deputado Osvaldo Piereucci, falando baixo, o jornalista Vilas-Bos Correia e outros colegas esperando o candidato acordar e sair.

— O presidente já acordou!

— Não, deputado. Está dormindo naquele quarto ali.

— O Magalhães me mamou para levá-lo logo, que o povo já está reclamando da ausência dele.

— Só batendo na porta.

O deputado Piereucci bateu. Uma, duas, três vezes. Ninguém respondeu. Bateu forte. Lá de dentro, um grito:

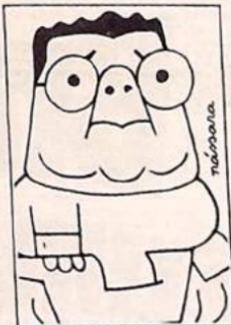
— Calma, senhores! Já me vou!

De repente, ouviu-se uma barulheira, coisa quebrando, calado. Salu João de cara zangada, irritado:

— Nem repousar se pode!

Vilas-Bos foi ver o que tinha acontecido no quarto. João, burroso, quebrara, aos pontapés, a mesinha de cabeceira, com vidro, abajur e tudo.

No palanque, fez um discurso maravilhoso.



COMPANHIA EXCELSIOR DE SEGUROS

Opera em todos os ramos

MATRIZ: Rio de Janeiro

SUCURSAIS: Niterói — São Paulo — Fortaleza — Belo Horizonte — Curitiba — São Luís — Teresina — Goiânia

— Porto Alegre — Salvador — Brasília — Macéió — Aracaju — Recife — Natal — Cuiabá — Florianópolis.

Viciado se recupera dentro da delegacia



ROSANA MOREIRA

Com elevado espírito de solidariedade humana, principalmente no atendimento de pais aflitos com o envolvimento dos seus filhos com toxícas, a Delegacia de Entorpecentes do Rio de Janeiro vem desenvolvendo um excepcional trabalho à frente do Serviço de Orientação Médica, Psicológica e Social, órgão recentemente criado.

Aos 34 anos, que o torna o mais jovem Delegado da SSP-RJ, mas com uma experiência de 13 anos no estudo do problema da toxicomania e do respasso ao tráfico de entorpecentes, Valterson Botelho, em apenas três meses de gestão, já conseguiu aprender uma quantidade de máquinas e cocainas equivalentes ao total apreendido em todo o ano passado.

Felizmente a ideia da criação do Serviço de Orientação Médica, Psicológica e Social (SOMPS), pela Delegacia de Entorpecentes, sob o meu comando, foi endossada pela cúpula de Secretaria de Segurança Pública e é, hoje, uma realidade. Prova disso que, através da divulgação da imprensa, mais de vinte viciados procuraram voluntariamente o Serviço e estão sendo tratados pela sua equipe.

Segundo o Delegado Valterson Botelho, a implantação do SOMPS não é um fato inédito, mas um aprimoramento da experiência realizada pela Delegacia de Entorpecentes de Niterói — experiência esta que, infelizmente, por falta de divulgação e uma estruturação definitiva, não chegou a impor-se no contexto da própria estrutura administrativa da Secretaria de Segurança.

Aparentes, no entanto, que, desta vez, embora ainda esteja sofrendo os mesmos problemas, o SOMPS já está praticamente implantado na Delegacia de Entorpecentes (com jurisdição em todo o Estado do Rio), talvez mesmo num exercício de coragem dos seus integrantes e responsáveis.

Com pouco mais de um mês, o SOMPS ainda se encontra em fase de estruturação, tendo como pressuposto e avaliação das suas potencialidades através do contato humano, que lhe mostrará, com dados concretos, o seu verdadeiro caminho e as próprias perspectivas do trabalho a ser posto em prática daqui para o futuro.

A equipe do Serviço de Orientação Médica, Psicológica e Social é formada pelo psiquiatra Osmar Santos — uma das principais autoridades no assunto, e já há mais de 10 anos participando de experiências idênticas em outros setores, inclusive na Delegacia de Entorpecentes de Niterói; seis psicólogos (localizados à disposição do SOMPS pelo Detran) os Drs. Delson Otávio de Sousa, Sylvio Lucas de Sousa, Oriana Cochrane, Nina Lucia Silveira Rocha, Augusto César Nóbrega Silva e Denise Almeida Oliveira; um médico clínico, o Dr. Júbere Gonçalves, pertencente ao quadro da Secretaria de Segurança, lotado na própria Delegacia de Entorpecentes.

— Tanto o psiquiatra Osmar Santos como o médico Júbere Gonçalves, prestam serviço diariamente ao SOMPS, enquanto os psiquiatras,

por serem láis, fazem um reexame médico durante a semana, destacando, porém, a uma escala de plantão diário. As segundas-feiras, no entanto, todo o grupo se reúne, quando, então, são feitas avaliações do trabalho realizado.

Um dado, porém, também merece registro especial: a maioria dos viciados que procuram o SOMPS chegam até lá após terem lido uma nota que saiu nos jornais, ou através da indicação de outros viciados — alguns, no entanto, aporados com os prejuízos que tanto em suas próprias vidas como permanecem no vício. E mais: embora o serviço seja procurado por pessoas (pais e viciados) de poucas posses, por lá já apareceram algumas com excelente situação financeira, raras até!

— Talvez o empacotamento dessas pessoas de níveis sociais diferentes, mas vitimadas pelo mesmo mal, seja decorrente do cuidado que tem o SOMPS de não expô-las à escaradela pública. Pelo contrário, protege-se da publicidade, a fim de possibilitar um tratamento tranqüilo e apto a promover uma cura total do paciente.

De acordo com o relatório apresentado pela equipe do SOMPS, ainda não foi possível estabelecer uma faixa de idade definida para quem quer se tratar. Foi assado, porém, que o tóxico mais usual é a maconha, talvez mesmo por ser a mais divulgada.

— Mas a verdade irrefutável é que a maconha deve ser combatida com toda a intensidade, porque o SOMPS comprovou, através do trabalho desenvolvido junto aos viciados, que ela

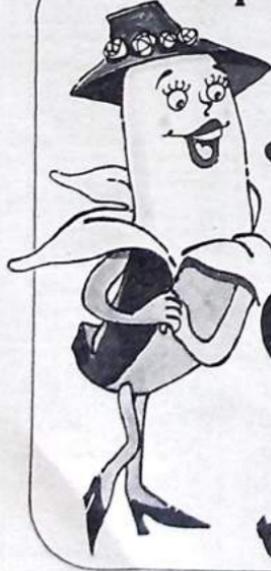
é o trampolim para o uso de outros medicamentos mais violentos, principalmente a cocaína. Revela Valterson Botelho que, até agora, sempre buscado um entrosamento entre médicos e pacientes, que visa a encontrar a forma ideal de avaliar as formas de comportamento, o porquê de sua ida ao SOMPS, as reais necessidades físicas e psicológicas dos mesmos, as razões da opção pelo vício. E não apenas isso: a partir do momento em que o viciado procura o serviço, fica implicitamente sujeito de compromissos com a própria Delegacia de Entorpecentes.

— Esta é uma forma justa de agir, pois a intenção do SOMPS é recuperar o viciado, enquanto a Delegacia de Entorpecentes, repito, é combater o tráfico e os traficantes. Portanto, uma ação não pode colidir com a outra, por serem, inclusive, calcadas em duas filosofias completamente distintas.

Dentro do no máximo dois meses, o Serviço de Orientação Médica, Psicológica e Social da Delegacia de Entorpecentes deverá apresentar um plano-diretor, que será a base para a sua oficialização definitiva, ponho fim, desse modo, a uma existência, que embora curta mas eficiente, se desenvolveu de forma bastante pacífica.

— Para se ter um exemplo, o SOMPS conta apenas com uma sala, dividida em três compartimentos mínimos. E, certamente, as suas necessidades físicas para atuar são muito maiores, talvez não grandes como a capacitação, o amor e o interesse da equipe que o forme.

Pode perguntar pra qualquer pessoa:



Brastel é uma boa

As atividades varejistas da Brastel abrangem 112 lojas em 5 Estados vendendo aparelhos domésticos, móveis, materiais de construção, plásticos, decoração e gêneros alimentícios de alta qualidade com toda facilidade.

tudo a preço de banana

ARGENTINA

As urnas estão bem guardadas

BARTOLOMÉ CASAS

As urnas estão bem guardadas". Esta afirmação do Comandante-em-Chefe do Exército Argentino, General Galtieri, parece sintetizar agora toda a filosofia política do governo militar que tomou o poder em março de 1976. Durante o ano 1980 se começou a falar de abertura política e o Ministro do Interior, General Argüindegui, por encargo da Junta Militar, e o Presidente Videla, receberam dirigentes políticos com o objetivo de trocar idéias sobre o destino institucional do país. Não há nenhuma informação que permita supor que essas reuniões tiveram resultado positivo. Cada dirigente político ou empresário convidado se limitou a expor seus pontos de vista que, por outro lado, já são amplamente conhecidos através dos meios de comunicação de massa. Paralelamente a esta ação oficial, mais retórica e defensiva, o general Viola, que esperava sua ascensão à presidência, estabeleceu contatos com os dirigentes sindicais e políticos peronistas, com os quais não haviam sido convidados para o diálogo oficial, no Ministério do Interior. O objetivo de Viola era de buscar apoio político para seu iminente governo, tarefa que havia iniciado organizando um tipo de "pool" informativo e de trabalho com alguns dirigentes políticos do interior do país, condutores de partidos provinciais sem vigência nacional. Quando Viola chega à presidência, a situação argentina pode definir-se talvez com excessivo simplismo, em um esquema condicionado por uma crescente e acelerada deterioração econômica, com uma dívida externa que supera os 30 milhões de dólares, com uma indústria devastada, com uma inflação de 3 dígitos (mais de 160 por cento anual) — segundo generosas e deturcadas cifras oficiais), com as forças armadas em expectativa e reosas, como consequência das feridas inevitáveis produzidas pela luta contra a subversão. Quer dizer, um país envenenado pela crise econômica, que já parece endêmica, dividido e cético — segundo generosas e deturcadas cifras oficiais — em relação à perspectiva de pelo governo dos Comandantes-em-Chefe.

O certo é que as frívolas expressões do general Galtieri com respeito ao fato de estarem as urnas bem guardadas, patenteia dramaticamente um fato objetivo: que as forças armadas não têm, agora pelo menos, outra política que não é de permanecer no governo. Por sua vez, a falta de clareza conceitual com respeito a um objetivo político, gerou a atomização do poder e este parece ser o problema básico do governo argentino. A estrutura formal da direção institucional se baseia em que o poder é dos 3 comandantes em

Chefe que atuam representando o Exército, a Marinha e a Aeronáutica e que o Presidente é uma espécie de delegado administrativo com limitada margem de autonomia. O Ministro da Economia que está saindo, Martínez de Hoz, teve a ordem, durante seu mandato, de afirmar enfaticamente que sua política econômica, que desenvolveu durante mais de cinco anos, era "a política das Forças Armadas", com o que se submetia à proteção inclusive das críticas que pudessem provir dos setores castrenses. Pode-se afirmar que o único que conseguiu um poder real durante seu mandato foi este ministro, que convivia com o apoio, indiferente, na maior parte dos casos, das Forças Armadas e das grandes empresas nacionais, não tão indiferentes, que através desta política lograram desmembrar a mídia e lutar com um conjunto de empresas nacionais que se haviam desenvolvido durante os últimos dez ou quinze anos e que lhes faziam dura competição comercial. A deterioração econômica e a eliminação das empresas nacionais, grandes ou médias, ajudou a deteriorar a margem de independência e capacidade de decisão do país, com o qual se tornou mais evidente a atomização do poder que parece ser o problema mais grave da Argentina de hoje.

Viola, com sua limitada quota de poder, se debate frente aos ataques indiretos e velados de alguns de seus camaradas de armas que conhecem seus flertes com o peronismo, frente a uma real incapacidade de manobra no plano da economia, pressionado pelos grupos multinacionais e seus aliados nacionais, que temem um retorno ao populismo e, por outro lado, um exército desconfiado que teme que lhe peçam contas dos excessos cometidos durante a guerra subversiva. O problema do General Viola consiste em saber se tem tempo para manobrar neste emaranhado de conflitos e lograr seu propósito de encontrar um rumo político que entre suas hipóteses possa avaliar a possibilidade de permanecer como presidente constitucional da Argentina assim que finalize este mandato outorgado pelas Forças Armadas. Se este é o objetivo real do gen. Viola, somente ele pode sabê-lo, porém é indubitavelmente uma das premissas sobre as quais se funda a atividade política, e neste terreno não existe lógica formal. As convicções têm uma vigência decisiva sobre os fatos, reais ou não, dos que participam de uma luta pelo poder. Durante os meses anteriores à tomada do poder pelo gen. Viola, pessoas chegadas à



Viola promove abertura com diálogos entre sindicalistas e políticos

Na Bahia tem...



PELOURINHO

Localizado no maior centro arquitetônico e histórico da América do Sul, o Hotel Pelourinho oferece estas vantagens exclusivas:

- Instalado no Centro Comercial e Bancário;
- A um passo do Elevador Lacerda;
- Descontina a mais bela vista da Bahia de Todos os Santos;
- Apartamentos e suítes decorados com bom gosto, dispo de telefone, geladeira, ar condicionado e TV em cores;
- Hotel ideal para o turista e para o executivo;
- A melhor surpresa são os preços, acessíveis e sem exploração.



Em seu hall de entrada, poderão ser encontrados para sua melhor comodidade: lojas de artesanato, local e de região, com tapeçaria, quadros, esculturas, ourivesaria e bordados.

HOTEL PELOURINHO

Rua Alfredo Brito, 20
Pelourinho - Salvador BA

Tels.: (071) 242-4317
242-4144
242-4717

equipe econômica de Martínez de Hoz difundiram rumores que tendiam a pôr em dúvida sua permanência no cargo durante o novo período, com o qual pretendiam acenar as condições de insegurança, acrescentar os desconcertos e as dúvidas e com isto ter uma quota do poder que vlam ameaçada pelo novo presidente, já que este era considerado um inimigo. O certo é que através de conversas informais com jornalistas e amigos, Viola apresentou durante o último período do presidente Videla suas discrepâncias com a orientação econômica, chegando a dizer que "seria necessário reconstruir as bases da economia argentina".

No meio deste caos que mal chega à superfície, pelos esforços que faz o governo para ocultá-lo, Viola continua sua paciente tarefa de afirmar as bases de sua autonomia. Demonstrou, no passado, um particular talento para esta tarefa, lembrando-se que foi designado Comandante-em-Chefe do Exército somente com o apoio de 5 generais de divisão sobre um total de 9. E nos meses subsequentes à sua designação, sem maiores escândalos, com paciência e perseverança logrou eliminar da atividade castrense estes quatro generais que haviam se oposto à sua designação.

Por outro lado, continua seus contatos com o peronismo, setor político indubitavelmente majoritário que conta com dirigentes acostumados à negociação e ao acordo. Entretanto, estes dirigentes sabem que para dialogar devem ter um interlocutor válido. Ou seja, alguém que possa de algum modo cumprir o pacto. E estão à espera que Viola demonstre que conseguiu manejar uma maior quota de poder, pois a que hoje manuseia não permite ser demasiado otimista com respeito ao futuro.

A única coisa concreta, além de uma realidade que se excede é que na cúpula militar continua válida a afirmação do gen. Galtieri: "as urnas estão bem guardadas". O que quer dizer que as Forças Armadas não pensam em abandonar o governo e a presumida abertura política é, até hoje, um entretenimento social e intelectual para alguns desprevidos, ou o meio que utilizam alguns políticos, sem apoio popular, para medir na forma do poder formal das Forças Armadas.

PONTO DE ENCONTRO

A empresa São Paulo Alparagatas, paulista, foi escolhida pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro para receber o "Prêmio Mauá", de 1980, destinado à empresa de capital aberto que manteve o melhor nível de relacionamento com seus acionistas e público em geral.

Tudo bem. Ninguém tem nada contra a Alparagatas, empresa limpa que se expande, se promove — e que merece receber o prêmio.

Mercede em eleição limpa; não em eleição suja como foi a realizada pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

Na verdade a Alparagatas recebeu apenas 62 votos, enquanto o Banco do Brasil recebeu 107 votos, ou sejam, 70 por cento de votos a mais do que a empresa

BOLSA DE (FALSOS) VALORES



Colin

peulista. Ambas concorreram dentro das regras do Regulamento do Concurso, para o qual concorrerem "todas as empresas de capital aberto listada em Bolsa".

E por que ganhou a Alparagatas e não o BB? Simplesmente porque a Bolsa de Valores (de falsos valores) discrimina as companhias estatais. E já que discrimina não avisa aos votantes que eles não concorrem. Resultado: são votadas, recebem mais votos — e não levam o prêmio. Pior: têm a sua imagem prejudicada por uma farsa armada pela Bolsa de Valores e pelos seus Diretores enluquecidos ou escuridos. Ao sairarem que o Banco do Brasil apesar de vitorioso não ganha o prêmio, os Diretores da Bolsa procuraram ocultar a verdade mais evidente: é que o Banco do Brasil, na Administração Oswaldo Collin, vem executando um programa inovável de comunicação com o público. O que é mais do que uma pena; é uma vergonha.

ADEUS, CRAQUE



André Pinto

O Secretário de Indústria e Comércio do Estado do Rio de Janeiro, Carlos Alberto de Andrade Pinto, tem como "hobby" o futebol. Não somente é um torcedor — desse de levar bandeira para o estádio — como aproveita as horas de folga para as peladas e os rachas de praia e do Aberto do Flamengo. Agora, a consequência: como todo bom craque, teve de balxar ao estádio. Operou os meniscos.

Mais um problema para o TêM?

MOREIRA VAI BEM



Franco

Um dos políticos mais promissores da nova safra é, sem dúvida, o Prefeito de Niterói, Wellington Moreira Franco. É, de cara, um ganhador de eleições: foi o deputado federal mais votado na última eleição do antigo Estado do Rio (antes da fusão). Em pleno exercício de mandato, candidato à Prefeitura de Niterói e deu um baixinho. Tive mais voto do que a soma dos seus concorrentes.

Agora, está fazendo uma das melhores administrações daquela cidade, praticamente mudando (para melhor) a fisionomia da ex-capital fluminense, ao mesmo tempo em que esquadrinha o Estado todo, plantando as sementes de sua campanha para Governador do Estado. Ninguém ouviu é cansa dentro do barulho, com valor de cunha.

EXPANSÃO

A Direção das Lojas Ponto Frio — um sucesso no Rio, Brasília e Goiânia — está de olho no Recife, depois de preparar sua presença em Belo Horizonte. O executivo do Grupo, Cláudio Cohen, esteve na capital pernambucana para conhecer a cidade e selecionar lojas (varzais) ou grupos de lojas (funcionando) para alugar ou comprar.

Por sua vez, o Grupo Casas da Banha, hoje integrado por 18 empresas, está planejando instalar-se em São Luís do Maranhão. Os primeiros contatos já foram feitos por Cláudio Vellozo, o Taxista da Tribo.

Além, que todos os olhos se voltam para o Maranhão. Quanto mais se realizar o Projeto Carajás, mais se desenvolverá o Estado, hoje com um Governador a altura do seu potencial de desenvolvimento, o fazendeiro João Castelo.

ALEMÃO E FORASTEIRO

O Delegado de Correntes de João Pessoa, Edmundo de Oliveira Arruda, não é de mais palavras. É afirmativo e veemente. Usa as palavras e os sinônimos das palavras para reforçar seu pensamento.

Há pouco, ele enviou à Justiça o inquérito policial concluído contra o cidadão estivo, Karl Axel, meu vizinho.

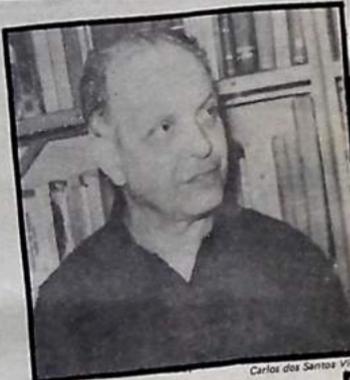
de um edifício da Praia de Tambau, o Delegado fez das palavras as suas balas contra o acusado. No relatório ao Juiz, o Delegado diz, simplesmente, o seguinte: "De acordo com as testas minhas ouvidas, o crime Karl Axel é um indivíduo atrevido, ríspido, forasteiro, meucarista, de conduta reprovável, noivo à sociedade, meu vizinho e cachorro".

no Rio
UMA NOITE PARA NÃO SER ESQUECIDA.

Special Concorde RESTAURANTE BAR

MUSICA AO VIVO PARA DANÇAR
COZINHA FRANCESA

tel. 287-7196 — 287-7146 — 287-1369 rua prudente das moras, 129 — rio de janeiro



Carlos dos Santos Vieira

Sebos

Muito mais importante que o invólucro será sempre o conteúdo — esta, sem dúvida, é a razão maior para a existência e sobretudo a sobrevivência dos sebos, livrarias que, num arroubo moderno de sofisticação, passaram a ser conhecidas como "empório de livros raros e usados". Ou, ainda, numa simplificação prática de quem lida com esse tipo de comércio, "livrarias de livros (sem redundância) de segunda mão".

E é, por exemplo, sustentado na sua experiência de mais 40 anos à frente de um dos sebos mais procurados do Rio de Janeiro — pomposamente, para os seus frequentadores e compradores, Livraria São José (Rua do Carmo, 61, Centro) — que o livreiro Carlos dos Santos Vieira enfatiza a importância desse tipo de atividade. "Principalmente em se levando em conta a enorme dificuldade do povo daspor de elevadas quantias para a aquisição de obras culturais importantes".

Para Carlos Vieira a sobrevivência dos sebos é um fenômeno que precisa até mesmo ser estudado com maior profundidade, porque, nos últimos anos, foram muitas as livrarias tradicionais que fecharam as suas portas, enquanto os velhos sebos continuam funcionando. E não apenas isso: surgiram muitos outros, alguns até especializados, já que se dedicam apenas à venda exclusiva de velhas edições.

Os sebos deixaram de ser um mercado de menor importância dentro do contexto editorial e atingiram efetivamente uma posição de igualdade com as livrarias que negociam apenas publicações novas.

Em função das poucas livrarias existentes em todo o País, o volume de vendas dos sebos mantém igualmente um nível de igualdade, porque, embora aparentemente poucos, têm posição firme junto ao seu público, agora não apenas formado por gente mais idosa mas por jovens interessados em pesquisas, cujos dados são possíveis de ser encontrados em obras esgotadas.

Além do fato de que os sebos já dispõem de um público específico, lato é, aquele grupo (grande) de pessoas que gostam de ler mas tem um poder aquisitivo menor, sua posição no mercado vai-se firmando cada

vez mais porque um outro tipo de público veio a juntar-se àquele já tradicional e ao moderno: quem deseja livros lançados recentemente, ou num lapso de tempo um pouco maior, mas que não existem mais nas livrarias comuns, possíveis de ser encontrados exatamente em nossos empórios.

Conhecidos como sebas, corruptela linguística originária da palavra sebo, forma pejorativa de designar as livrarias que negociam com livros usados, Carlos dos Santos Vieira, no entanto, assegura que, de uma maneira geral, embora o brevíssimo com atilhez e dignidade, o comércio enfrenta um problema muito sério: exatamento o de encontrar à sua mercadoria.

Nossa matéria-prima obrigatória é ser nobre, bela, e seizes até extraordinária e, por vezes, consequentemente, sobre o emaste da atual conjuntura, obrigando-a a encargos operacionais elevadíssimos. E, além disso, embora possa recorrer ao improviso, jamais poderá fugir de uma obrigação básica: ter a mercadoria sempre armada, numa forma organizada, capaz de facilitar a quem procura alguma obra sempre viva e encontrá-la.

Provavelmente o sebo mais antigo do Brasil, porque criado em 1908, a Livraria Gazzeau

passou de pa atualmente, estabilidade de Gizeau, que m — sobre a lpor pórios no con cultura nacion

Os sebos via de ceno var as pesso aquisitivo: a vros ou se. E mesmo importa principais edit econômica sur de demasiadame sariamente, at mente as nov

Gazzeau, por que, quanto ram spocos de inclusive um ti

a sua família do Vargas, p vros o qual v evitar a falin

— Foi que migração do Rio de Janeiro, p nova ortografa a liquidar que

Para João M Livraria Santa de 20 anos in

Rodrigo Silva, 6 os "sebos m pouco tempo d de ser possí

vros, porque, m sobe o custo de dos livros nov tar livros proibí Antonio Litco, comando de L tradicionalmente Rua São Franci na Capital per que os sebos p partir da abert escolas e da h uma novidade. A gatória. — Como s

que o gora. ta assegurava m das futuras. E rém, as pesqui em todos o t

nam a um exat

Inquilinos continuam levando a pior

ÉVERTON SCHNEIDER



Passados dois anos da aprovação da nova lei do inquilinato, as dúvidas quanto a aplicação correta da legislação sobre alugueis continua alimentando sonhos e preocupações, além de sérios conflitos entre locadores e locatários.

Um dos problemas mais enfrentados pelos locatários são as tentativas dos locadores de induzirem — aos inquilinos — correções semestrais nos contratos em vigor. A luz da legislação isso não é possível, a não ser pelo ação revisional locatária, após cinco anos de contrato.

EXTORSÕES

A introdução desta nova cláusula típica a assinatura de um novo contrato, onera os reajustes semestrais passarem a ser legais, porque a ação locatária é livre de limites. Pelo mesmo motivo, esse novo contrato poderá induzir o locatário a aumentos superiores aos índices oficiais determinados pelas Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, ORTNs.

Atualmente, esse tipo de burla à legislação só ocorre nos entendimentos diretos ou, quando os locatários são pessoas de nível social e econômico mais baixo. Outro ponto que motiva controvérsias está entre os especialistas no assunto é a legalidade da correção semestral dos alugueis e enquanto uns a defendem, outros afirmam ser possível questioná-la.

Os apologistas da tese se baseiam no fato de que, pela nova legislação, o reajuste dos alugueis é anual e baseado nos ORTNs. Entretanto, a necessidade, ignorância ou o comodismo leva a maioria dos locadores a assinar contratos com esta imposição, mesmo podendo questionar sua validade em juízo até com o contrato assinado, por ser uma cláusula nula.

Proibidas por lei, as administrações de imóveis continuam cobrando taxas e depósitos extras, de norte a sul do Brasil. Mais uma vez, o esclarecimento das regras do jogo evitará o pagamento de muitas contratuais de até 40 por cento — sobre o valor total da dívida — pois a legislação vigente estabelece que a multa máxima será de 10 por cento.

Outra extorsão à que está submetido quem se candidata a alugar um imóvel é a cobrança de taxa de cadastro, sobre o valor da locação, a título de "taxa de cadastro". Mesmo que o contrato não seja firmado, o valor não é restituído nem revertido para outro avaliado cadastral.

Mas o verdadeiro golpe de estelionato vem sendo aplicado no Rio, onde inescrupulosos, ao descontrarem um imóvel va-

zio, o anunciam em jornais. Para enganar os interessados ao proprietário, cobram determinado valor como "taxa de reserva", sob alegação de que o inquilino será devolvido, caso o contrato não seja assinado, o que nunca ocorreu.

BARREIRAS

Entretanto, o maior obstáculo que se para os locadores dos locatários é o flador. Isso porque, das três fórmulas sugeridas pela Lei do Inquilinato, os proprietários só aceitam um término (às vezes dois), procurando — sempre — fugir dos "profissionais", que geralmente desaparecem, além de se declararem sem condições de saldar a dívida, se necessário.

Substituir o responsável por um depósito antecipando três meses de aluguel também é aceito com dificuldade, pela maioria das administrações de imóveis. O principal motivo é que — pela legislação — a importância deve ser depositada numa Caderneta de Poupança bloqueada (em nome do locatário), para que seja evitada a desvalorização da moeda.

Para fugir dos custos administrativos, as empresas não fazem os depósitos ligando com o dinheiro e no momento da devolução, "negociam" o valor com o inquilino. A última opção (seguro-fiança), também não encontrou boa receptividade, por ser pouco divulgada a ter um custo muito alto, chegando a 0,65 por cento do valor total do contrato.

Se a atualização dos ORTNs deixam os locadores aflitos, não se pode esquecer a necessidade de ser mantida uma atualização (mais próxima da realidade brasileira) dos investimentos dos locatários. Há também outro aspecto de não importância, que é o fato de que muitos petúlos fazem do aluguel sua única renda disponível para o sustento de suas famílias.

Dados mais concretos estão em recente pesquisa da Associação Brasileira de Administradores de Imóveis (ABADI). Ela também se verifica que, entre seus sócios, 71,5 por cento dos locadores só apresentados ou vivas, que têm apenas um imóvel para locação e outro para moradia. Ou apenas cerca de 13 por cento possuem três imóveis para ambos os fins.

Por estas razões, se um locador fizer muita exigência, o locatário terá dificuldades para alugar seu imóvel e — para os especialistas deste setor — caso ele que, por pagar mais de um mês atrás dando prejuízos. Assim, diversos proprietários têm recuado quando um candidato a locação demonstra perfeito conhecimento de nova legislação vigente no Brasil.

Augusto Donadel

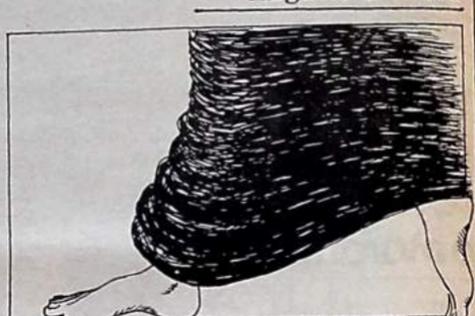


Ilustração de Franco de Assis

"Dama de preto", o fantasma que existiu

O difícil não é criar um fantasma. Difícil mesmo é ficar livre dele.

— Eu ori um fantasma e acabei por ser sendo perseguido. Daí em diante, toda minha preocupação foi matá-lo. Mas aconteceu que não foi preciso. Da mesma maneira que apareceu, acabou sumindo, pra não perder a tradição, o que acontece com todo fantasma que se cria.

Tudo começou por volta de 1945, eu sou me de dez hoje, nos "anos 45", quando uma mulher loura, vestida de preto, numa sexta-feira, à meia-noite, saltou de uma barca, em Niterói. Era uma jovem bonita. Naquela tempo a "pontão" era o terminal de bondes e de carros-carros-de-aluguel.

Enquanto esperavam os passageiros, motoristas e motoristas baliado-papo com os novatos da época. Mas, como se dizendo, a mulher saltou, pegou a tala do Canto da Rua, e ruiu para a final do Canto do Rio. Tudo bem. Lá o Cântaro, a pedido, deu uma subidinha, já em São Francisco, depois da igreja, no endereço indicado, aguardando a saída da passageira e o dinheiro da "corrida". Cinco minutos, Cântaro voltou-se e não estava a passageira. Nem houve sinal de porta aberta do seu velho Chevrolet.

Apavorado, o motorista retornou às "barcas", e o assunto não foi outro. Daí nasceu minha reportagem, uma série que tomou o nome de "A Dama de Preto". Daí por diante não se falava em outra coisa. O Nestor de Holanda, na Rádio Nacional, transformou tudo em novela. Odilo Costa Filho escreveu um editorial dizendo que no parlamento o que não faltava eram fantasmas. Em Niterói Rio Gonçalves endossou uma peça e uma revista inglesa deu em primeira página uma foto-montagem com o fantasma sobre a guianabara.

Daí por diante passava-se pra perseguido pelo fantasma. Um engenheiro muito conhecido, procurou o criminalista Elcio Cristóvão, porque dizendo-se agredido pela "Dama de Preto", queria apresentar queixa-crime existente contra o fantasma. Pessoas de nível respeitável, me procuravam e eu não queria contar as aventuras do fantasma.

Com mais intimos vozeiras, demência, mas de nada adiantava. "Não, Donadel. Vá lá em casa. O fantasma apareceu e quebrei tudo. Minha família assiste. É terrível". Nem sequer dormia sossegado, porque o telefone batia dizendo que o fantasma estava solto. Me existia?

Desesperado, voltei ao motorista Cântaro. Ele tudo confirmou. Mas já havia outros colegas que, desavisados, haviam conduzido o fantasma. Um certo, Gastão Saldanha, o apinhado também na "ponte". Mas neste episódio "Dama de Preto" estava acompanhada de um casal. E foram então por e Moura de Santa Tereza foi de fetiche nº 103. Já porta sumiu.

Então não tive mais dúvida. O fantasma existia, mesmo depois, outro, o motorista da então Cantareira, Antônio Odeado dos Santos, regulamento 77, do bonde "Canto do Rio", número 507, que viu a "Dama de Preto" num dos carros, deu uma "baldada" no fim da linha. Mas misteriosamente não encontrou mais ninguém. Bem conhecido, o motorista estava acima de qualquer suspeita.

Formou-se então o clamor público, a ponto do Chefe de Polícia, Dr. Romão Junior, designar dois de seus melhores "desbravos" para prender o fantasma. Eram os comissários Odílio e Flávio. Reuniram fatos, prova testemunhal e material, inclusive fizeram perfis nas casas onde a "Dama de Preto" existia.

A essa altura dos acontecimentos, eu próprio estava acreditando no fantasma por mim criado, e resolvi fazer uma reconstrução. Peguei o Cântaro, o Cântaro, e mendi num campo de crua havia deixado a estrada passageira, na subida de São Francisco. Lá, um casarão parecido castelo, em fundo de terreno. Sentado sobre telhado todo de arvore, um senhor de bermudas, chinês, cachimbo, lendo a Bíblia. Perguntei-lhe se ali morava uma senhora negra, assim, assim, assim. Com voz arrastada, respondeu-me com toda firmeza britânica: "Aqui não moro mais. Era minha irmã. Mas morreu há mais de cinco anos". O Cântaro não foi ouvir mais nada. Deu um pir-direito, fez até as barcas em dez minutos.

Cheguei à inacreditável conclusão: "Pode matar esse fantasma". Pensei imediatamente no seu plano e morte. Tentei a começar pela sua pensão das reportagens. Foi ao Silvestre Mota, editor da "Folha Carioca", fazendo-lhe suplicantes apelos, mas o Mota chamou e respondeu em sentido profissional. — Donadel, entra nos meu mercado saturado. Hoje pelo fantasma aumentamos a circulação, e consequentemente a publicidade. Por você faço tudo, mas o fantasma não afro mais!

Mas no Brasil existe uma coisa muito importante: O craxista. E os craxistas que eu conheço, juntos, matariam, em uma página gráfica, soltando tudo no "dumingo gordo" com declarações exclusivas do fantasma de zero que aquele seria seu último carneiro. Se assim livre-me do meu fantasma entre setenta e contos, cantando a marchinha de época.

Loureira Loureira

De olhos claros de cristal, Desta vez em vez de moriminha, Tu serás rainha do meu carnaval.

Mas até hoje sinto saudades. Não do fantasma propriamente dito, mais sim dos vales por fora, ilustres, marchinha de boca que o jornal me pagava para que o fantasma continuasse vivo, vigoroso, fazendo futuro publicidade e expondo idéias.

Brasil-81

1.300 frentes de trabalho sacodem hoje o Maranhão

Texto de
ANTÔNIO CARLOS LIMA
Fotos de
UZIEL AZOUBEL



Hoje os maranhenses já não deixam o Estado por falta de emprego.

No Maranhão, nos dias anteriores a 1979, a falta de empregos responde pelo grande fluxo de emigrantes. No campo, os conflitos fundiários determinam a evasão de milhares de lavradores. Na cidade, os problemas sociais atingem níveis assustadores. A precariedade do mercado de trabalho agrava-se com o aumento da mão-de-obra. Daí por que aqueles tempos se caracterizam pela busca de trabalho em outros Estados, a aventura em projetos como o Jará e outros em implantação. A partir desse ano, início do Governo João Castelo, começa a mudar e realidade.

Hoje, os maranhenses já não deixam o Estado pela falta de emprego. A construção civil, coordenada pela Secretaria dos Transportes e Obras Públicas, absorve a grande maioria da mão-de-obra disponível. Cerca de 100 mil trabalhadores constroem estradas, pontes, escolas, mercados, açougos, rodoviários, postos de saúde e outras obras de pequeno porte, em quase 1.300 frentes de trabalho abertas pelo atual Governo.

CARAJÁS

O Projeto Grande Carajás, de exportação de minérios, transformará o Maranhão em unidade motriz de um pólo de desenvolvimento regional, conjungido a projetos integrados de produção agropecuária, às margens da ferrovia Itaqu-Carajás, e a atividades de beneficiamento primário e secundário. Tudo isso representa empregos para o Estado.

Para o setor minero-metalúrgico, onde haverá investimentos da ordem de 28 bilhões de dólares, está prevista a criação de 63 mil empregos diretos, sem considerar as indústrias de segunda e terciária que surgirão, em consequência do Projeto, se implantado no Estado. Apenas em São Luís, haverá 38 mil desses empregos diretos.

O setor agropecuário e florestal do complexo Grande Carajás deverá absorver cerca de 80.000 trabalhadores, naturalmente os não qualificados. Na

área de Infra-estrutura, 4.400 pessoas atuarão nas obras da ferrovia e serviços portuários.

O projeto Alcoa/Shell, destinado à produção de alumínio e alumina, responderá pela geração de 2.500 empregos diretos, e já se encontra em fase de implantação. O projeto será um dos maiores e mais modernos empreendimentos do mundo, nesse setor.

RECURSOS

O Secretário dos Transportes e Obras Públicas, Roldolfo Ribeiro Gonçalves, diz que existem dificuldades de contratar operários para as obras do Governo estadual. Ele informa que pedreiros,

Em São Luís, 1.300 pessoas trabalham no Complexo Esportivo (estádio de futebol, ginásio, piscina e pistas de atletismo) e outras 1.500 prosseguem as obras do Itaqu, um projeto que permitirá, por uma gigantesca adutora, a canalização da água do Rio Itapecuru, a 70 quilômetros da capital, para o consumo da população e de indústrias em implantação.

Milhares de pedreiros constroem 7.500 unidades residenciais da Cidade Operária e do Malibô, em São Luís. Para o Interior, programa-se a construção de 22 mil casas populares e, no próximo ano, a Companhia de Habitação Popular do Maranhão irá edificar as primeiras cinco mil habitações do Pro-

o Maranhão acelera seu ritmo desenvolvimentista. Ali são finalizadas as bases estruturais para o progresso que modificará o seu perfil sócio-econômico, a partir do Projeto Carajás (exportação de minério) e de tantos outros empreendimentos de grande porte que serão eclodidos no Interior e na capital.

Por considerar a necessidade de engajar o maior número possível de maranhenses nos quadros dos empreendimentos industriais e de serviços, a serem instalados, o Governo do Estado desenvolve uma intensa política de preparação de mão-de-obra. A coordenação dessa política está a cargo da Secretaria do Trabalho e Ação Social (Stas).

mércio, indústrias e serviços, com o treinamento de 785 pessoas.

EMPREGOS PERMANENTES

A Alcoa do Brasil implantou-se há menos de um ano em São Luís e já emprega um considerável número de operários e técnicos. A Amazônia Mineração S.A. informa que cerca de 15 mil pessoas vão atuar, no Maranhão, nas obras do Projeto Carajás, no próximo ano. Outros grandes empreendimentos industriais devem ser implantados no Estado, nos próximos dois anos.

As autoridades estaduais preocupam-se com o número de empregos permanentes que vão surgir, pois grande parte destes destina-se a especializações profissionais inexistentes no mercado local. De acordo com o documento da Companhia Vale do Rio Doce, de julho do ano passado até 1990, serão gerados 38 mil empregos diretos no Maranhão, nas atividades de produção de alumina, semi-acabados de aço, slinter, ferro gusa, coque de babaçu e madeira, instalações portuárias e serviços de infra-estrutura.

A Secretaria de Trabalho e Ação Social criou recentemente um grupo de trabalho que executa levantamentos sobre as necessidades de mão-de-obra, capacitação das empresas locais para a formação de profissionais e a possibilidade de empregos na área de influência do Projeto Carajás, que inclui pólos de desenvolvimento como Imperatriz, Santa Inês, Bacabal e outras regiões.

Um grupo de trabalho da Stas é constituído de representantes de órgãos estaduais, federais e representantes dos trabalhadores da indústria. Até novembro ele deverá apresentar o Plano Estadual de Formação de Mão-de-Obra. O objetivo é atuar diretamente nas áreas de influência do Projeto Carajás. No momento domina a preocupação de preparar especialistas para determinar setores das futuras indústrias.



Só no setor minero-metalúrgico está prevista a criação de 63 mil empregos diretos.

carpinteiros e pedreiros são trazidos do Piauí e Ceará, diretamente para as construções. Antes, eram os maranhenses que procuravam empregos em outras regiões.

Os recursos para a execução das obras provêm de fontes diversas. O Governador João Castelo supera os obstáculos e obtém das autoridades federais e organismos internacionais os recursos de que necessita. Todos reconhecem as grandes possibilidades do Maranhão.

Uma das primeiras obras executadas foi a ponte Bandeira Tribuzzi, iniciada seis anos antes e concluída pelo atual Governo em apenas dez meses. Para a conclusão dos trabalhos, que se encontravam pela metade, empregaram-se 800 operários.

Um projeto que se destinava a famílias pobres e residentes em áreas palafitadas e alagadiças da periferia da capital maranhense.

Contrato no valor de Cr\$ 1 bilhão, 568 milhões e 300 mil foi firmado, no início de julho, entre o Instituto de Previdência do Maranhão (IPEM) e o Banco Nacional de Habitação. Os recursos destinam-se à construção de 1.275 unidades residenciais, entre casas e apartamentos. As obras serão logo iniciadas e representará a ampliação do mercado de trabalho na área da construção civil.

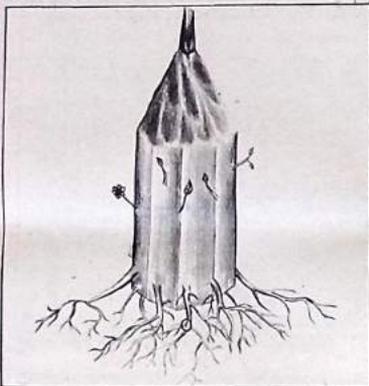
MÃO-DE-OBRA

Ao contrário de tantas outras regiões abataidas pelo desânimo,

Para este ano, a Stas programou mais de cem cursos, realizados em convênio com o Senac, Senac, Legião Brasileira de Assistência e Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra (PIPMO), para a capacitação e qualificação de 2.965 profissionais, em São Luís e 345, nos municípios de Bacabal, Imperatriz e Caxias, tendo em vista o atendimento do mercado de trabalho existente.

Eletrotécnicos, pedreiros, ditilógrafos, costureiros, auxiliares de escritório e uma infinidade de outros profissionais são preparados em cursos especiais. A Stas também desenvolve um projeto que visa a complementar o atendimento aos setores do co-

MUTIRÃO

Bjorn Borg
também está
com Mido

O melhor tenista do mundo e cinco vezes campeão de Wimbledon (foto) assinou recentemente contrato de exclusividade com a conhecida fábrica de relógios Mido. De acordo com o contrato, esta colaboração estrita se estende mundialmente e a marca suíça Mido já tem Bjorn Borg como seu embaixador.

A primeira fase deste evento foi o lançamento da nova coleção Mido Ocean Star High Class



durante a Feira Brasileira, na Suíça, que não só atraiu a atenção da indústria relojoeira, como, também, do público em geral. O novo modelo reúne a precisão e a alta classe que apenas Bjorn Borg poderia representar.

A coleção Mido Ocean Star High Class é uma extensão da linha Mido Ocean Star, tradicionalmente conhecida pelo seu famoso sistema à prova de água Aquadura. A combinação da

tecnologia suíça do quartzo e seu design sofisticado farão com que o Mido Ocean Star High Class se torne um marco na arte relojoeira Suíça — agora lançada do também no Brasil.

A colaboração da estrela do tênis mundial representa para a Mido uma fonte de sucesso com o objetivo de consolidar sua posição entre as marcas de renome internacional.

Estamos todos ameaçados!

Nossa civilização é responsável
pela destruição do planeta.

Seremos amanhã julgados
pelos nossos filhos?

Todos os anos milhões de peixes morrem intoxicados.

No Amazônia, 100.000 Km² são desmatados
por ano!

Centenas de pessoas são hospitalizadas
todos os dias, em consequência do
poluição atmosférica.

Aqui reunidas, vivas
e claras, todas as
informações!
— aquelas
que não oficial-
mente reco-
nhecidas...
— aquelas
que se escondem
do público!



Para
compreender
o importância
do problema

Para poder falar
com conhecimento de
causa, e sobretudo para
reagir...
Leia em família:
ECOLOGIA
a busca de nossa sobrevivência.

OS MAIS BELLOS ANIMAIS DO MUNDO.

GRATIS

Um livro com fotografias coloridas
dos animais belos do mundo.
Agora está se tornando cada vez
mais raro!



CUPOM DE PEDIDO

Sem compromisso de compra

Quero enviar-me, sem qualquer compromisso de compra o magnífico livro:

ECOLOGIA - A BUSCA DA NOSSA SOBREVIVÊNCIA

Pagarei esse volume como indicado abaixo (Marque com um X):

[X] A VISTA - Através de Remessa Postal por apenas R\$ 790,00 (sem taxa inclusa)

[] A PRAZO - Em duas parcelas iguais, mensais e consecutivas de R\$ 410,00 com taxa inclusa

Indico: [] A primeira parcela pelo Remessa Postal e a segunda através de Banco

ATENÇÃO: Preencher e devolver durante 60 dias de validade sem qualquer compromisso de compra

devolver e sem reembolso da importância paga

Na compra deste livro, ganhará um belíssimo livro de 100 páginas: OS MAIS BELLOS ANIMAIS DO MUNDO. Interessante! GRÁTIS.

NAO MANDAR DINHEIRO AÇÓMAM

Favor preencher a máquina ou em letra manuscrita. ECD 010 001

NOME _____

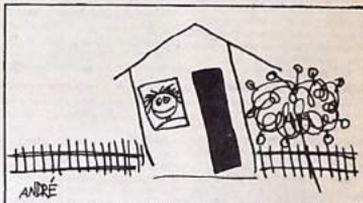
END _____

CIDADE _____

CEP (C.D.C.E.S.) _____

DATA _____ ASS. _____

ESTADO _____

O melhor da criança
é a sua criatividade

O modo pessoal de o indivíduo olhar "para fora" as impressões que capta do meio é o que se entende por expressão criativa: desde modo, a música e as formas gráficas e verbal, podem assim ser consideradas, porque partem de dentro de cada ser humano — da sua sensibilidade. Na realidade, porém, os sistemas tradicionais de educação impõem até com demasiada frequência uma gama de conhecimentos elaborados, quando o ideal seria, pelo contrário, estimular a sua busca através do esforço pessoal.

Dentro desse contexto, portanto, ressalta a situação atual da criança que, por esse motivo, teve limitado e até certo ponto castrado o seu desenvolvimento criativo — em se levando em conta, certamente, que a sua criatividade está presente em todas as atividades que ela realiza, não só e apenas nas chamadas artes plásticas. A criança, por consequência, demonstra e sua criatividade em todas as situações que envolvem o conhecimento das coisas — seja a modelagem, a pintura ou o desenho.

Mas a isso sobrepõe-se um outro grave problema: o adulto, de modo geral, tende sempre a impor à criança as suas idéias, os seus valores (por exemplo: dão figuras prontas para a criança apenas colorir), insistindo em algo que, sem dúvida, nenhum

valor possui para o desenvolvimento da criatividade infantil. Por uma razão simples: tais figuras, por se assemelharem ao objeto real que representam, agradam somente aos adultos — enquanto o (l)cto, o certo, o razoável seria o desenho ser feito sem qualquer interferência pela criança, embora viesse a fugir de uma perfeita semelhança com o real. E se isto ocorre, é porque a produção da criança está intimamente ligada ao seu estágio evolutivo.

Isto posto, resulta uma verdade incontestável: o desenvolvimento da criatividade infantil tem como um de seus principais valores o ambiente escolar — que, embora estimulante, deve estar livre de tensões, principalmente o clima das salas de aula. Fora isso, o contato com a natureza no qual o ideal seriam os passeios, as excursões — enfim todos os meios capazes de estimular a imaginação da criança, levando-a a olhar, sentir e tirar conclusões próprias, porque a criança deve aprender a ser Independente, a ter Iniciativa própria.

Em síntese, Interessar-se por satisfazer os seus interesses e sobretudo, numa escala maior, evitar dos impedimentos sem razão de ser, também encorajada a dizer o que pensa sobre as coisas que a rodeiam.

TETÉ SUZUKI

Mulher

Celina de Farias

A gravata de tricô

Grande moda. Pode ser usado por ele e por ela também. Aproveite e faça você mesma...

Material necessário - linha Mer-car-Crochet Corrente nº 20; 2 novelos da cor principal, 1 novelo da cor contrastante. Agulhas esmalçadas para tricô Corrente nº 2.

Tensão do Ponto: 16 pt. X 25 carrs = 4 cm medidos sobre pt. jersê. Dimensões: largura - 4,5 cm; comprimento - 1,30 m.

Abreviaturas - m - meia; t - tricô; pt - ponto; pt jersê - direito m, avesso t; rep - repita; P - cor principal; C - cor contrastante; carr - carreira; ult - último.

Modo de fazer - Com P monte 221 pt e trabalhe em pt jersê. 1ª carr: m; 2ª carr: 1m, t até o ult pt; 1m. Rep as ult 2 carrs mais 5 vezes. 13ª a 15ª carr: m, 16ª a 7ª carr: como as 2ª e a 1ª carr. Una C e continuando em pt jersê, trabalhe em listras como segue: (2 carr com C, 2 carr com P) 2 vezes, 4 carr com C, (2 carr com P, 2 carr com C) 2 vezes e 3 carr com P. Arremate C. 419 a 43ª carr: m. Começando com uma carr em t, faça 12 carr em pt jersê. Arremate frouxamente. Com o direito do trabalho para cima e P levante em 30 pt uniformemente em uma das pontas estreitas. Começando com uma carr em t, trabalhe em pt jersê, até o trabalho medir 83 cm ou o tamanho desejado a contar dos pt levantados. Arremate.

Montagem: dobre a peça na carr da bainha e costure as beiradas dos arremates juntos. Una as costuras dos lados juntos. Faça a abertura frouxamente. Ume-deça e passe levemente.



Ele X Ela

Um homem que vive 60 anos, passa 35 anos sentado, 20 a dormir, e somente 5 de pé. Assim demonstra a pesquisa realizada por dois professores B. Casey, dos Estados Unidos, e Donald Price, da Inglaterra. Outros dados interessantes fazem parte da estatística: enquanto o homem depende 2.400 horas em frente ao espelho para se barbear, a mulher dedica 3.500 horas à maquiagem. Mas o maior tempo ela fica cozinhando, no que gasta cerca de 52.000 horas.

Outras comparações entre o homem e a mulher obtidas através do trabalho dos dois professores, concluíram que a mulher trabalha mais e descansa menos, especialmente porque para as prendas domésticas não há horário-limite. Enquanto o homem trabalha, em média, 96.000 horas, dormindo durante 200.000, a mulher passa 136.000 trabalhando e somente 180.000 dormindo.

Mulher notícia

Acessórios especiais



O detalhe, às vezes, é mais importante do que a roupa. Portanto, você deve prestar bem atenção ao que vai usar como complemento. Semão vejamos a "pochete" em crocodilo, com arremates dourados; o lenço plissado no pescoço, preso desconfiadamente; o cinto em carvão e ouro com fechamento também em dourado. Todos são exemplos de como valorizar sua indumentária, dando um toque muito "in" (modelos Hermès).

"O nosso objetivo é o de realizar espetáculos, com base na dança, fundamentados na cultura e história do negro brasileiro" afirma Isaura de Assis, fundadora e diretora do Grupo "Olurun Baba Min", a que mais uma vez se apresenta, a partir do dia 22 de julho, no Teatro Tereza Rachel, Rio. Dessa vez, o tema é "Proclamação dos Miseráveis" - o homem escravo em nossa história e o homem livre que sofre a consequência de viver como pobre no Terceiro Mundo formam a base da criação do espetáculo. "A dança, fator principal de interpretação", acrescenta Isaura, apresenta variações estilizadas para o moderno, sem no entanto perder a essência afro, característica que se repete através dos seis anos de existência do grupo e que está mais acentuada no presente espetáculo".

Isaura, que também é professora de ginástica complementar, "dá aulas de ginástica moderna, de preparação do corpo, de todo psicoemotivo, visando as funções respiratórias, circulatórias digestivas e psíquicas. Meu objetivo é desenvolver a plasticidade e a beleza dos movimentos podendo-se então conhecer totalmente e dominar o corpo. Informações sobre o espetáculo "Proclamação dos Miseráveis" pelo telefone (021) 236-6153.





JOANNA

Chama, além de título do novo LP de Joanna, transcende qualquer duplêq imediata sobre repertório, arranjos musicos e todos os demais componentes de um produto comercial bem acabado e de perspectivas ótimas quanto ao seu consumo. É, com bastante propriedade e evidência, a relação mais íntima, que a cantora agora consegue, com a carreira ainda adolescente mas absolutamente bem sucedida. Uma relação onde a organicidade é indiscutível, desde a capa até a performance alcançada em cada uma de suas faixas. E com um adendo: a excelência de Artur Laranjeira e Durval Ferreira na tarefa de produzir discos.



JOANNA

Joanna, emotiva, nasce mesmo na forma de interpretar, até esse novo disco como algo definitivo e compreensivelmente romântico.

"Chama resulta de um trabalho mais minucioso, inclusive em termos de arranjos, repertório e tudo o mais. Tive liberdade de acompanhar cada detalhe, tive os músicos que admiro e as músicas que, realmente, me comovem. Isto não significa, no entanto, que renegue os discos anteriores. Ao contrário. Ocorre apenas que este disco é mais absoluto, tanto na essência quanto na forma. Ele é parte de mim porque me encanta e me satisfaz. Fala da minha vida, dos meus sentimentos, das minhas ansiedades."

Excluindo-se a análise lespetalidade e competência do Ary Vasconcelos, crítico de RN), o repertório acentua os verdadeiros achados no que diz respeito à interação voz-temática. Por esse raciocínio, é gostoso ouvir-se Joanna cantando, com naturalidade e brejeirice, Doce de Coco, de Jacob Bittencourt, gravação original do próprio Jacob do Bandolim em 1950, com letra colocada por Herminio Bello de Carvalho, 30 anos de pois, e surpreendente, mesmo, como "resolheu" com habilidade os intrincados caminhos melódicos de Eu te amo, de Tom Jobim e Gilio Bouarque.

Há, também, a emotiva interpretação para Minha Casa, de Joubert de Carvalho, com acompanhamentos de violão e caquinho de Rosinha de Valença.

As outras faixas são de sua autoria junto a parceira de fé Saba Bendinoli, algumas delas, inclusive, em co-parce-



JOANNA



Não sou nem quero ser mito

JORGE ROBERTO MARTINS



Joanna diz que "Chama" é um pedaço "de mim"

ria com Toni Bahia. A dupla Sueli Costa e Abel Silva comparece com Muller Marcada, Gonzaga Júnior, Uma Canção de Amor, que já tem um índice de execução nas rádios para ECAD nenhum ignorar, Milton Nascimento e Fernando Brant - Nos Bailes da Vida, e Ricardo Vilas - Dúvidas.

"Cada uma delas", reafirma Joanna, "contém um pedaço de mim, um momento vivido ou imaginado. Minha Casa, por exemplo, é uma música que me acompanha há muito tempo. Sempre gostei de cantá-la, doce tempo, emocionante, envolvente. Aço de Coco é, também, uma de minhas admirações. Quanto a Eu te amo, estou certa que me abrange por tanta razão são as coisas que os versos dizem e que a melodia sublima."

Cantora antiga e profissional recente, Joanna já é uma realidade na música popular, seja pelo seu inelutável índice de vendagens (Chama já está com uma venda confirmada de 150 mil cópias, garantem os fofistas), seja pela sua simplicidade de comportamento. Sua postura como profissional revela a firmeza de quem se sabe capaz de freqüentar esse círculo musical, onde, por antipáticas ingerências, o sucesso dura exatamente o tempo da um espetáculo. E de bolso, comovemos.

"Não sou nem quero ser um mito, um 'monstro' da música. Isto, além de pretensão, é incompatível com a minha personalidade. Sou uma pessoa simples, formação tradicional, criada no subúrbio carioca, sem sofisticadas ou ambições descaídas. Tenho um objetivo a conseguir e não um ideal ilusório ou possessivo.

Quando disse que este disco tem muito de mim, quis determinar bem a sua importância e envolvimento em relação a mim como mulher e artista. Além do mais, ele reflete, com exatidão, o meu momento, qual seja o de estar em paz, de bem com a vida."

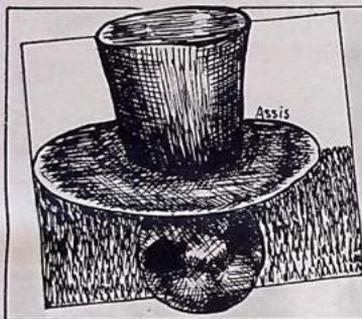
Magra, alta, morena, jovem-mulher de 24 anos, Joanna possui olhos de ver. Olhos de ver? Ver e ligar-se em assuntos diretamente, umbilicalmente ligados à sua atividade: da política (partidária ou de vida) à domesticidade, que lhe preenche o cotidiano, dos elogios assustadoramente crescentes aos diversos compromissos que, todavia, não lhe embotam o raciocínio, da casa ao trabalho, dos amores à sua nua da qual falou Ziraldo em texto encartado no disco.

"Para mim, política é vida", sentença é dá abrangência ao termo que padroniza e/ou muda histórias e homens. A Voltare, por exemplo, a política causava aversão. Sabamente, dizia que ela não era sua ocupação, pois ela limitava seus reducidos esforços a tornar os homens menos tolos e mais honestos.

Como Joanna é todo sonecho, melícol e uma saudável união entre o lirismo sonhador e a realidade possível - e suas composições e interpretações docemente confirmam -, ouvindo-a, os homens, por certo, têm todas as chances de serem menos tolos, mais honestos e apaixonadamente sinceros.

E tudo por uma questão de sensibilidade. E evidência... ou audição, como queiram.

Esporte



A CRUZ E A ROSA



ALGO DE
DIFERENTE EM
SUA VIDA!

Palavras e sons
musicais, magicamente
coordenados levam a
seu lar
uma mensagem
profunda e vibrante

Na FILOSOFIA PERENE, Carlos Alberto apresenta o eterno na filosofia do Homem, numa coletânea harmoniosamente encadeada, de pensamentos dos maiores místicos, filósofos, poetas, escritores e cientistas de todos os tempos. É um tesouro inestimável, colocado ao alcance de todos numa só obra.

A HISTÓRIA DE AISHA, escrita e narrada por P.A. FREIRE, é a própria história da Criação, a partir da ideia do Criador, através das fases evolutivas das formas, até os nossos dias. Todo o drama da evolução do Ser encenado no teatro do pensamento do Universo.

Estas obras foram originalmente apresentadas na Convenção Mundial Rosacruz de 1975, em Curitiba, com música incidental. Para que todos pudessem partilhar tão emocionante e reveladora experiência, a Editora Renes A produziu agora, em texto escrito e falado, com sonorização especialmente composta e executada por um dos mais capazes artistas de nossa época: LUIZ EÇA.

Coordenador-Geral de MARIA A. MOURA, Grande-Mestre da Ordem Rosacruz — AMORC

P. A. FREIRE, formado em Engenharia Eletrônica em Amsterdã, Bélgica, especializado em Engenharia Eletrônica na França, Professor de Métodos Gráficos da UFRJ, Autor de livros e manuais técnicos, Participante no Brasil nas penúltimas paradas olimpíadas feitas pela Bell Federalista, com equipe da Universidade de Princeton. Membro do Grêmios Rosacruz — AMORC

LUIS ALBERTO S. SOARES, Bacharel em Geologia de Petróleo, Master e Doutor em Física, em Letras-Lua Comparada, pela Universidade de Michigan, Conferência, Professor de Inglês, Física, Literatura, Estética, Metodologia, Autor Dramático. Membro do Grêmios Rosacruz — AMORC

LUIZ EÇA, Figura excepcional da música brasileira contemporânea. Luiz Eça compôs e executou a sonorização especialmente feita para a CRUZ E A ROSA, tendo atingido efeitos notáveis, que compensaram emocionalmente os tempos com surpresas e vibrações.

À EDITORA RENES L.T.D.

Caixa Postal 2424 — Rio, RJ — CEP 20000

Quêrem enviar-me pelo Reembolso Postal, A CRUZ E A ROSA pelo preço de Cr\$ 780,00 que pagarei aos Correios contra entrega. Contém disco estêreo de 30 cm inteiramente grátis.

Nome
Endereço
Cidade Estado
CEP Assinatura

Da pelada é que nascem os Pelés

Vou lá na CBF pra dar uma espanada em regra no Giulite Coutinho, no bojo de uma entrevista coletiva da RN que está vindo por aí, e lá no meio da parada surge, de viva voz (ideia), uma informação séria: a entidade está disposta a empregar um dinheiro forte na construção de campos de futebol, por todo o País.

Posso assegurar — e quem me conhece jamais terá qualquer dúvida —, que algo que não faz o meu gosto é conversa de cartola, porque se o que diz repercute, ele desmente, senão, fica na bronca, pensando que o esboço não transmitiu a sua ideia genial — o que, afinal, seria uma exceção — e, por consequência, se obrigando a sair nas folhas de qualquer jeito.

Mas voltemos ao assunto, que é exatamente o que importa: Giulite Coutinho, tanto através do Carnê da CBF (que agora já vale, realmente, lá das pernas), ou, possivelmente de parte do dinheiro que a Confederação receberá de um dos próximos testes da Loteria Esportiva, vai mesmo construir campos de pelada. E com um objetivo de longo alcance: fazer com que a ortodoxa, e não só esta, também toda a nossa juventude, volte a interessar-se pelo futebol.

Giulite Coutinho, um homem rico, não esconde que é um torcedor sofrido. Por duas razões:

primeiro, porque seu clube, o America, há 21 anos, não ganhou título; segundo, porque a atual diretoria matou uma das melhores ideias que ele levou para Campos Sales, acabou com a escolinha de jogadores que fora criada (frise-se, sob a responsabilidade financeira de Giulite Coutinho), em Jacarepaguá.

E o que o presidente da CBF tem em mente justifica até mesmo a resposta que me deu, quando perguntei-lhe se achava alguma diferença entre cartola e dirigente:

— "Sou cartola, mas muito melhor dirigente". Pelo retrospecto daquilo que tem realizado na CBF — confesso, concordando com a sua posição. Mas, se levar a termo o que pretende — isto é, encher todo o Brasil de campos de pelada (acabando com a criminoso especulação imobiliária, que não permite sequer uma pequenissima praça de esportes nos conjuntos habitacionais) — assumo a briga e vamos lutar juntos contra o que der e vier.

E não precisamos de muitas justificativas para provar o enorme alcance da medida: basta a gente entender que, levando a criança e o jovem à prática do esporte (não exclusivamente o futebol), os estamos tirando da marginalidade e, pior do que tudo, das garras dos traficantes de tóxicos. E, de outro

Carlos Felipe

lado, referindo-se especialmente aos campos de pelada, a possibilidade do surgimento de novos grandes jogadores para o futebol brasileiro.

Giulite Coutinho garante que vai conseguir o seu intento e, para tanto, está disposto a enfrentar quaisquer dificuldades: afinal, segundo ele — misélio de boa cepa —, já está-se tornando vergonhoso, acintoso até, que os clubes do norte, nordeste e alguns do sul do País, venham disputando a Taça de Prata e de Ouro com rebotalho de jogadores. Ou seja: profissionais que estão em fim de carreira, com vícios, afira alguns que, por incompetência, não conseguiram se afirmar nos grandes centros futebolísticos.

E por que razão? Simplemente porque os clubes brasileiros (incluindo os das grandes capitais) deixaram de formar os seus próprios jogadores, exatamente porque não dispõem sequer de campos para fazer seleção e, posteriormente, treinamento. E como nos bal, os talentos os campos de pelada não existem mais, o futebol brasileiro quase vai — ou estaria indo? — para o beiléu.

A proposta é excelente e, por isso, vamos todos torcer para que dê bons resultados — por que, segundo a própria filosofia popular, da pelada é que nascem os Pelés.



Cabeça feita

Tapa Guanabara, versão 81, o Bangü não tinha ainda perdido de ninguém. Mas, por outro lado, também não tinha ganhado uma partida, embora merecesse vencer todos os grandes clubes que se disputam, em partidas que perdeu gols daqueles considerados póts. E a maior delas, nos pés do Eitar, Mirandinha.

Famoso pela sua prodigalidade com os jogadores bangüenses, a ponto de transformar veteranos como Moisés, René, Carlos Roberto e Marco Antônio em verdadeiras feras dentro de campo, o vice-Castor de Andrade fez de tudo para colocar o pé de Mirandinha na forma em particular acabando com todos os seus problemas financeiros. Mas não tinha jeito: Mirandinha continuou a perder gols incríveis.

Sem outra saída, Castor de Andrade contratou o paraplótico Roberto Lengruiber, conhe-

dido por uns como curandeiro, por outros como charlatão e, ainda por alguns, como santo. E bastou uma conversa de Mirandinha com o Lengruiber para o jogador marcar dois belíssimos gols contra o Fluminense.

Invocado, Castor de Andrade foi pedir explicações ao zagueiro Moisés, porque não entendia a randinha ter acertado o pé — porque ele já gustara uma grande forte com o atacante e não conseguira resultado.

— Não esqueita não, doutor: é que o senhor fez o nosso bolso, e esse malandro aí, gastando conversa fiada, conseguiu "fazer" a cabeça de alguns outros.

Entes que Castor de Andrade virasse as costas e saísse dos vestiários, Moisés completou: val querer também entrar no bicho!

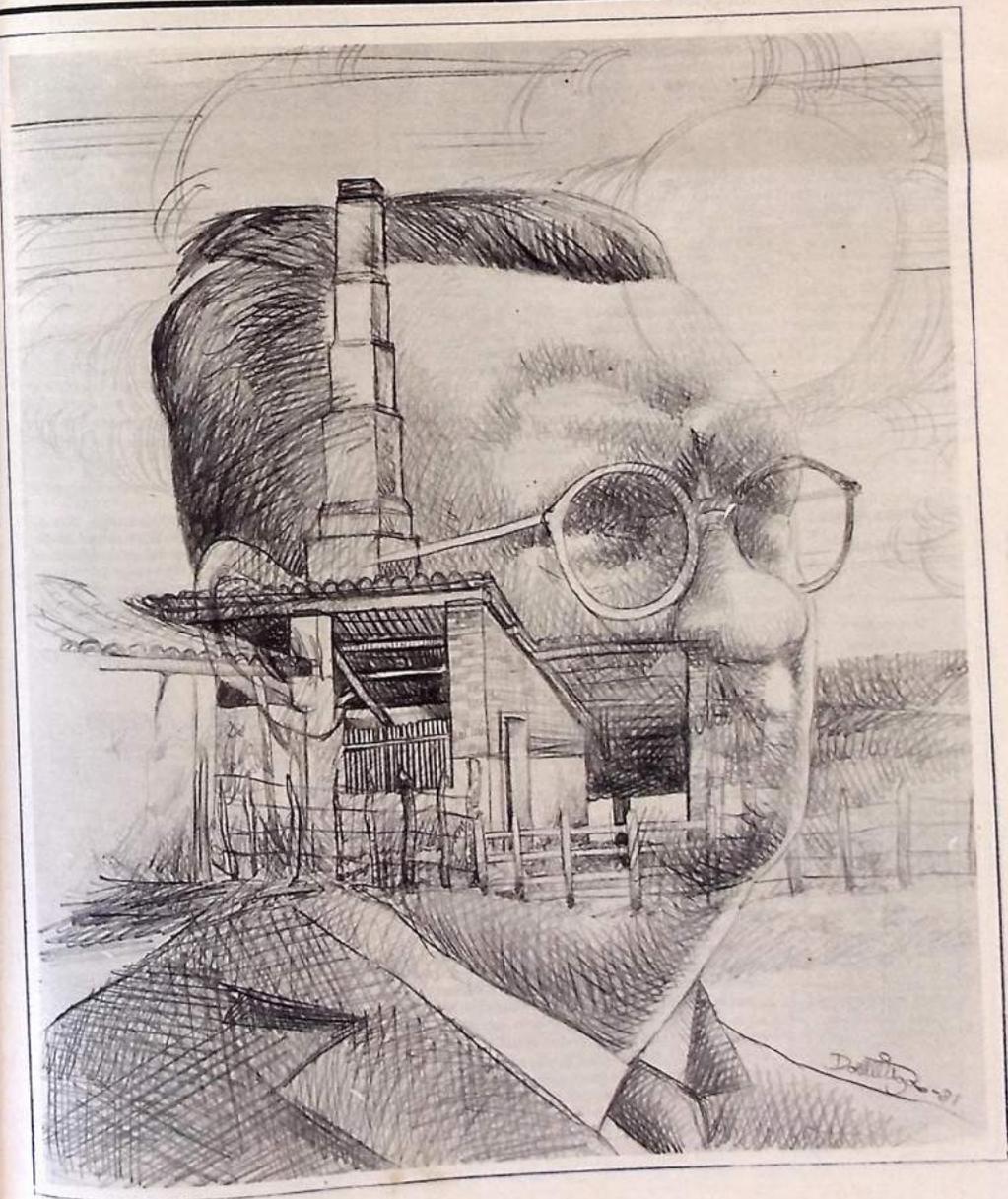
Amizade colorida

Com toda a dinheirama guardada no bolso — e muitos dólares, todos referentes às cotas anteriormente pagas pelas federações dos países onde se realizou a competição —, o tesoureiro da delegação o botafoguense Luis Soares, suava frio no Estádio Lúini, em Moscou, sentado ao lado de outro cartola famoso: Alfredo Curcio, secretário da comissão.

O estádio cheio, e torcidas vibrando, Luis Soares — que na noite de véspera reforçara a porta de seu quarto, pela encostada e pouco nua (deu-lhe na portela) — pouco mais importava com as jogadas geniais de Pelé, as enfiadas emocionantes de Gérson, as defesas de Mengo, que resultaram numa goleada sobre a seleção soviética, por 3 a 0, sem grandes dificuldades.

Terminado o jogo, com a mão resaca, por todo o tempo, de presença do dinheiro, Luis Soares, fez a pergunta fatal ao amigo, o mais antigo detido da federação: não vai ter mais perigo nenhum para a gente daqui? O que tem, porque eu já tenho comunista jurado na minha vida.

Curcio ficou vermelho de vergonha.



DIÁLOGO SINGULAR DO ESCRITOR COM UM PERSONAGEM(*)

O Capitão Vitorino alterca com José Lins do Rêgo, por ocasião das homenagens que lhe foram prestadas, em Pilar, durante a solenidade de inauguração do busto do autor de "Fogo Morto", numa das praças da cidade.

Assim falou o romancista: "Meus amigos, se por aqui, por este velho e amado Pilar, aparecesse o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, o intrépido e valeroso Papa Rabo, e visse este povo, com o governador à frente, em torno de um pedaço de bronze, perguntaria na certa, com a desventura que Deus lhe deu à sua língua que era a lâmina de navalha:

- Mas que povo todo é este? E o que faz esta gente?

Então, Ernesto, capitão outro, Hernes de lhe informar:

- Capitão, tenha calma. Esta ali o governador, e aquele pedaço de bronze é um busto de um neto do coronel José

Paulino, rapaz que fez livros com a vida de todos nós. E para o Pilar trouxeram e no Pilar estão fazendo esta festa.

- Que festa que coisa nenhuma! Este povo não tem o que fazer. Este tal de neto do primo José Paulino não passa de um contador de lorotas. Livros de bobagens. Este governador não tem o que fazer?

E dito isto o velho e indomável personagem saíra da rua do Silva agora, absolutamente seguro de que a homenagem da praça pública não passava de uma conversa fiada de amigos que deram ao neto do velho José Paulino o que lhe merecia.

- Capitão Vitorino, é o neto em pessoa, que vindo a sua fúria e ouvindo as tuas verdades te chamaria para um canto e t'ê diria, de coração aberto: tudo é bondade dos amigos. Contei histórias que outros gostaram, e da obra pequena aumentaram as qualidades. Mas quem pode resistir a amigos tão generosos, Capitão Vitorino? É dizer-lhes muito obrigado, e receber as festas e sentir-se grande com as grandezas que lhe deram de mão beijada. E aqui, neste Pilar, onde sempre estive, capitão de alma e anjo e de mãos de bravo, lembra-se dos que foram os homens da terra, do velho coronel José Luis Cavalcanti de Albuquerque, do coronel Anísio do Recreio, do grande do

Império que foi o Visconde de Cavalcanti, de todos que deram a esta vila o que esta vila tem de dignidade antiga e de pobreza limpa e ativa, dos homens que são lembranças de todos nós: velho comendador Napoleão, Pio Napoleão, que mandou construir arcos nas entradas das ruas, e quiz ser um urbanista à moda do conde de Boa Vista. Do velho dr. José Maria, honrada e consciência política de conservador sem vacilações, e do filho José João, o major João José que foi tudo nesta terra, prefeito, comerciante, e pai dos pobres, dando remédio de graça e receitando com remédio de verdade. Este é que devia ter o seu busto, capitão.

Mas já me trouxeram para esta praça, para ficar junto às aves do bosque e a Casa da Câmara, aonde o Imperador deu beija-mão, eu te pediro, primo Vitorino Carneiro da Cunha, mais tolerância no teu áspero julgamento, não só para mim que nada fiz, como para os amigos que quiseram fazer de mim o que não sou, mas o que eles desejam que eu fosse. Capitão, com a bondade dos amigos não há quem possa".

* Discurso proferido por José Lins do Rêgo, em praça pública, no Pilar, no dia 17 de fevereiro de 1952, quando das homenagens comemorativas ao ano do seu cinquentenário, in "A União", João Pessoa, 19.02.52.

NESTE NÚMERO

A obra romanesca de José Lins do Rêgo em nenhum momento se restringe aos limites estreitos da memória. Se, por um lado, ele se valeu do fluxo da memória no sentido de plasmar os seus romances circunscritos ao ambiente rural, por outro lado ele extrapolou-a quando transportou as suas personagens para o meio urbano. No primeiro caso, quando se vale da memória, José Lins do Rêgo não a utiliza de modo a emprestar-lhe uma conotação apenas mítica, mas de modo a interpretá-la com os ingredientes ficcionais, espécie de pedra de toque desse autor paraibano.

Ao mesmo tempo, é de se dizer que as suas personagens jamais foram feitas de papel e tinta, mas do melhor barro humano, do barro da Várzea da Paraíba, que, responsável pela criação de uma galeria de personagens universais, não as moldou de forma a que elas imprimissem à urdidura dos romances um cunho meramente documental.

Neste número, o *Correio das Artes* homenageia o escritor José Lins do Rêgo que, se vivo fosse estaria com oitenta anos de idade. O escritor José Lins do Rêgo que, aliando a tradição a renovação, soube romper com o romance do tipo convencional na medida em que propugnava pela oralidade, pela universalidade, pelo regionalismo e por outros postulados que vieram a consubstanciar uma das obras mais representativas da literatura brasileira.

Para a feitura deste suplemento, contamos com a colaboração de Edivanda Cândido de Oliveira e do escritor Eduardo Martins, sendo que desse último obtivemos permissão para retirar do livro *José Lins do Rêgo - O Homem e a Obra*, de sua autoria, alguns dos ensaios aqui publicados.

O Editor.

O *Correio das Artes*

Suplemento de A UNIÃO

EDITOR

Sérgio de Castro Neto

SUPERVISOR

Agnaido Almeida

CONSELHO CONSULTIVO

Gonzaga Rodrigues
Antônio Barreto Neto
Arlindo Almido
Walter Cavalo
Wilson Torres Meier
Sérgio de Castro Neto

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.
Os artigos de natureza não publicadas, mesmo que de solicitação pela Entidade, não serão devolvidos.

Toda correspondência referente a assinaturas (cartas, cobranças, renúncias e litoras para registros) deve ser enviada à Rua Desembargador José Paraquino, 321, João Pessoa-Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, em 7 de BR-101, João Pessoa-Paraíba.

Assinatura atual
Parabíba
R. 150, 00
Quinta Edição
Cód. 04.00

AUTO-RETRATO

(datado de 1947)

"Tenho quarenta e seis anos, moreno, cabelos pretos, com meia dúzia de fios brancos, 1 metro e 74 centímetros, casado, com três filhos e um genro, 86 quilos bem pesados, muita saúde e muito medo de morrer. Não gosto de trabalhar, não fumo, durmo com muitos sonhos e já escrevi 11 romances. Se chove, tenho saudades do sol; se faz calor, tenho saudades da chuva. Vou ao futebol e sofro como um pobre diabo. Meu gênio, pesadamente, e daria tudo para ver o meu clube campeão de tudo. Sou homem de paixões violentas. Temo os poderes de Deus, e fui devoto de Nossa Senhora da Conceição. Enfim, literato de cabeça aos pés, amigo dos meus amigos, e capaz de tudo se me pisarem nos calos. Perco então a cabeça e fico ridículo. Não sou mau pagador. Se tenho, pago; mas se não tenho, não pago, e não perco o sono por isso. Afinal de contas sou um homem, como os outros. E Deus queira que assim continue".

O *Correio das Artes*



A capa deste número e de Domingos Sávio, ilustrador do *Correio das Artes*.

MORRE O MENINO DO ENGENHO

Recebia com pesar a infausta notícia - O presidente Juscelino Kubitschek reverencia a memória do romancista - Condolências da Associação Brasileira de Imprensa - Repetição nos círculos literários do país - Homenagens da Câmara e do Senado - O sepultamento no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro - Notícia e depoimentos.

Informa a ASAPRESS (Rio, 13 de setembro, 1957) - De far-dão acadêmico e com a bandeira do Flamengo sobre o atafúde, sepultou-se, na tarde chuvosa do dia 12, no cemitério de São João Batista, com numeroso acompanhamento de intelectuais, artistas, políticos, autoridades e inúmeros desportistas, o escritor José Lins do Régio. Pela manhã, o corpo foi trasladado do Hospital dos Servidores para a Academia Brasileira de Letras, onde foi exposto,

em câmara ardente, até a saída do féretro. Ao meio dia, por iniciativa da Academia, foi retirada uma máscara em gesso para ficar na galeria dos acadêmicos falecidos. Milhares de pessoas desfilarão diante do corpo. À tarde, logo às primeiras horas, ali esteve o Presidente da República, tendo na ocasião apresentado, pessoalmente, suas condolências à família enlutada. Também visitaram o corpo os Ministros Parisial Barroso e Nereu Ramos, e muitos parlamentares. Coroas ornamentando o atafúde haviam em grande número, inclusive uma depositada pelos "Diários Associados" através do senador Assis Chateaubriand. Às 16 horas, foi colocado o caixão no carro mortuário, tendo usado da palavra, nos jardins da Academia, para seu último adeus, o sr. Elmano Cardin, em nome do "Petit Triunfo". O cortejo fúnebre chegou ao cemitério às 17 horas, sob chuva fina.

À beira do túmulo falou em nome da Paraíba, Alcides Vieira Carneiro, dizendo, inicialmente, que vinha falar a Zé Lins que "tanto gostava de conversa boa e detestava conversa comprida". Em nome do Flamengo, usou da palavra o sr. José Rabelo. Falaram, em seguida, o sr. Carlos Ribeiro, por Alagoas, e o poeta Augusto Frederico Schmidt, pela geração do escritor Dom Justino, a quem Zé Lins confessou-se pela última vez, cerca das 15 horas de ontem, declarou à imprensa que o escritor morreu "como verdadeiro cristão: contrito, convicto e consciente do destino que têm as almas que temem a Deus". Com o seu falecimento deixou o escritor paraibano vaga a Cadeira 25, na Academia Brasileira de Letras, cujo patrono é Hipólito da Costa.

Na Paraíba foi decretado luto oficial em todo o Estado.

Telegrama de condolências do Governador

Flávio Ribeiro foi enviado à família do saudoso homem de letras, tendo S. Excia. declarado à imprensa: "O sentimento nacional de pesar pela morte de José Lins do Régio é mais profundo e mais vivo na Paraíba, terra a que ele dedicou uma permanente fidelidade e uma constante dedicação filial. O Governo paraibano associando-se às manifestações de luto que o povo brasileiro expressa nesta hora, lamenta a prematura perda de um tão alto e fecundo valor das letras nacionais e de um tão apaixonado servidor da Paraíba, que foi o seu grande tema e a sua própria natureza".

Afirmou à imprensa o Ministro José Américo, falando sobre o desamparado de José Lins do Régio: "Perdeu a Paraíba sua maior figura literária. Foi um espírito que se formou na Paraíba e nunca deixou de ser paraibano, pela sua natureza, pelos seus hábitos, pelos temas das

suas criações e, sobretudo, pelo amor inextinguível que dedicava à sua terra.

É autor de uma obra consagrada pela crítica mais exigente que alcançou a maior conquista que pode ser dada a um escritor: a aceitação geral. E essa obra não se confinou nas nossas fronteiras. Irradiou-se em inúmeras traduções em línguas estrangeiras pela cultura mais requintada como um modelo de ficção e - mais que isso - como um prodígio de narrativa, um milagre de contador de histórias que, acima de todos os títulos, é o que realmente foi. Que os paraibanos saibam avaliar e glorificar para sempre o nome que na sua simplicidade nos elevou lá fora ao mais alto nível da criação literária.

Do amigo, como nunca tive maior, falei depois, longamente, dando largas a um sentimento mal ferido, que saberá avaliar essa perda".

O IMAGINOSO ZÉ LINS

WELLINGTON AGUIAR

Se vivo fosse, José Lins do Régio estaria completando oitenta anos. Nascido em 1901, faleceu aos cinquenta e seis anos, no dia 12 de setembro de 1957.

É ele um dos maiores romancistas brasileiros de todos os tempos. Homem teatral, vinha à Paraíba quase todos os anos em que permaneceu morando no Rio de Janeiro. Pois esta terra nunca lhe saiu do coração.

Cheguei a conhecê-lo, pessoalmente. Foi um contato fugaz. O autor de *Fogo Morto* - lembro-me bem - contemplava acompanhado de amigos o busto de Epitácio Pessoa, no pátio interno da antiga Faculdade de Direito, ali na praça João Pessoa. Olhava a glória e grandeza do velho Epitácio, representadas no bronze. Eu cheguei então,

cumprimentei-o, pedi-lhe um autógrafa. Falei que era seu leitor assíduo, constante. O escritor abriu-se num sorriso, e me perguntou o que eu fazia na vida. Recordo que Zé Lins estava de branco, a roupa bem folgada, de gravata. Estávamos em 1956. Foi a sua última viagem à Paraíba.

Um ou dois anos antes, anunciou-se uma conferência dele, no Lyceu, sobre literatura brasileira. Fize eu, na época, o curso clássico. O auditorio do tradicional educandário encheu-se de estudantes. Zé Lins veio, tomou assento à mesa, e começou a falar de tudo, menos do tema que deveria abordar. E terminou contando, alegremente, piadas e anedotas referentes aos grandes nomes das nossas letras e artes. Lembro que ninguém reclamou. Todos gostamos. Uma professora de português, po-

rém, ficou de cara amarrada, quando o notável romancista disse que não levava muito em conta a rigidez da gramática.

O médico Oscar de Castro, amigo e confidente do criador do mestre Zé Amaro, contou-me que certo dia viajavam ambos, do Rio para Niterói, numa das barcas da Cantareira. O sol era forte, o calor medonho, e a barca estava apinhada de gente. lam eles de pé, espremidos entre os demais passageiros. Zé Lins reclamava constantemente do aperto a que se via submetido. Amargurado com tanto desconforto, mostrava-se arrependido da viagem feita àquela hora canicular. Inconformava-se ademais, por não obter ao menos um lugar onde pudesse descansar um pouco, sentar-se. Mas não perdeu a calma. Imaginou uma saída, de acordo

com o seu temperamento alegre e bonachão.

Em dado momento, tirou o paletó, a gravata, desabotoou a camisa e começou a coçar-se muito. Olhou então para Oscar de Castro, falando alto, duas ou três vezes, o seguinte: "É isso mesmo, amigo, essa tal de lepra, num calor como o de hoje, dá uma coceira danada". Dentro de pouco tempo, as pessoas se afastaram dele, horrorizadas. O banco mais próximo esvaziou-se. E Zé Lins pôde, daí por diante, sentar-se bem folgado, sem ninguém por perto. E ainda deu um sorriso escondido para Oscar de Castro, gozando o vexame dos pobres mortais que se afastaram, cedendo-lhe inusitadamente os disputados lugares.

Como vemos, imaginação nunca lhe faltou.

SENTIDO DO TRÁGICO EM JOSÉ LINS DO RÉGO (*)

JUAREZ DA GAMA BATISTA

É verdade que o Brasil anda um tanto esquecido da importância da obra de José Lins do Régio, que foi um dos seus artistas das décadas de 30, 40 e 50. Esteve quase a lhe esquecer a figura humana, justamente quando o interesse pelos seus romances cresce no Exterior, especialmente na Europa. Apagado o seu nome das colunas que assinava, ausente dos comentários dos jornais, dos lançamentos de livraria, dos artigos, das opiniões, do futebol e da Confeitaria Colombo, como que se retraiu o romancista para um momento neutro perante os fatos.

E o que sempre acontece. O desaparecimento de um escritor estabelece de imediato o recesso dos seus livros. Parece que nos acostumamos, antes de tudo, com a presença do homem, a certeza magica da sua presença. E os seus milagres de criação parecem mais milagres com ele vivo, suas criaturas encantadas mais absurdamente verdadeiras.

Tudo está nisto, no confronto das grandes forças da vida. A morte institucionaliza os valores, e a Arte é o efêmero como perfeição - só ele tão perfeito, um vislumbre do eterno. A figura do romancista encarna essa aguda instabilidade do protagonismo. Atingido o homem, todos os seus personagens são póstumos. Sobram do destino do autor. Como que traíram uma vividez. São o tempo, com o sentimento das grandes ausências, fará o novo milagre da restauração consagrada. Saint-Exupéry censurava essas famílias que conservam na mesa o lugar de um antigo desaparecido, e dizia haver recolhido os talheres do piloto Guillaumet, para fazer dele um verdadeiro amigo morto. É a aceitação, o problema da aceitação. Os vivos não perdoam a morte e resistem a tudo em que ela toca. Como se tivessem confiado, até aquela hora, numa eternidade afinal mutilada. Como uma restituição.

Aqui está uma situação original: em Arte, tem-se primeiro de concordar com ela, e só depois explicar como se fez possível. E que a Arte existe como tudo o mais no mundo - por elementar necessidade, que é a fatalidade com outro nome. E pode-se, até certo ponto, compreendê-la; mas tanto menos se justifica quando se procura razões que ficaram bem para si.

A obra de Arte é o lapso, o instante que se reteve e se fez inquestionável. Um alto no que se esvai. A instantaneidade. A surpresa. É a verbalização repentina das suas estruturas. Uma recuperação. E só pode ser tal como é, e o que é. Isso basta. Isso é tudo. De onde ele vem? Para onde está indo? A obra de Arte, não obstante, continua. É o que a torna invulnerável. O romance de José Lins do Régio era o recanto largo do rapado, em tom de cantochão. O mural de tintas compassivas, de cores suaves, de mundo de litografia. Sua voz era a do coqueiro, da palavra confessional. Era assim que trabalhava a história raa, plana, vagarosa, dos acontecimentos, que via crescerem além dos limites, que via crescerem além do atual, com imediato, muito antes do atual, com um poder de vida autônoma, derro-



José Lins e Juarez Batista

tando o mundo particular de cada um. Porque em José Lins todos são naufragos em terra firme. E quase sem o sentido do naufrágio. Estão longe de julgar a magnitude da vida.

José Lins do Régio ter sido um romântico com vergonha do seu romantismo. Talvez por isso tenha-se feito o paisagista luminoso, o aquarelista primaveril, puxando para Richardson, o Richardson de uma Inglaterra campestre, coberto dos seus verdes, confiada e repousante. Ter sido um Alexandre Hercúleo sem o seu nome de Císter - que o monge, travestido de dandy, de elegante d'Arcife, foi o próprio José Lins do Régio nos dias da sua mocidade; e monge - pode-se dizer - um tanto d'Arcife.

Tem Demônio do Romantismo - que tinha qualquer coisa do Demônio do Meio-Dia, de Paul Bourget - José Lins teria encontrado logo cedo, nos romances de Camilo Castelo Branco (e por certo mais no "Amor de Perdição" do que no "de Salvação") que o primo João Medeiros contrabandeava para os internos do Colégio Diocesano da Paraíba, e que o Padre Milneiz não havia nunca de descobrir. A marca dessas leituras de solidão no internato não largaria mais, a vida toda, quem já vinha de outros abandonos, pronto para se entregar a uma dor maior, que fosse dos outros e pudesse fazer também sua, uma espécie de fraternidade onde se repressassem todas as mágoas que devoraram ou iluminam os homens. O Romantismo talvez seja a forma mais usada de entusiasmo pela vida, embora um entusiasmo antes com vontade de consumir-se que de consumir-se, que admita mais a perda que os grandes momentos de glória que rejuvenescem a humanidade.

Mas havia nele, como que a salvá-lo, o renascentista, o Lawrence, o sensual do que na vida fosse sensualidade sem peço, ou pecado menor, ou sem obrigação de pecado. Gostava de quanto lhe viesse do mundo como manifestação dos sentidos, do que o despertasse para a vida e o chamasse para viver. Era um homem dominado por uma tristeza magica, quando descobria a alegria. Tudo para ele estava tocado por um encanto, por mil

encantos, como uma invenção de feiticeiras indolentes, sem as artes do mal. Só manipulando os seus personagens é que mudava, caía em si. Ai encontrava uma força adversa roendo por dentro as criaturas, que terminavam vencidas sem saber porque. A ingenuidade desapercebada estava com seus dias contados, e tudo o que ele enxergava era ingênuo. Tudo haveria de extinguir-se no fogo lento de vicissitudes devastadoras. O homem José Lins do Régio corria às léguas das misérias do mundo. Mas os seus personagens viviam carregados de horrores, expiando culpas que não eram suas. As figuras de carne - osso que lhe saíam das mãos vinham marcadas por essa fuga do autor, por essa dor da humanidade e por esse medo, como por um pecado original.

A consciência de uma responsabilidade indefinível, uma espécie de justiça retributiva, vaga e vária, a perseguir o humano, ter sido a sua reserva inesgotável, a sua fonte inabismável e redentora. E é da mesma grandeza que ateu as labaredas do Teatro de Dionísio e abraçou os Esquilos, os Sófocles, os Prometeus, as Cassandra e os Agamemnos de uma luz perene e sombria. O homem está baralhado na sua teia e marcha para um desconhecido que não poupará a ninguém. Eis um Dostoevsky sem misticismo e sem a creia das suas almas envenenadas, José Lins do Régio não tem a paixão do terrenal, nem a chama da vingança indistinte queimando-lhe as entranhas. Um Dostoevsky aprendido, talvez, em Thomas Hardy, tanto quanto em Lawrence, em Dreiser, e também em Walter Scott. Estava solidário com a dor humana, e dominava-a uma infinita pena de tudo. Mas recusava-se a admitir o aniquilamento, talvez esperando por uma última instância de redenção que não sabia direito qual fosse. Teria ele redescoberto o seu mundo de verdes, jagos, luzes, ventos, honores e coisas nordetinas em Gilberto Freyre, que, por sua vez, tira aprendendo de longe, no que exílio da Universidade de Baylor, tangido pela memória proustaniana dos antepassados, à maneira do pensador lírico que flutua pela estética dos

impressionistas: "Para compreender o mundo, é preciso por vezes descer dele" - que era, afinal, o que também Lope de Vega, na obra morte de El Ginés. Teria aprendido igualmente com Ulisses Pernambuco, com José Américo, com Luiz Câmara Cascudo, com Sylvio Romero, com Cicero Dias, com Olívio Negro - com todos os que estavam aprendendo a distinguir o Continente

Nordestino e sua verdade americana brasileira e tropical, nos dias do Manifesto Regionalista de 1928.

O ecológico em José Lins do Régio não apenas completa o homem. Vá ampara. Ou o esmagua, ou lhe nos pés seus precipícios. E perdo ou redenção. Ou os dois ao mesmo tempo. Em "Canjazeiros", é a descarnada, feita de pedras e estilhaços os descampados do sertão açoitam o moço Aparício, para o destino de espetáculo. O Aracaju seco como o velho Bentão, com o bode que resmunga no copiar. E em volta se desfaz. "Pedra Bonita" um grito e um gemido, debaixo do céu azul de estampa. Os mangues Recife estão fendendo para a miséria da Rua do Cisco, enquanto urubus rondam os quintais "aquele andar infeliz". Tudo ali é irremediavelmente perdido. Alacaranhões têm melhor sorte de os homens. O moleque Ricardo zia a alma na sua rota d'água e do zeiro, pelas portas das palestras Encurralada, com as flores de uma divina gradeada cheirando toda uma vez. A Casa-Azul, de "Mãe", e sua lagoa fatídica, não dá felicidade a ninguém. O octopáprai do Pontal, de "Riacho Duro" soverão todos os destinos. Os horizontes verdes da várzea do Peão derrotarão Carlos de Melo, o pequeno do Santa Roca, o dr. Juxta, o triste usina Bon Jesus, seu Lula Holanda, o Santa Fé, o capitão Vitrino. Os esculptores de "Purpureo" título de romance que está a merecer um ensaio de interpretação literária, as suas cigarras, os seus ares melancólicos para doentes do peito, jogando na sorte desgraçada de uma família inteira - as fraquezas do pai jogando o desespero silencioso da mãe, os destinos das moças abandonadas de parentes mortos. A Estação de linha de ferro - a antiga Great Western - pertencendo aos canaviais, é uma casa de trêz dias abafadas, e os perigosos descampados do homem haviam se abrigado ali com um viveiro de animais pernhentos. O próprio Carlos de Melo reaparece como o seu Lóia, para novamente um vencido. É um trapalhão pobre de si, que é a pior das

pobrezas.

José Lins do Régio renova, a esse romance, o problema da solidão, como temática decisiva. A solidão das criaturas entregues a um destino que nunca se sabe qual é, como um vazio ameaçador. E lembra Conrad, a ilusão que se abate sobre seus caracteres marcados pelo contínuo da prescrição, e o choque que sobrevirá com o mundo que é também de outros.

O desaparecimento do homem é um grande verdado, e vai até o fim de um

...só. O que destrói, o que liquida a figura humana, é justamente esse ato, a semi-ração, da trajetória humana. A morte suja a vida porque surge para um homem já devastado, numa perversidade inominável. José Lins do Régio, ela não dignifica ninguém, não tem grandeza alguma. O epílogo do herói anda muito longe da sua visão dos destinos. A sociedade toda de que se revestem os romances, está e nos vivos, no tremendo desespero dos vivos diante da conclusão de que não valeu a pena resignar-se a maldade do mundo não tem. Da morte mesma, ele zomba e medo, como no simbolismo da aparição no carnaval do Recife: "Vinha um homem fantasiado de morte, com a roupa desenhada em preto. Sem máscara e com as vestimentas, era uma morte desmoralizada". É a vingança do romancista.

Quais são os salvados do romance de José Lins do Régio?
 Nem homens, nem coisas, nem coisas. Só a natureza é soberana, só impera sobre os descaminhos do mundo. Vede os seus personagens femininos, vede que destinos! A primeira morrendo ainda menina. Eurídice, assassinada. Margarida e a irmã do quarto de soteiro de seu Lóla. A filha Sinhazinha forte, a moleca que amava, a mulher do mestre José Papano, a mulher de Vitorino Papano, Dona Dondom com o marido amado com as francesas nas pernas do Recife. A pobre da Dona Amélia morrendo a miséria dentro de casa, o filho Pê nas últimas, a grandeza derreda de seu Lóla, a filha louca tirando benditos. Odete a morrer tuada chamada o moleco que Ri... para o amor. Nunca se viu uma mulher de mulheres mais inteliz! A primeira mãe do escritor verdade-de... é assassinada logo nas primeiras palavras do seu primeiro romance. Não há como esconder o que ocorre a qualquer um: o sentimento de uma responsabilidade atribuída ao papel da mulher, com o que José Lins revoga na obra a presença do Lawrence reacionista, talvez brutal, das suas exceções.

A salvação do pathos da vida é a alegria contraposte dos fatos naturais, do que é da natureza, só ela sobrevive, de destino feliz. Por isso é que se torna esplêndida e comovedora das maiores atribuições da natureza, quando tudo vai se acabar. A beleza de paraiso envolve o drama dos espíritos atormentados. Na hora dos desastres, quando estouram acontecimentos que se vinham acumulando uma paisagem de conto antigo se levanta e assume o primeiro plano. O homem rola nos seus compromissos enquanto o mundo se desfaz de beleza radiosa. A vida está sempre abaixo com os seus valores espartilhados, e na mesma hora arrebatada sua significância. Todos os seres são generosos, todas as noites são cantadas. As flores, os frutos, os frutos da beira dos caminhos, todos se vão para cheitar, e uma paz de seiva profunda faz-se íntima do segredo das coisas. E o abstrato da vida, como a vida: que os artistas podem adotar com a seriedade, a paciência, o respeito de uma criação a própria res-



José Lins do Régio em entrevista a Juarez

ponsabilidade do ato da Criação

Esse jogo de contrários competitivos e interativos é o processo da vida e o processo da Arte. É o trabalho do artista e justamente o de tipificação do que o cotidiano fugaz encobre ou procura dissimular. O sentido residual da perspectiva. Em Shakespeare, os pensamentos mais altos estão na boca dos bobos, ou dos loucos, dos burros, dos saltimbancos. Falstaff é a própria plêria da vida, e debate o problema do tempo e da coragem com desenvoltura e exemplar economia de palavras. O cabo Nym é um filósofo satírico, tão distraído quanto realista: "A vida é como ela é", "A vida é o que pode ser". E sempre me pareceu que o Fausto poderia ser uma espécie de irmão mais velho - mais velho porém não menos intenso - do Príncipe Hamlet e da sua extraordinária lucidez. José Lins do Régio atinava com esta simultânea unidade e dissociação dos valores da vida, e a estabelecimento em termos globais de contraposição entre o homem e a natureza. O indivíduo com a sua história não conta. É o grande sacrifício, o que se despedaça, que é feito para despedaçar-se no incessante ajustamento entre a organização geral da vida e o providencial, eventual, e sentido de cada um. O trágico está - e ele compreendeu muito bem isso - em que esse irrelativo, esse pouco, esse nada, a criatura, e os seus sentimentos, e suas aspirações, não são apenas legítimos, como constituem elementos estruturais desse absoluto indiferente e soberano.

Daí a intensidade irremediável da tragédia, a oposição entre legitimidade e capacidade de agir, entre Tempo e Consciência. E o romancista deixou isso bem marcado nas palavras de uma crônica leve, escrita numa viagem à Itália, diante dos despendeidos da Córsega. Viu ele os passáros soltos - sobre as rochas nus e registrou: "No silêncio do mundo os passáros saltavam como artistas de Deus". Basta fazer as transposições e a lógica será a mesma - abrem-se os precipícios do mundo, e os homens saltam sobre os seus abismos tão milagrosamente quanto as aves do céu.

capção de Ortega y Gasset. Nem de Unamuno, que avaliava "o momento que passa" como "nossa eternidade e nossa infinitude". Para o autor dos extraordinários romances do Ciclo da Casa de Açúcar, a "presença" de cada coisa apenas traía uma parte do seu sentido, e não todos os seus segredos. Gasset queria pegar a vida com as duas mãos. Mas José Lins, como Gide, pensava no homem como uma vontade encurralada.

É um traço da psicologia profunda do grande romancista que parece ter escapado aos seus amigos mais próximos. Era o homem do seu Destino.

Malraux, nas "Antimemórias", fala das antecipações da vida que aparecem nas obras de muitos escritores - a partir de sua própria, como na de Balzac, de Victor Hugo, Chamfort, Hemingway. Os acontecimentos do futuro terminariam por repetir situações do mundo de ficção, como autobiografias de prognósticos. A isto chamou de "destinos prefigurados". Mas o romancista da "Estrada Real", e de "Os Conquistadores" tem a vida como uma revelação. O mundo como o fabuloso espetáculo que os homens e a História - estão a montar todos os dias, criando o caminho incerto e tumultuado dos séculos. A grandeza está em compreender o sentido dessas montagens, ainda quando estão a levantar-lhes os andames. O sentido artesanal da História, a História como uma construção, ao menos em parte, deliberada e meticulosa. A outra parte é a sensação do mistério, do "antigo", que perdura e estabelece os conceitos, e personaliza os povos, os tempos, os Continentes, os grandes marcos do homem, as civilizações.

Mas isso importa em ter sido, ele próprio, um homem do seu Destino. Havia uma linguagem de presságios que o retinha, que o ligava aos seus silêncios. Arrancos daima que eram certezas do instinto. Um perseguido das suas premonições. Há homens que se perdem de si ou fazem ouvidos de mercador às vozes mais íntimas. E são vidas maldogadas. José Lins do Régio entrava no jogo do Destino como parte decidida da questão. Percrutava-lhe os movimentos obscuros, a vontade imprevista, procurando entender. Não passava disso. Não se aventurava ao diagnóstico, que não era da sua missão. O importante era distinguir e avaliar. Um clandestino aprende o perigo escutando o latejar das suas trevas. E o inventor começa por se estabelecer no centro das formas essenciais da futura descoberta. Daí por diante, tudo estará feito; basta reunir estes sinais e tem a unidade da sua mensagem. José Lins do Régio deixava-se embalar pelos seus pressentimentos como um menino que fosse descobrir a maior das incoerências.

Mais de uma vez fiquei a vê-lo e meditava se aquele homem que vivia para a riqueza das suas palavras, para uma ligação exuberante com os outros homens, e que de repente se fazia mudo e taciturno, não seria um desesperado que se resignara. Muitas vezes fiquei a pensar se a vida não lhe parecia uma armadilha, salpicada de maravilhas enganosas. Se aquelas quedas de ânimo, se aqueles alheamentos não queriam dizer desengano, à maneira de um adivinho de que ninguém quisesse ouvir as revelações mais secretas. O mundo que lhe passava pelos olhos transformava-se numa convicção aliciente e contrafeita: tudo e extraordinário, tudo é inexorável. E os homens se diminuem no turbilhão contraditório. Como um deslumbramento, uma luz mineral que incandescia a paisagem, cegando o vidente.

José Lins do Régio não seria nunca o homem "mediterrâneo", da con-

José Lins do Régio, porém, tinha a humanidade como saída do fogo do Antigo Testamento e do caos didático do Ovídio das "Metamorfoses". O mundo de José Lins do Régio nada tem a ver com a História iluminada de Malraux. O seu apego era ao sofrimento humano. Nada tinha a ver com as intimidades do Destino, em que nunca procurou influir. Era um estado encantatório, e valia sobretudo pelas relações estabelecidas entre o particular e pessoal, e o sentimento de um universal indescritível. Nenhuma força que se deixasse subugar por sortilhões está em sua obra. Pois ele se entregava, em plena consciência, ao que tinha de acontecer.

Nesse arrastão, todas as vidas serão maldogadas. Por pouco, não é o romancista do desespero. Mas é o da solidão e do desamparo do homem diante do seu Destino. Com toda certeza.

É a lição que fica, no domínio da Arte da ficção, dos quarenta anos do aparecimento do grande romancista brasileiro, surgido de repente, com seus ares de inocência e seu mundo terrível de Apocalipse; seu poder de temura e de agonia; José Lins do Régio - o amigo que não veio mais.

* Ensaio lido como conferência no dia 28 de novembro de 1972, no Instituto Central de Letras da Universidade Federal da Paraíba, em comemoração dos 40 anos do lançamento da obra de José Lins do Régio, com o aparecimento de "Menino de Engenho".

Dois Poemas de Rita Monteiro

CANTIGA PARA ZÉ LINS (Para os oitenta anos do seu nascimento)

Rasgo Zé Lins
ao meio e galopo
com Papa Rabo
fazendo rédeas de seu
burrinho esvoaçando.
Eita! personagem danado
palavrões a curto
e a longo prazo
ou vendido mui barato
a varejo ou dado
ou as vezes quase
totalmente de graça:

Quem ler Zé Lins
prepare o fígado
não com Hepatovis,
para bem digeri-lo
em tempo líquido,
Zé Lins em tempo
vento de chamariz.

Oitenta anos vimos
a felicidade geratriz
de Banguê, de Usina,
do engenho menino,
do menino Zé Lins
fazendo safadeza
com as bananeiras
culminando coisa feia.

Ai! Que relíquia
parti para o verso fácil
sem rebuscamento
penso maravilha!
que escrevendo estou
uma obra prima...

Nisso Zé Lins me diz
em redemoinho:
Eulajose! Acelere e galope,
corra a toda a brida
galope sem surrealismo
sejas feliz felicíssimo
e que esse verso findo
nunca termine...



TEMPO DE BRINCADEIRA

(Para José Lins do Rêgo)

Tempo brincava
feito menino no quintal
tempo de brincadeira:

Trepava nas bananeiras,
fazia coisa feia
como o "menino de engenho"
nos anos verdes

nos verdes anos
de José Lins do Rêgo.

Tempo de brincadeira,
brincava de trepar
na cumieira da casa
(como a meninada)
copulava de brincadeira
com as telhas,
as telhas ficavam
todas orvalhadas.

COM O Moleque Ricardo, José Lins do Régio realiza o romance político, um mural político-social do Recife. Da servidão patriarcal do engenho, tira Ricardo para a proletarianização urbana. Tanto nos romances que fixara aquela servidão - *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê* - O Moleque Ricardo é um livro dominado essencialmente pelo econômico, que se expressa politicamente. Há um divisor de causas nos fenômenos, umas raízes de conexões nessa proletarianização urbana, como haverá, mais tarde na proletarianização rural de Usina.

O flagrante talento instintivo de José Lins do Régio poderia conduzir à uma certeza de instintivismo quanto a sua criação, mas a análise mais apurada de sua obra leva fatalmente a esquematisação, com o surgimento de acurados planos, estudos métodos. O importante nele é que sendo todos romances de tese, romances com uma finalidade de dizer, essa mensagem é infiltrada pelo humano, pela simpatia dolente, que, às vezes, ele infunde quase desesperada. O desespero, o abandono dos finais de todos os seus romances, com uma insistência que só encontra paralelo em nossa literatura na obra de Aluizio Azevedo, sempre concluindo os seus livros com uma página violenta de ironia cruz.

A cronologia mental de José Lins do Régio, que dizer seu desenvolvimento espiritual, explicaria, em parte, essa temática dos seus romances. Uma temática tão poderosa, que chega até as modificações do estilo do romance para romance, algumas se situavam na órbita da mocidade acadêmica da época, voltando entre Raul Pompeia e Eça de Queiroz. O Moleque Ricardo participa de outras naturezas, uma natureza mais de com os petiários romances russos, e de alguns americanos de sua contemporaneidade, como Upton Sinclair e Michel Gold. A autenticidade do tema do Moleque Ricardo, entretanto, com a sua vivência vivida no Recife e do seu mural político, faz com que José Lins do Régio produza, realmente, uma obra original. Algo de Beibit, por certo, existiria no dr. Pestana, no sentimento da incipiente e íntima indiferença burguesa, que a esposa leva a conexão mais características: a deputação federal.

Ricardo, amolecido pelo barro patriarcal do Santa Rosa, afundar a infância no massapé gordo daqueles engenhos, vem florescer no Recife. É um esforço literário de êxodo, e, principalmente, um estorço libertário, moral, o que aliás domina toda a obra angustiada do romancista parabião, que temos pretendido fixar nestes trabalhos. Essa libertação moral se resume em Ricardo abandonando o engenho para que não lhe aconteça assistir à libertação das mães: "As vezes couro a tua entrando pelas telhas via tudo, mas fazia que não via. Ela reclamava: Olha o menino".

No Recife, na proletarianização da padaria, o Moleque passa a uma vida mais real, informada pelo trabalho, por aquele esgotamento físico que o suor gasto na padaria deixava. E, ao mesmo tempo, é o nome ambiente de pão, que o Moleque Ricardo vai tendo reveladas as fac-

O ROMANCE POLÍTICO DO RECIFE

VIRGINIUS DA GAMA E MELO



tas sociais da vida do Recife, ou melhor, duma proletarianização urbana. Os seus amigos, companheiros de trabalho, desbastando as naturais distâncias do início, vão pouco a pouco introduzindo-o no íntimo de suas vidas. E Ricardo, solteiro, bem morado e bem comido, vai penetrando naquela miséria. Vê os meninos no mangue: "Os meninos eram amarelos como o do engenho, mas eram mais felizes ainda. Lá eles tinham o rio e a capoeira para entreter os vermes e o impudalismo. Os filhos de Florêncio faziam concorrência com os urubus, cascavilhando no lixo". Afastado do proletariado do centro urbano, aquelas zonas circundantes características de toda cidade, vai ele procurando obter da terra as formas de vida, que a cidade lhe nega. "O mangue é habitação, é comida. "O massapé, a mulher e quatro filhos, dormindo numa tapeta de quatro paredes de caixão, coberta de zinco. Custava 12 mil réis por mês. A água do mangue, na maré cheia, ia dentro de casa. Os marujos de noite engolavam um copo dos meninos. O mangue tinha ocasião que fedía e os urubus faziam ponto por ali atrás dos petiscos. Perto da rua lavavam couro de boi, pele de bonde para o cortume de um espanhol. Morria peixe envenenado e quando a maré secava os urubus enchiam o papo, ciscavam a lama, passeando brachinhos pelas biqueiras dos mocambos. Comiam as tripas de peixe que saíam pela porta afora. O bicho feio ficava de espreita, esperando. Os filhos de Florêncio passavam o dia pelo lixo que as carroças deixavam. Um pedaço de maré que estavam atterrando. Chegavam em casa, às vezes, com presas magníficas: botinas velhas, roupas rasgadas, trapos que serviam para forrar o chão, tapar os buracos que os caranguejos faziam dentro de casa. Eram bons companheiros, os caranguejos. Viviam deles, roiam-lhes as patas, comiam-lhes as vísceras amargas. Cozinham nas panelas de barro, e

os goiamuns de olhos azuis, magros, que só tinham o casco, enchiam a barriga deles. Morar na beira do mangue só tinha esse vantagem: os caranguejos. Com o primeiro trovão que estouravam saindo doidos dos buracos, enchiam as casas com o susto. Os meninos pegavam os fugitivos e quando havia de sobra enganchavam para vender. Para isto andavam de noite na lama com lamparina acesa na perseguição". Uma descrição dessas da vida do mangue faz gosto até ao general Cordeiro de Farias, ultimamente muito preocupado com as 250.000 pessoas que vivem entre nós dedicadas à pesca do siri. Onde se vê a terra é a mesma, a mesma gente. E o romancista opõe essa miséria contra a natureza, e a beleza da natureza, como a inanição que esse não foi o mundo que Deus criou: "Quando chegaram no poste de parada, o sol descia com toda a sua pompa de cores sobre o mangue coado. Maré plena. Só se viam de fora os mocambos mergulhados. Havia ouro na água serena, um ouro de raios de sol, brilhando para a vista. Aquilo era como se fosse uma pilhéria de Deus. Para que gastar tanto luxo com lama, com excrementos boiando, com tanta miséria?" e a doença, ainda, por cima, comendo o que restava: "Todos ali tinham moléstia em casa. Quando não era filho era mulher, irmã, mãe, ou seu pedaco de sofrimento".

E mais proximamente, mais diretamente ligado a si mesmo, Ricardo vai vendo e sentindo a miséria. Distribuindo o pão, cedo, na cidade, ele vai notando coisas que não se abrem ao chamado da corneia. E no moleque, no bom moleque do engenho, vai surgindo um sentimento de solidariedade: "Se aquele pão fosse dele o moleque faria uma figura bonita. Mas naquelas casas faltava um tostão: Da cama, o freguês estaria ouvindo a sua corneia tocando. E deixavam passar. O estômago esperaria por outra vez". Já aqui José Lins do Régio, elevando o quadro social de proletariado para a pequena

burguesa, vai definindo em ambas classes a mesma miséria, modificada apenas pelas suas condições exteriores, embora permanecendo a mesma.

Esta também poderia ser a mesma miséria do engenho, mas o ambiente rural, pelo seu estatismo, se distingue do ambiente urbano, pelo seu dinamismo. No engenho, a miséria é tacitamente aceita, acobertada pela esperança do reino do Céus e da vontade de Deus. O Moleque Ricardo, entretanto, na cidade, vai encontrar uma miséria não aceita pelos humanos, uma miséria de que os homens se procuram libertar. E a ausência de Deus, aliás exceção na obra de José Lins do Régio, que gravita em torno da divindade, é uma característica do proletariado urbano. Um proletariado que no seu pequeno mundo do padaria já começa a sentir as influências dos mundos novos que estão surgindo, e uma consciência de classe a se formar como única maneira de resistência e sobrevivência. Uma consciência de classe, ainda indistinta, ainda passível de exploração como acontece na luta política que envolve o Recife da época. Com o dr. Pestana, com um socialismo para uso externo, arrebatando as massas e dizendo-se líder do proletariado, quando deles quer apenas o apoio, um apoio que lhe possibilita conquistar uma deputação federal. Os operários a ele se dedicam, ingênuos, dando guarda nos sobrados da Rua Nova e da Rua do Imperador, enquanto nos outros sobrados se enfileiram os capangas dos coronéis do interior. Os pequenos chusos que surgem, pequenos detalhes humanos de uma campanha dolorosa, vão atingindo Ricardo. Florêncio, capanga do dr. Pestana, que não é mais que o dr. Joaquim Pestana, na vida real, uma espécie de Pelópidas Silveira na vida atual, baleado, recebe Ricardo no hospital. "A freira pediu a visita para sair. Florêncio porém queria distar mais alguma coisa. E pediu para que ele mandasse alguns coisa para a mulher. Ricardo deixou o hospital reduzido a nada. Pensou naquele pessoal morrendo sem saber porque. Pais de família metidos naquilo como numa brindeadeira". Já Abílio, capanga dos Pesoa de Queiroz, mutilado de uma das pernas, não fica assim sozandando como Florêncio. Os Pesoa de Queiroz compram-lhe uma casa, aposentam-no. Não irá sofrer muito, Abílio, inválido, reduzido à companhia dos passarinhos, terá pelo menos o essencial. Nisso, ainda é o patriarcalismo do engenho que leva José Lins do Régio a distinguir as duas atitudes, a tradição de uma família e a eclosão de um elemento novo, isolado.

A conclusão do romance é a mais definitiva possível como o romance político-social. Vão os operários, entre eles, Ricardo, envolvidos de ingenuidade e inocência, julgados pelos falsos líderes socialistas, numa campanha inglória, para o presidio de Fernando de Noronha. E os companheiros que ficam, no caso, naquela página que Otto Maria Carpeaux considerou a maior do romance brasileiro, não entendem:

"Que fizeram eles que vão para Fernando? Ninguém sabe não".

EM TORNO DO "BANGUÊ"

OLIVIO MONTENEGRO



ção do medo reforça de um poder invencível obstáculos que não fariam hesitar uma criança. As próprias sombras viram fantasmas, e o vento é uma asombração perene.

Zé Marreira, por exemplo, o inimigo de Carlos, que se robusteceu e se tornou temível à sombra da sua fraqueza, assume no romance o ar de um monstro mitológico. Moleque ambicioso e sagaz, dissimulado e frio, que se planta no engenho como a quimera da fábula: para devorá-lo. Zé Marreira de um lado, e a uaina do outro: duas quimeras.

Querendo nos dar a decadência da vida hoje de engenho, que a Uaina - essa grande Boa de aço que se nutre tão bem das terras vermelhas dos Banguês - vai absorvendo aos poucos, por um processo lento, mas sagaz de constrição, o autor, fiel ao seu método do *Menino de Engenho*, não faz discursos em torno de temas sociais, não perora ao gênio proletrário, r' m tinge tão pouco de cores paradisíacas. "as a vida antiga do engenho, para o efeito do contraste, para a sensação da tese. Tira apenas desse motivo o seu romance, e nele se deixa ir com uma estranha força de sentimento e de paixão.

Sente-se que para o autor de *Banguê* o gênio não é paciência, mas é arrebatamento e pressa. Tudo o que ele exprime de idéias e sentimentos nota-se que vem fumegando do primeiro jato, à lei da primeira inspiração. Entretanto não digo que um pouco de paciência e de trabalho pudesse encerrar uma violência a essa espontaneidade e a essa inspiração. Antes pelo contrário, muita vez, até a aprofundar em novos motivos de beleza, e a intensificaria em imagens de um sentido mais aderente e profundo. Mas há escritores para quem retocar é se restringir, e em quem a inspiração é urgente demais para os certos repêndios de avaliação e de crítica que requer uma arte ansiosa de perfeição. São escritores que fazem da sua arte uma como forma mais simples de viver. Mas daí mesmo o sentido largamente humano das suas obras, o não sei que de ingênuo e perigoso que eles revelam da vida. De incoerente e de brutal. José Lins do Régio tem todo o poder e a coragem desses escritores. Aquela cena de amor por exemplo, que vem num dos capítulos do seu livro, a paixão de Carlos por Maria Alice, dá uma impressão perturbante, e não por nenhum mistério ou complicação de enredo em que ocorre o adultério; só pela sinceridade com que o descreve. Não é um drama inventado; é um drama vivido o dessa paixão.

E quero crer que poucos romancistas brasileiros tenham o poder de se encarnar nos seus personagens como o autor do *Banguê*, levando para eles toda a agonia e a vibração dos seus nervos.

Olivio Montenegro, in
"Boletim de Ariel",

romance uma tese. Mas ao meu ver dá-se justamente o contrário; em romance de tese é onde o autor fica geralmente mais fora do seu livro, mais espetacular - melancólico e hestamente espectador. Tudo é calculado, medido e pensado em relação à tese, a uma abstração de raciocínio, a um determinado corpo de idéias, que isola e paraliza no autor todos os impulsos espontâneos de sensibilidade, todos os imprevistos de emoção. A tese começa devorando o autor antes que o autor devore os seus personagens. Porque enfim é raro mesmo um romance de tese onde as figuras não se movam com a precisão e a rigidez de bonecos à mola, e onde as cenas da vida não sejam de um decor de teatro. E tudo por essa razão mesma de que o autor ficou do lado de fora do seu livro, à parte dos seus personagens, na estufa da sua tese. O que seria antes mais certo dizer é que não se conhece nenhuma grande obra de arte em que nela não se descubra o autor, em que o seu sentimento e a sua emoção não o reventem e a sua fotografia. E para prova bastaria citarmos o caso de Shakespeare, cujas melhores biografias são escritas através dos seus livros, da vida de muitos dos seus personagens.

De propósito antecipei estes comentários para falar do último livro de José Lins do Régio, *Banguê*. É um autor de ontem, que surgiu fazendo surpresa aos seus próprios amigos, num gênero de literatura que ninguém lhe conhecia, e em meados de dois anos já publicou três romances que o fizeram um menino malhado do público, o que em escritor de menos talento seria de um grande perigo. O público alauda forte, mas aplaude quase sempre com as mãos e com os pés.

José Lins do Régio é desses autores justamente mais opostos ao gênero dialético de romance, o romance doutoral, o tal romance de tese de que falamos acima solene e de boca e onde o autor fica todo distante e ao avesso dos seus personagens como Medéia dos seus filhos. Não há, pelo contrário autor, como o romancista do *Banguê* que se derama mais nos seus livros, que se desafoga com mais volúpia de toda a carga tumultuária de sentimentos e emoções íntimas nas histórias que conta. E o curioso é que esta mesma intensidade explosiva de sentimentos e de emoções é que o salva do vício tão comum ao homem de uma história: o vício da banalidade. Isto é em *Banguê*, nota-se um livro de perspectiva mais larga, de uma maior riqueza de ficção, com mais vigor dramático, e por isso mesmo mais romance do que os dois primeiros, ainda que dentro do mesmo assunto.

Pouco importam certas propriedades de forma, e certos abusos de detalhes que, por vezes, parecem ir diminuir sensivelmente o ritmo do livro. A imaginação e a sinceridade emocional do autor logo purificam tudo como um fogo sagrado.

Agradecendo à "Sociedade Felipe de Oliveira", o prêmio dado ao seu romance *Corumbas*, o Sr. Armando Fontes, aproveitou para contar-nos a gênese do seu livro. De como ele brotou e se fortaleceu (e se fortaleceu em muita parte com um vigor de gigante) no seu espírito. Para muita gente este gênero de confidências, é, como diz Poe, uma verdadeira desilusão. E costume imaginar-se toda grande obra de arte surgindo sempre em meio de circunstâncias maravilhosas; brotando súbita, complexa e inexplicável como a um fiat, de milagre. E quando vem o autor e expõe sem reservas, tranquilamente, o processo de um labor sério - pertinaz e lógico, através do qual o seu livro adquiriu forma e vida, o leitor ingênuo abre logo os seus grandes olhos de espanto.

O mais curioso porém do discurso do Sr. Armando Fontes, são as suas observações, de um fino bom senso, a respeito de romance, que se coloca, como toda verdadeira obra de arte em uma situação o seu tanto independente das circunstâncias de tempo e de lugar. Com efeito: o romance o que deve exprimir é a vida, mas a vida bem entendido, que interessa à arte, naquela vida que os nossos sentidos não isolam em tendências ou formas unilaterais, esses mesmos sentidos que, se em ciência são um vidro de aumento, em arte são um corpo prismático.

De outra maneira o melhor romance moderno seria incontestavelmente o que mais se aproximasse, nas suas representações ideais, de um tipo socialista de vida, que falasse de mais perto à alma proletária, enfim o romance de escola. Mas a verdade é que os fatos políticos, sentimentais, sociais e econômicos de um povo são para o artista apenas motivos que se vem reunir em torno de um motivo superior e mais alto, que os domina soberanamente. E este grande motivo é o espírito do autor se ele tem espírito. Porque se isto lhe falta, e lhe falta gosto, sensibilidade e emoção para compreender e sentir a vida através da sua carapaça de formas, a vida como uma representação de valores ideais, todo o grande espetáculo do mundo exterior, toda essa dramática ação de hoje, para uma vida social não mais em solo, como nos regimes capitalistas, mas em volumes universais de orquestração como nos regimes socialistas, quando muito pode inspirar o *Estrangeiro* do sr. Plínio Salgado, que talvez não valha ainda hoje o pior romance de cavalariá da idade média.

Quando somente o Sr. Armando Fontes me pareceu menos observador e justo no seu discurso - e menos justo consigo mesmo! - é quando sustenta que no verdadeiro romance o autor deve ficar do lado de fora do seu livro, como espectador, e que outra não foi a sua atitude escrevendo *Corumbas*. Atitude de imparcialidade, de autor que não faz do seu

CRONOLOGIA DE JOSÉ LINS DO RÉGO

19 01. Nasce a 3 de junho, José Lins do Régo Cavalcanti, na Vila do Pilar, Estado da Paraíba. Filho de João do Régo Cavalcanti e Amélia do Régo Cavalcanti.

19 02. Morre dona Amélia, ficando José Lins aos cuidados da tia Maria - a Maria-Menina de seu romance inicial, até os cinco anos quando ela se casou e passou os cuidados do menino à tia Naninha, que o deixou ao casar-se, cinco anos depois.

19 11. Entra para o Instituto Nossa Senhora do Carmo, em Itabaitana, de professor Maciel, sob o regime da palmatória e da segregação.

19 13. Transfere-se para a Paraíba (Capital do Estado), onde vai estudar no Colégio Diocesano Pio X, dos Irmãos Maristas.

19 16. Leitura de "O Atheneu", de Raul Pompeia; escreve, na revista "Pio X", uma página de exaltação ao rei Alberto I, da Bélgica.

19 17. Publica, no "Diário do Estado", seu primeiro artigo. Tema: Aluizio Azevedo.

19 18. Leitura de "Dom Casmurro", de Machado de Assis. Torna-se amigo de Olívio Montenegro, que lhe vale contato com as obras de Stendhal e Rousseau; nesse ano, publicou, em setembro, no mesmo jornal ("Diário do Estado"), um soneto intitulado *Ventura morta...*, dedicado "A alguém..." e datado: Recife, 25-8-918.

19 19. Matrícula-se na Faculdade de Direito do Recife.

19 20. Sua grande admiração é para José Américo de Almeida que conheceu nas últimas férias na Paraíba.

19 22. Participa da campanha de Manuel Borba à pretensão do presidente Epitácio Pessoa de intervir em Pernambuco, o que não impediu a sua colaboração literária domingueira no "Jornal do Recife".

19 23. Conhece Gilberto Freyre, chegando da Europa depois de estudos universitários nos Estados Unidos, cuja influência "é profunda e duradoura".

19 23. Funda com Gilberto Freyre, Osório Borba e Olívio Montenegro um seminário de crítica política e literária, o "Dom Casmurro", de vida efêmera.

19 23. Forma-se em Direito, no Recife.

19 24. Casa-se com Filomena Massa (Nana), filha do Senador Antônio Massa, político de prestígio e proprietário de terras na várzea do Paraíba.

19 24. Informa a Revista "Era Nova", em seu número 64, de junho: "Duravante, a nossa secção bibliográfica ficará a cargo do nosso ilustre colega sr. dr. José Lins do Régo, a quem, é escusado dizer, reconhecemos qualidades intelectuais suficientes e que garantem imparcialidade e justiça dos conceitos referidos nesta coluna. Dará-se ao público da Paraíba parábens pelo aquisição que acabamos de fazer e ao nosso colega sr. José Lins do Régo pela responsabilidade de que vem de tomar em benefício de nossas letras. No próximo número publicaremos as suas primeiras crônicas sobre o livro do dr. José Américo de Almeida "A Paraíba e seus problemas".

19 25. É nomeado promotor público de Manhuçu (Minas Gerais). Aproveita o tempo vagão e lê Hardy e Proust. Assina "La Nouvelle



Da esquerda para a direita (alto): 1 - Paulo Alfeu Miranda Henrique; 5 - Otacílio Jurema; 6 - José Lins do Régo. No meio: 2 - Dustan Miranda; 3 - Gazi Sá; 4 - Josué Pimentel; 5 - Luiz Gonzaga Buriti; 6 - João Lira. Filia de Baixo: 1 - José Meireles; 2 - Cônego Amâncio Ramalho; 3 - Monsenhor João Milanez; 4 - Oscar Pedroza (Foto: Gentileza do Dr. João de Farias Pimentel Filho).

19 26. Muda-se para Maceió (Alagoas) onde vai exercer as funções de Fiscal de Bancos. Ali conhece Valdeimar Cavalcanti, Aloísio Branco, Carlos Paullino, Aurélio Buáque de Holanda e Jorge de Lima, a quem sugere o tema para "Essa negra Puló".

19 29. Escreve "Menino de Engenho". (O primeiro título apostro nos originais era "Memórias de um Menino de Engenho").

19 30. A revolução "encontra-o gênero de um prócer da velha ordem". É demitido das suas funções. José Américo de Almeida, seu amigo, consegue a sua readmissão, e permanência em Maceió onde continua a fazer crítica literária, definindo no estudo que escreveu para os "Poemas Escritos" de Jorge de Lima, sua posição ante a agitação Modernista.

19 32. Editado "Menino de Engenho", Aderson, editores. Rio de Janeiro. Prêmio da Fundação Graça Aranha, ali defendido por Paulo Prado, 19 32. - Na lista dos seus colaboradores, a Revista "Boletim de Engenho" dirigida por Gastão Crêe e Ariepio Grieco, número de outubro, inclui o seguinte verbete: "JOSÉ LINS DO RÉGO - Crítico algoano, amigo de Jorge de Lima e Gilberto Freyre. Vem de estampar a novela "Menino de Engenho".

19 33. Escreve e vê editado "Doidinho", seu segundo romance, pela Ariel Editora, Rio de Janeiro.

19 34. Começa a escrever a continuação das suas reminiscências. Conhece José Olympio. Este lhe faz, por telegrama via Western, a proposta de editá-las numa edição de dez mil exemplares e a reedição de "Menino de Engenho" com cinco mil, o que é aceite.

19 35. Muda-se para o Rio de Janeiro.

19 35. Lança "O Moleque Ricardo", pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro.

19 36. Escreve e publica as "Histórias da Velha Tobacco", literatura infantil. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro.

19 36. Com o aparecimento de "Usina", lançado pela Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro, encerra o seu Ciclo da Cana de Açúcar.



19 37. Lembra-se de uma pequena estação de estrada-de-ferro do interior de Pernambuco e, em vinte e oito dias, escreve "Pureza". Editado a Livraria José Olympio. Rio de Janeiro.

19 38. Lançamento de "Pedra Bonita", pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro.

19 40. Traduz "A Vida de Eleonora Duse" de E. A. Reinhard. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro.

19 41. Com o livro "Água-mãe", recebe o Prêmio Felipe de Oliveira. Edição da Livraria José Olympio. Rio de Janeiro.

19 42. Lançamento de "Gordos e Magros", ensaios, pela Editora da Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro.

19 43. Volta ao antigo tema do Ciclo da Cana de Açúcar com "Fogo Morto". Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro.

19 43. Publica "Pedro Américo", conferência. Editora da Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro.

19 44. Visita o Uruguai e a Ar-

gentina, em missão oficial. 19 45. Publica "Poesia e Vida ensaios", pela Editora Universitária de Janeiro.

19 46. Publica "Conferências Prata", tendências do romance brasileiro - Raul Pompeia e Machado de Assis. Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro.

19 47. Aparece o primeiro (e também) romance do escritor desenvolvido no Rio: "Eurídice", Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro.

19 50. Faz sua primeira viagem à Europa, visitando a França a convite do governo francês.

19 51. Volta à Europa, acompanhando Portugal, a Suécia e Dinamarca, integrando uma delegação sylvia brasileira.

19 52. Começa a publicar, em lhetim, na revista "O Cruzeiro", o romance "Cangaceiros", com ilustrações de Cândido Portinari. Aparecem editados "Homens, séres e coisas" publicado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, Rio, e "Bota de sete ligas" impressões de viagem, pela Editora "A Noite", Rio de Janeiro.

19 53. "Cangaceiros" é publicado em volume pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. Prêmio de delegação brasileira de futebol que vai ao Peru concorrer ao Campeonato Sul-Americano de Lima.

19 54. Lançamento de "A Casa do Homem", Edição da Organização Simões, Rio de Janeiro.

19 54. Desejando ir aos Estados Unidos visitar uma filha, tem a viagem de passaporte negado pelo Departamento de Estado, Viazja à Europa, e chega a Finlândia.

19 55. Volta à Europa e visita Grécia. Publica "Roteiro de Larissa" numa edição de Centro Cultural Brasil-Israel, no Rio de Janeiro. Em setembro, é eleito para a Academia Brasileira de Letras como sucessor do Ministro Ataúlfo da Paiva, na Categoria nº 25.

19 56. Lançamento de "Meus velhos anos", memórias. Livraria José Olympio Editora.

19 56. Nova viagem à Europa. Permanência na Grécia.

19 56. A 15 de dezembro empossa-se na Academia Brasileira de Letras. Recebe-o Austréglio Athayde.

19 57. Lançamento da "Presença do Nordeste na Literatura", Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro.

19 57. Publicação dos "Discursos de posse e recepção na Academia Brasileira de Letras", Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro.

19 57. Lançamento de "Gegões Troianos", crônicas de viagem, pelo editor Carlos Ribeiro da Livraria José. Rio de Janeiro.

19 57. Falcece no dia 12 de setembro, às 1:15 horas no Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro, onde se achava internado. Seu corpo foi exposto em câmara ardente na Academia e sepultado no Cemitério de São João Batista.

19 58. As edições O CRUIZEIRO no Rio de Janeiro, lança, "O Vultoso e Fonte", volume de crônicas, ensaios e notas de viagem, alguns ensaios de morrer, confiado à Editora.

VARIAÇÕES SOBRE O CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR

JUCA PONTES

MENINO DE ENGENHO

"... Eu não: era sabendo de tudo
era adiantado nos anos, que ia
atravessar as portas do meu colé-
gio.

Menino perdido, menino de engenho".

(José Lins do Rego)

1
De rebuque & esporas,
a cavalgar na janela
do vagão do trem.

Rebuscadas lembranças
espostas sob caminhos
de paisagem aberta,
(passagem de sombras)
que se aguçam de curiosidade
e ergue-se à frente
da mata em carreiras.

2
E corre se estrebucha,
Para beijar
o rosto de sua mãe,
todo banhado de sangue.

Na sala,
D. Clarisse morta,
estendida ao chão).

Na memória,
o olhar nos jornais
com os retratos
estampados
em primeira página.

3
Menino de engenho
de sito e cenário do brejo,
ranhavel e bagaceira
em terras vermelhas
dos bangüês.

4
No pátio da Casa Grande,
a existência (re)buliçosa
da intimidade
entre moleques safados
e negras depravadas,
da bagaceira em festa
(fazendo amor com as
vacas soltas no curral).

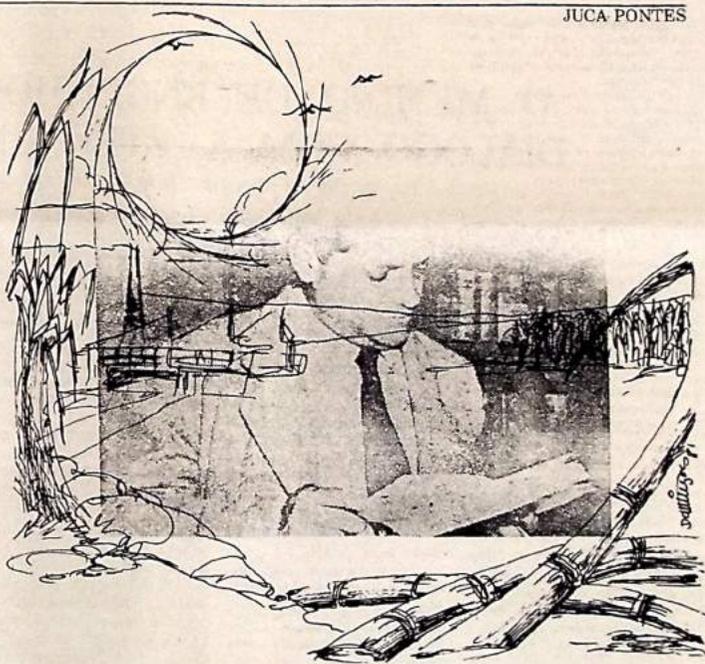
- o sexo em visita,
varando noites frias
pelo engenho Corredor.

5
Os pintos da chuva, caindo
nas biqueiras da casa em partilha,
trazem promessas às arribações
na roevada para os bebedouros.

- (a) batidas pela seca,
em seus dias de travessia.

6
Os moleques vadios
na copía,
colhem
trezentos-bois vermelhos,
em brincadeiras
da tarde.

escondendo suas violações
dos banhos proibidos.



7
No repasto,
às pressas e truncados,
Tio Juca
pastoreia o curral
em terras de paus
e de chocalhos
(olhando para
o Curimatá,
descendo com muita água
nestes dias de chuva).

8
Das estórias do cangaço,
contadas por Antônio Silvino
(quando pemoitava
pelo engenho),
espantando de males
a Velha Sinhazinha.

Das lembranças
dos passeios de bônde
a Dois Irmãos.

Das conversas
com as raparigas de Pilar
(quando iam fazer a feira
em São Miguel).

9
Um reino
espantosamente
fabuloso,
(cenário para
os partidos políticos
da cana).

Feito homem
- o menino
(moleque vadio)
debruçado na poeira
dos velhos móveis
da Casa Grande,
recorda atentamente
seus verdes anos
aos ventos e canaviais,
aprazendo o que ainda
lhe resta de engenho.

- e a sentença do não,
pelas paixões do corpo
(na hora de ir pro
colégio da cidade grande).

USINA

Enormes moendas
espatifando,
como máquinas
de fábrica,
toda cana madura
pelas varzeas
do Santa Rosa.

- este sinal de Fogo Morto,
de bagaceira virgem
e canavial ardente.

DOIDINHO

Noite açotando silêncio
hoje parecendo mentira.

como fantasmas esquecidos
de folia nos quintais.

Moleques vadios da bagaceira,
correndo pelos campos e arados
em tempo de brincadeira.

- às voltas e às tontas
com a cana-de-açúcar,
no massapé dessa terra.

BANGÜÊ

A estrada é o boi
que engole o tempo,
no quadro da feira
de Itabaiana.

Rompendo o tempo
num estalo,
a passarada assustada
com os galos
nas torres da igreja.

As águas rolando
sobre a tarde descoberta,
assassinando imagens
de um tempo perdido
(o apito do trem
na velha estação
da Great Western),
às margens
do rio Paraíba.

- o menino e sua viagem
na voragem do tempo.

O MENINO DE ENGENHO NUM DIÁLOGO COM A ETERNIDADE(*)

José Lins, antes de morrer, fala a um repórter

Tudo começou numa manhã - e José Lins do Régio é de acordar às 5 da madrugada, não importa a hora de dormir. Crise hepática, a primeira forte e irresistível. Depois, o transporte para o Hospital dos Servidores do Estado e uma noite de inquietação e expectativa. O escritor, em estado de intranquila inconsciência, e os amigos amedrontados e nervosos, pelos corredores, no murmúrio das lamentações. E veio o outro dia, e o seguinte, encontrando José Lins no desespero da mesma crise. Dezenas de hipóteses e juízos sobre a doença, e o médico antevendo, com uma frieza de vidente e o otimismo de candidato à sorte grande, o desfecho de tudo. Mas, dúvidas, essas eram comuns a todos. No fim do terceiro dia, tudo pareceu se recompor e uma possibilidade de vitória renasceu. Outros sucessos se juntaram e dias depois, quando tudo parecia resolvido, sobreveio a segunda crise. Seu estado clínico funcionava com o ímpeto de maré de agosto: violenta tanto na cheia quanto no preamar. Mas, num sábado de sol intenso - um "intermezzo" do tempo frio que acinzentou o Rio durante mais de um mês - o romancista paraibano, deitado na sua cama de hospital, assistia ao seu espetáculo favorito: futebol. Jogo Fluminense x Vasco. A partida, porém, não chegou ao fim antes que o amargor da doença voltasse. E voltou com toda a intensidade: crise hemorrágica. A televisão desligada e o dr. Theobaldo Viana - no seu descanso caseiro - convocado. E agora? perguntaram-se todos.

- Eu vou morrer - chegou a confessar José Lins ao poe-

ta Thiago de Melo, que o acompanha, interno no hospital.

Foi então, e quem conta é o próprio escritor, que começaram a chegar e a desapeçar, na sua mente de emigrado do mundo comum, vultos e imagens perdidas.

- Numa daquelas progressões de círculos concêntricos que traziam e afastavam figuras, vi Washington Luiz, que veio vindo e estirou-me a língua... Depois sumiu.

- O mais?

- Não há nada de pitoresco para contar.

Fora da cama, José Lins aponta para ela, como náufrago longe das ondas: "ali não há brincadeira". Ele sabe muito bem o que passou e por mais que imagine extraordinária a melhora, ainda não estará sabendo do que se livrou. E não fala em milagre para explicar o sorriso que começa a ensaiar. Dona Naná, sua mulher, é quem sugere o fora-do-comum da sua recuperação: faz questão de descobrir uma imagem de Santa Filomena. A mulher o abraça. José Lins acaricia-lhas mãos e o fotógrafo, discreto, sem explosões de "flash", trabalha. Agora, José Lins abraça os poetas Thiago de Melo e Léo do Ivo. "São os dois grandes poetas da nova geração".

O ciclo de frequentes diálogos com a eternidade de José Lins do Régio alcançou seu maior momento na terceira hemorragia: "e que seja a última". Entre a erupção dessa crise - a mais violenta e o seu regresso à razão, foi preciso usar artifício extraordinário e decisivo: introduziram-lhe uma sonda, pelo nariz, e fizeram o tamponamento do esfago. Anun-

ciaram para 48 horas a retirada. O tamponamento era uma cartada muito séria: deu sorte. Antes, porém, que chegasse à poltrona em que se senta para nos receber, José Lins recebeu os sacramentos da "vida e da morte" que o Padre Campos Góis, seu colega de campanha do Flamengo e célebre vigário de São Judas Tadeu, lhe foi oferecer em nome da Igreja. José Lins crê em Deus? Não importa se acredita ou não. Num certo momento da doença, chegou a dizer: "mais importante que saber viver é saber morrer". E nesse momento...

E quando José Lins voltou da grande crise? Perguntou pelo jogo do sábado, que deixou no meio, o do domingo quando o Flamengo venceu o América, por três a zero.

José Lins estava há 51 dias do princípio de tudo e há 21 da última crise hemorrágica. Todos gabavam sua fisionomia alegre, apesar de abatida e pálida. Dão-lhe notícia da repercussão da sua doença. O dr. Theobaldo Viana que o assiste no seu serviço de HSE (substituiu o dr. José Rodrigues que tratou nos primeiros dias) conta que o cabineiro do seu edifício lhe pede notícia do dr. "Zé Lins" diariamente (o rapaz é Flamengo); a enfermeira diz que os telefonemas não param - alguns milhares; o editor José Olympio diz que o romancista faz falta nas conversas da sua livraria; o sr. Austregésio de Athayde diz que, no seu jornal e na Academia, acontece o mesmo.

- Não demorei um mês, até que volte para casa.

Mas, em casa, o escritor talvez não saiba o que o espera: um controle de vida ex-

traordinário. Será um homem de gabinete "fadado a produzir mais", na opinião do médico. Terá uma dieta rigorosa, "mais pastosa e rica em açúcares, hidratos: hipercalórica". José Lins do Régio não está escondendo sua ansia de voltar a trabalhar: já tem na cabeça o primeiro capítulo do seu novo volume de memórias "O menino e o carneiro". Já o teria ditado, não estivesse habitado, ele mesmo, a escrever sua literatura.

Suas perspectivas, depois da tempestade de 51 dias, não eram más. Mas, está tão condenado a um repouso constante e sistemático. Há um vírus lutando contra José Lins menino de engenho, viado na carne seca e na rapadura, "bast-seller" de cidade grande, torcedor do Flamengo e "imortal".

Por enquanto, está vendendo - "tem um organismo de ferro" - e "vai vencer", querem seus amigos. Confiante, José Lins sorri: alegria de quem voltou da eternidade.

Vou bem, obrigado.

* Esta foi a última reportagem feita com José Lins do Régio, algumas semanas antes de sua morte. Luiz Gutemberg que foi o último repórter a avistar-se com o romancista, conservou inédito o seu trabalho jornalístico, do qual vários escritores e a família de José Lins tinham conhecimento, até a sua publicação, em primeira mão, no Suplemento da "Tribuna da Imprensa" de 22 de setembro de 1957. Um mês antes de morrer, o escritor ainda estava certo de que sua vida duraria muito. - N. da R.

JOSÉ SIQUEIRA

Por um repertório brasileiro

nos concertos musicais

• Gostaríamos que o sr. fizesse um retrospecto da sua vida até a adolescência?

□ Primeiro vivi em Conceição de Planco, que é a cidade onde nasci e fiz os primeiros contatos com a música. Foi com a Banda de Música do Cordão Encarnado, porque lá tinha a outra banda, a do Cordão Azul, inimiga. Depois tentei sair e fundei a banda de Música de Bonito de Santa Fé e todos os instrumentos foram ensinados por mim. Depois fui para Cajazeiras e em seguida fui para Patos, onde fiz parte da banda de música daquela cidade. Também fui para Princesa Isabel, onde fiz parte da banda e fui secretário de José Pereira. Completada a idade de servir ao Exército, vim para João Pessoa fui incorporado ao 22º Batalhão de Caçadores. Logo dois dias depois embarcamos na perseguição à Coluna Prestes, no interior do Maranhão, quando prendemos Juares Távora. Voltamos para João Pessoa e aqui recebemos ordens de seguir para o interior de Alagoas, em perseguição à Coluna. No interior de Alagoas recebemos ordem de acampar e Prestes tinha passado no outro lado do rio. Ficamos margeando o São Francisco, do lado de cá, enquanto ele passava do lado de lá. Depois voltamos para João Pessoa, e me deram passagem para o Rio de Janeiro. Quando deixei João Pessoa naquela época existiam apenas as bandas de música da Polícia Militar e do Exército, e nada mais. Não se viam compositores. No Rio de Janeiro fiz o curso de composição, que era o que eu desejava. Então comecei a estudar na Escola Nacional de Música e na Escola da Universidade. Concluí meu curso em 1933 e logo em seguida fiz concurso de composição na Universidade do Rio de Janeiro, que tinha sido criado naquela época.

• O sr. que tem a formação em bandas de músicas do interior, como vê a importância destas bandas na formação do músico clássico no Brasil?

□ As bandas de músicas, costumam chamar de conservatórios ambulantes. É uma coisa importantíssima porque você aprende tocar o seu instrumento e aprender a tocar os dos outros. Todos os grandes músicos brasileiros começaram em bandas: Francisco Braga, o próprio Eliezer de Carvalho foi músico de banda. Todos nós fomos músicos de bandas. A banda é para nós um conservatório. É um ensinamento permanente de instrumentos musicais.

• Maestro, o sr. é partidário de uma música para a massa. Como é que podemos conciliar este tipo de música para a massa, com este tipo de repertório que as nossas sinfônicas apresentam: Vivaldi, Beethoven, etc?

□ Nós estamos precisamente criticando isto e estamos chamando a atenção para a questão da programação. É preciso advertir o jovem regente que está aí, porque ele tem que pensar em termos brasileiros. Nós não podemos partir do Beethoven, por exemplo. Não se justifica que Eliezer venha aqui fazer propaganda de Beethoven. Deviam existir aí duas grandes orquestras brasileiras para o povo do Nordeste conhecer, há esta obra e ela foi tocada no exterior, com grande agrado. E preciso os

grandes mestros se convencerem disso. Não fica por bem se ouvir só Beethoven, se precisa ouvir o outro. Os americanos neste particular já tentaram e conseguiram. Hoje eles já estão com um grande número de compositores divulgados no país todo. Existe contra nós as multinacionais do disco. Nós estamos dirigidos por elas, que gravam simplesmente a música popular ordinária, de má qualidade, mal orquestrada.

• Já que o sr. falou em música popular brasileira, o que há de mais importante na recente MPB? De 20 ou 30 anos para cá, o que lhe chama mais a atenção?

□ As músicas de Chico Buarque são bonitas. As de Caetano Veloso não são todas boas, mas têm inspiração. As idéias musicais deles são boas; agora, o que é ruim é a orquestração. E que são orquestrados por outros, que orquestram mal, ou vão ser tocados por gente que não tem gosto. A Bahia, de onde Caetano veio, é o foco da música brasileira com origem negra. O que caracteriza a música popular é ser justamente simples melodicamente, harmonicamente, no Brasil. A América do Norte faz sua música popular bem harmonizada, bem orquestrada. Você compare uma música popular norte americana ao lado de uma nossa, que é de uma interioridade absoluta. O número de orquestradores é muito pequeno. Nós estamos metidos nesta situação bastante séria por isto. Uma vez Chico Buarque disse: eu sou poeta não sou músico. A gente tem que aceitar. Chico é muito popular. Por que ele achar que é poeta e não músico? Porque ele sabe que o que está escrevendo em literatura tem algum mérito. A própria Banda, que o tornou célebre, é uma coisa simples, não tem influências.

• O que o sr. acha do trabalho de Guerra Peix e para comemorar o aniversário da gravadora Copacabana, reunindo músicas populares e de um tratamento erudito?

• Eu acho que se deve fazer muitas vezes isto. Repare o número de rádios no Brasil tocando músicas eruditas. É muito pequeno. Só uma, a rádio do Ministério da Educação e Cultura, toca música erudita. O resto não toca.

□ Então, se não há esta aceitação pela música erudita, o problema é de educação nas escolas?

• Eu não aceito esta tese de que não há aceitação. O que não há é divulgação. A música não é tocada em lugar nenhum. Os alunos das universidades do Brasil, hoje, não ouvem isto durante o curso que estão fazendo. Não se sabe se existem estes cursos que estou dando aqui agora para os alunos de todas as classes.

□ Então este caminho seria preparar a juventude para isto. Há algum tempo, com a Orquestra de Câmara do Estado, chegou-se à realização de concertos pelas cidades do interior?

• Isto é magnífico. Se continua é uma beleza. É a formação da geração nova. Fazer com que ela ouça música. E ela vai se interessar. Eu sou autor da ópera

da *Compadecida* e o autor do texto é Ariano Suassuna. Quando foi anunciada no Rio de Janeiro a *première* mundial, Ariano Suassuna não queria permitir, pensando que eu tinha feito um libreto. Fiz uma carta a ele dizendo: "Olha, Ariano, eu não fiz um libreto. Usei o seu livro, e usei a linguagem musical que existe no Nordeste, as melodias populares que acompanham o seu próprio texto. Na mesma fonte onde você bebeu o texto literário eu bebi o texto musical. Eu sou daí". E a obra foi apresentada assim.

□ Qual tem sido a receptividade do curso que o sr. está ministrando?

• O número de pessoas inscritas não era o que eu esperava. O curso se destina ao grande público, aos intelectuais e aos profissionais liberais. Eu acordei outro dia com o rádio ligado dizendo que a Grande João Pessoa estava se preparando. Imagine vocês que sai do Rio de Janeiro para ficar aqui na Grande João Pessoa nesta situação... A situação política é grave, gravíssima. O momento atual é o pior dos momentos que já vi em João Pessoa. De qualquer maneira o que quero dizer a vocês é que estou com o mesmo entusiasmo de antigamente, porque a cidade tem Orquestra de Câmara, como tem o Rio de Janeiro.

□ Em compensação as bandas do interior estão morrendo.



"O que é ruim em Caetano Veloso é a orquestração"

• O que contribui para isto é o custo dos instrumentos, que atualmente está na média de 30 mil cruzeiros. O Governo criou a Funarte que vem dando estes instrumentos às bandas. Eu me bati muito quando era presidente da Ordem dos Músicos e pedi aos militares que doassem os seus instrumentos usados para estas bandas do interior dos Estados, onde existe carência de aquisição de instrumentos.

□ Maestro, o que o sr. acha da indústria instrumental brasileira?

• Ela está parada. Do mesmo modo como a indústria de automóvel. As de instrumentos estão fazendo a mesma coisa. As fábricas da Alemanha, e dos Estados Unidos estão com uma diferença grande da nossa, em qualidade, além do preço. Por exemplo, o trombone americano custa de 60 a 70 mil cruzeiros, enquanto que o brasileiro custa nem 20 mil cruzeiros. Ai entram os interesses das grandes empresas, das grandes organizações. As fábricas japonesas estão botando instrumentos

no mercado brasileiro, através da Mesbla.

□ Maestro, qual a sua opinião sobre a construção do Espaço Cultural?

• Acho uma coisa de grander alcance. Seria necessário que os paraibanos continuem a desenvolver esta idéia do governador Tarcísio Burty. Ele está entusiasmado e está contando com uma equipe muito boa. É preciso que isto continue com o seu substituto. O problema é que quando muda o chefe, muda tudo.

□ Maestro, a maioria das suas obras são gravadas no Exterior e não aqui no Brasil. Isto é verdade?

• É verdade. Sou autor de 600 obras registradas. Villas Lobos tem duas mil obras. Depois dele sou o autor que mais tem obras. Agora mesmo o Ministério do Exterior publicou um catálogo com algumas músicas. A Paraíba não sabe de nada da minha obra. Eu imprimi muito na União Soviética e os edi-

Paraibano, natural de Conceição, catedrático da Universidade do Rio de Janeiro e regente da Orquestra Sinfônica do Brasil, José Siqueira está em João Pessoa para ministrar um curso de apreciação musical, promovido pela Diretoria Geral de Cultura do Estado. Siqueira é um músico plenamente reconhecido no exterior, já tendo regido a Orquestra Sinfônica de Moscou, a Filarmônica de Berlim, além das Sinfônicas de Viena, Hamburgo, Londres, Boston e Washington. Compositor, algumas de suas peças estão incorporadas aos repertórios de orquestras de vários países. Como vê a música hoje em dia, e o que Siqueira revelou em entrevista a Arlindo Almeida, Domingos Azevedo, José Octávio, Luiz Carlos de Souza, Petrólio Souto e Sílvia Osias.



"Os grandes músicos brasileiros começaram em bandas"



"A situação política é grave"



"Por que Beethoven?"

tores são de lá. Aqui no Brasil fui eu mesmo quem editei minhas músicas.

□ Qual a sua opinião sobre o jazz e qual a sua importância na música contemporânea?

• Teve uma importância imensa na música universal. É uma música popular americana bem feita, harmonizada e bem tocada. Influenciou todos os compositores populares do mundo todo. Influenciou o próprio compositor erudito. E o jazz é muito rico sinfonicamente. O jazz tomou conta do mundo inteiro. O mesmo teria acontecido com o nosso Brasil se o nosso material fosse levado ao mundo naquelas condições. Eu lamento é a maneira que ele fica lançado, posto à venda, levado ao povo.

□ O que o sr. acha da efervescência e da contribuição dos jovens, depois da II Guerra, nos Estados Unidos e Inglaterra, caracterizada principalmente pelos Beatles?

• Foi um fenômeno que está em plena decadência. A tese está em que o jazz, dentro deste princípio, quis abandonar o tudo que era tradicional e bonito para criar algum novo. Então começaram a surgir escolas novas. Mas a música é uma coisa difícil de acabar. Existe festival de música e mais avançado possível nos países socialistas. Mas acontece que começaram a fazer coisas em cima da música.